este cabecalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS
SABADO, 2 DE JANEIRO DE 1971 N.º 17 252 ANO 50.º PREÇO 1$50

COMPRE JOGO no CAMPIÃO LOTARIA - TOTOBOLA

GUNNARD JARRING, o nedianeiro da ONU para Médio Oriente, regres- a Nova York para ntar recomeçar as con- ersações de paz entre arabes e israelitas.

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

HOJE: GUARDE O "CABEÇALHO"

É A PARTIR de hoje que os leitores do «Diário de Lisboa» devem começar a juntar os «cabeçalhos» do nosso Jornal, a fim de se habilitarem a participar na iniciativa com que abrimos o programa comemorativo do nosso primeiro cinquentenário. Os leitores do nosso Jornal, por outras palavras, devem juntar todos os «cabeçalho's» dos «Diários de Lisboa» publicados dentro do período compreendido entre o dia de hoje e o de 31 de Março.

Como já tivemos ocasião de esclarecer, os interessados nesta iniciativa têm uma tolerância importante: é-lhes permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês, quando e se lhes for atribuído algum dos prémios instituídos e, por isso mesmo, necessitarem provar ser, de facto, leitores habituais do «Diário de Lisboa».

COMECE BEM O ANO TORNE-SE MILIONÁRIO

Um último esclarecimento para aqueles que se nos têm dirigido nesse sentido: a cada cupão-duplo enviado devidamente preenchido, deve corresponder uma colecção de «cabeçalhos» do «Diário de Lisboa», o que se torna lógico pois cada cupão-duplo identificará um leitor do nosso Jornal a quem será enviado um cartão de identidade, numerado, que o habilitará não apenas aos prémios instituídos para esta iniciativa ímpar na história da Imprensa portuguesa mas, também, a outros bene-

(Continua na página seguinte)

MENSAGEM DE ANO NOVO DO CHEFE DO ESTADO

CONTINUEMOS A SAUDAR AQUELES QUE SE BATEM PELA NOSSA VERDADE

O Chefe do Estado dirigiu ontem, pelas 13 horas, atrada Rádio e da Televisão, a sua habitual mensagem de Novo aos portugueses de todo o Mundo. Eis, em versão ıral, o texto da mensagem do sr. Almirante Américo naz

Eis-nos chegados ao primeiro dia da oitava década século XX, pelo que precisamente de hoje a trinta anos rgirá, para os que então viverem, o primeiro dia do sélo XXI.

Trinta anos foram sempre muito tempo em todos os culos, mas nunca, como neste, a sua influência pode rnar-se tão decisiva na vida da Humanidade. O que, na ealidade, poderá suceder nos próximos trinta anos? Como tilizarão os homens os prodígios da ciência e da técnica ue os anos vindouros porão ainda mais profusamente ao eu alcance? Caminharão no sentido do seu cauteloso progresso ou do seu aniquilamento? São perguntas insusceptíveis de qualquer resposta, mas que deveriam estar sempre presentes na mente de todo o homem consciente das suas responsabilidades, responsabilidades que o futuro rtamente irá tornando cada vez maiores e mais pesadas.

(Continua na 17.ª página)

A praia de Carcavelos continua a inaugurar a época balnear na linha do Estoril. Seguindo uma tradição que tem já alguns anos, os primeiros nadadores chegam logo no dia 1 de Janeiro, dispostos a provar que há praia durante todo o ano. É o provas! A aventura tem alguns adeptos, com coragem bastante para envergar o fato de banho e o «bikini» num dia frio como o de ontem. Mas Mas tem também muitos espectadores, bem regalados dentro dos sobretudos, divertidos com aquela grande exposição de «pele de galinha».

MAIS $50 NO PREÇO DO MAÇO DE CIGARROS (Ler na última pág.)

«O PRIMEIRO DE JANEIRO»

O nosso prezado colega «O Primeiro de Janeiro», dos mais antigos jornais e composição de relevo na Imprensa portuguesa, celebrou ontem o seu 103.º aniversário. Ao seu director, sr. Manuel Pinto de Azevedo Júnior, e aos que trabalham no prestigioso diário portuense, as nossas cordiais felicitações.

HOJE 40 PAGS.—VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da pág. anterior)

ficios que a seu tempo serão revelados.

Atenção, pois: começa hoje a grande iniciativa. Não tem mais do que enviar o cupão-duplo preenchido com letra bem legível e começar a guardar os «cabeçalhos» do nosso Jornal até ao dia 31 de Março. Atenção: por «cabeçalho» entende-se o título e a data do nosso jornal.

A grande iniciativa vai começar e nela podem participar todos os leitores do «Diário de Lisboa» habilitando-se a muitos e valiosos prémios, a maior dos quais ultrapassa tudo quanto foi já instituído como prémios da história da Imprensa portuguesa: um andar no Parque Residencial e Turístico de Miraflores (com mobiliário Gibo) e um luxuoso automóvel «Mercedes-Benz-200».

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

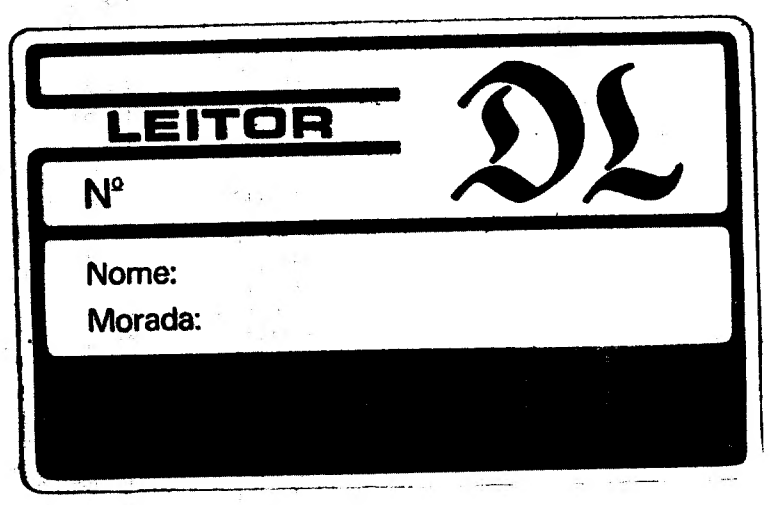
Aceitam-se, desde já, assinaturas pelo período da Iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130$00
6 » — 250$00
12 » — 485$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio.

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões), deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», Rua Castilho, 185, 1.º — Lisboa-1.



A gravura reprodus o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa»

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00.

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.
- o leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside, e facultativamente, a profissão e o número de telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa».
- preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho 185-1.º-Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1$00, se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio.
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa», o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00, que se destina, lògicamente, a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cupão-duplo.
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio, terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos ★ do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

★ Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do jornal donde consta o nome deste e a data de publicação.

PRÉMIOS PARA QUEM VENDE O «DIÁRIO DE LISBOA»

DESPERTOU NATURAL EXPECTATIVA a revelação que anteontem fizemos: os vendedores do «Diário de Lisboa» que os premiados tiverem indicado nos seus cupões de identificação como sendo aqueles a quem, habitualmente compram o jornal, também vão receber prémios! Oportunamente, revelaremos a lista dos prémios instituídos para aqueles que venderem o «Diário de Lisboa» aos leitores premiados nesta iniciativa.

Se pretender que o seu vendedor beneficie de um prémio — no caso de lhe ser atribuído um a si —, indique, no cupão de identificação, onde e a quem adquire habitualmente o «Diário de Lisboa».

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

É ESTE O «CABEÇALHO» (TÍTULO E DATA DO JORNAL) QUE A PARTIR DE HOJE, ATÉ 31 DE MARÇO, DEVE COMEÇAR A GUARDAR. É PERMITIDA A FALTA DE CINCO EXEMPLARES POR MÊS.

RECORTE E ENVIE AO «DIARIO DE LISBOA»

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

_____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

_____

_____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

RECORTE E ENVIE AO «DIARIO DE LISBOA»

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

_____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

_____

_____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPONS IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERA DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUIDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTAO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERA JUNTAR UM SELO DE 1$00

O «OSSERVATORE ROMANO» CRITICA OS PADRES AMERICANOS COMPROMETIDOS NA POLÍTICA

ROMA — A participação dos padres católicos na política dos Estados Unidos foi àsperamente criticada numa recente edição inglesa do «Osservatore Romano», o jornal oficial do Vaticano.

O artigo foi escrito pelo reverendo Donald Wuerl, secretário do cardeal Wright, chefe da Sagrada Congregação de Padres, indicando que ele implica opiniões da mais alta autoridade da Igreja na matéria.

Por LOUIS B. FLEMING

(Exclusivo «The Los Angeles Times» — «D. L.»)

Mas a publicação do artigo foi deliberadamente suspensa até ao fim das eleições americanas do mês passado, para evitar acusações de interferência, e o artigo foi limitado à edição semanal inglesa do jornal, e não impressa na edição diária em italiano.

A participação na política americana «vai contra o que tem sido a longa experiência política americana e a recente expressão de experiências similares no II Concílio do Vaticano», escreveu o padre Wuerl.

«Quase paradoxalmente, a chegada á cena política de padres acontece quando a Igreja precisa de libertar padres de deveres desnecessários da Ordem secular, que os impeçam de se concentrar inteiramente nas coisas que um padre deve fazer.»

O padre Wuerl cita documentos do Concílio do Vaticano, dando ênfase ao papel dos leigos, enquanto os padres estão preocupados com as necessidades espirituais».

O padre Wuerl diz saber que ministros ordenados e bispos de Igrejas não católicas têm tido actividades públicas nos Estados Unidos mas nunca antes de sacerdotes católicos terem tomado essa iniciativa — segundo as suas pesquisas.

«O que está agora em questão não são os direitos civis de um padre em exercício, como recentemente notou no editorial do «Christian Century», datado de Outubro de 1970, mas a prudência de estabelecer uma distinção, a qual tem ajudado a funcionar uma instituição democrática que inclui um grande número de tradições religiosas que ainda se sentem livres para trabalhar intimamente juntas a um nível político, sem comprometer as suas convicções ideológicas» — diz o articulista.

O padre Wuerl também levanta a dificuldade de um padre dissociar «a sua própria voz nos espíritos das pessoas, da da Igreja nas suas posições e decisões políticas»

O artigo não faz referências nominais a nenhum padre.

Nas eleições americanas deste ano, sete padres candidataram-se. Só três sobreviveram ás eleições primárias, e, destes, um foi eleito para o Congresso e um para a Legislatura de Massachusetts.

Alguns dos padres, incluindo o reverendo Robert Drinan, o jesuíta eleito para a Câmara dos Representantes, teve autorização dos seus superiores.

MAIS UM COMPUTADOR UNIVAC

NUMA DAS 10 MAIORES EMPRESAS MUNDIAIS

A UNILEVER, uma das gigantescas empresas mundiais, é uma grande utilizadora de computadores UNIVAC Numa fase de actualização da sua associada em Portugal — INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA.—foi, igualmente, escolhido, para o nosso País, material Univac, o que vem reflectir o agrado com que este equipamento está a ser utilizado.

A fotografia captou o momento de assinatura do contrato para o fornecimento de um computador Univac 9300 com bandas e discos magnéticos, leitor e perfurador de cartões e impressora, além de equipamento periférico da série Univac 1700, a de técnica mais avançada para a produção de cartões perfurados.

O computador Univac 9300, que entrará em serviço já no próximo ano, destina-se á gestão dos circuitos de encomendas e facturação stocks, clientes, vencimentos além da execução das mais diversas estatísticas e apuramento de estudos de mercado. Será utilizado também, em trabalhos idênticos, pela FIMA — FABRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA.

O contrato foi assinado, por parte das INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA., pelos Ex.mos Senhores C. H. C. SUNDERMAN e E. A. SOARES DOS SANTOS, Directores da LEVER e da FIMA e pelo Sr. J. DUARTE COSTA, Administrador da Solor — Univac. Presentes ao acto os srs. P. P. Wilting e Dr. J. G. Assédio, respectivamente Director Administrativo e Financeiro e Chefe dos Serviços de Organização das INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA e, pela UNIVAC, os Srs. Dr. M. A. Fernandes Costa e Carlos Coelho, respectivamente Director - Geral e Director Comercial.

CERVEJA

COMUNICADO

A Sociedade Central de Cervejas, S. A. R. L. vem informar o Comércio Retalhista e o Publico Consumidor, de que — em resultado do decreto-lei 653/70 de 28 de Dezembro findo — o imposto de fabricação e consumo de 2$10 por litro de cerveja é substituído pelo imposto de transacções fixo de 2$80 por litro, a partir de 1 de Janeiro de 1971.

Por este facto, os preços de venda de cerveja de produção nacional são acrescidos de $70 por litro, o que conduz a um aumento de $25 por garrafa e de $20 por copo de cerveja de barril.

SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS

CHÁS MEDICINAIS

NATTERMANN

As Farmácias já se encontram abastecidas:

N.º 5 — Peitoral e contra a tosse
N.º 7 — Fígado e vesícula
N.º 8 — Depurativo e purgativo
N.º 9 — Rins e bexiga
N.º 10 — Calmante dos nervos
N.º 11 — Estomacal

Laboratórios: A. NATERMANN — Colónia Alemanha

Pedidos: Rua da Madalena, 191-197—Lisboa
Representante: SULFARMA

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento, no próximo Domingo, na seguinte Zona:

1.ª Zona — Concelho de Sintra:

CASAIS DE MEM MARTINS, MERCÊS, ALTO DO FORTE, ALGUBERÃO e MEM MARTINS. (Das 8 ás 15 horas).

NOTA do dia

À PROCURA DE EQUILÍBRIO

PRIMEIRO DIA ÚTIL do novo ano, ainda assim vai minguada a medida dessa utilidade, já que os sábados deixaram na prática de valer como último dia da semana, integrados que passaram a ser no domingo de que são preâmbulo. De modo que temos realmente de apontar para segunda-feira, dia 4, o começo do ano para efeitos de trabalho regular, o reatar da vida com os constrangimentos que ela comporta e de que não nos poderemos alhear. O que podemos e o que devemos, precisamente, é não os ignorar para tentar encontrar-lhes o remedeio, olhar as realidades para procurar dominá-las, com serenidade e coragem, na certeza de que nada nos vale o papel de mercadores de ilusões.

O ano que chega não nos traz no alforge a oferenda de grandes esperanças. As esperanças, se as quisermos ter, haveremos de ser capazes de as encontrar em nós próprios, na nossa imaginação e nas nossas forças, não na esperança do maná que cai do céu. Mas esperanças, para as termos, havíamos de as achar em relação a quê? Aí está na verdade o primeiro trabalho de cada um de nós, o inventário do que sejam as nossas aspirações. Mas nossas de quem? As minhas, as tuas, as dele, as do meu vizinho, as do meu patrão, do meu empregado ou de quem? É capaz de logo neste primeiro lote de dúvidas começar a haver colisões, o que um quer não quer o outro, onde está a preferência ou a vantagem de um está o desgosto ou o dano do outro. E então?

Talvez o mundo, sem darmos por isso, tenha feito uma espécie de recuo para que sintam alguns como necessário repor nas bandeiras das aspirações humanas uma justiça justa, de equilíbrio e reparação, de equilíbrio de interesses e de reparação da ofensa. O pobre-quem quer que seja, escusa de ser o de pedir mas o que labuta com dignidade para ter o seu pão e a sua segurança, precisa de sentir que há instalado permanentemente um sistema que funciona e o protege da prepotência ou simplesmente do peso de interesses mais influentes que o seu. Mas aí, cuidado com o conceito, não vá entender-se que se pretende uma justiça apenas para protecção de uma das bandas. O que se pretende é o equilíbrio.

A palavra disse-se. É isso mesmo, o equilíbrio. A imagem sabe-se qual é, a senhora de olhos vendados, para não ver o rosto das partes, erguendo alto a balança onde cada um projecta as suas razões, as que supõe sejam as boas e verdadeiras. Olhando à volta, bem vemos todos como e quanto o mundo hoje está cheio de casos que imploram a justiça justa, que seja ao mesmo tempo a garantia de cada um e a garantia da comunidade. Mas como se concebe e como funciona essa garantia? Onde e quando está o ponto de equilíbrio que se pretende? A mesma bitola de justiça será realmente a justiça mais justa para todos? Não é costume duvidar, mas parece legítimo que se duvide.

E não é novidade. O Estado reconhece, pelo menos no domínio fiscal, que não é justo que todos paguem da mesma maneira. A protecção que o Estado estabelece a favor dos mais fracos é a fixação de taxas moderadas. Quer dizer, assentou-se na ideia de que não seria justo que todos, pobres e ricos, pagassem os mesmos por cento de impostos. A taxa progressiva, isto é, quem mais tem não paga apenas proporcionalmente mais, mas progressivamente mais, é uma correcção que funciona a favor dos que dispõem de menos posses, isto é, que mais precisam de protecção. É uma forma de a Justiça se mostrar justa. A expressão simplesmente aritmética, a forma, o molde igual para todos pressupõe que todos seriam iguais, o que está longe de ser verdade. Serão os homens que servem as instituições ou as instituições que servem os homens?

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

ELAINE DELMAR
vedeta da Rádio e da TV inglesa

KARL KARSONY
famosa atracção mundial

HELENA TAVARES com
RAUL SILVA e ANTÓNIO LUÍS GOMES

LES BALLETS DE
GEORGES REICH

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

CANDY SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.
MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR Á 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

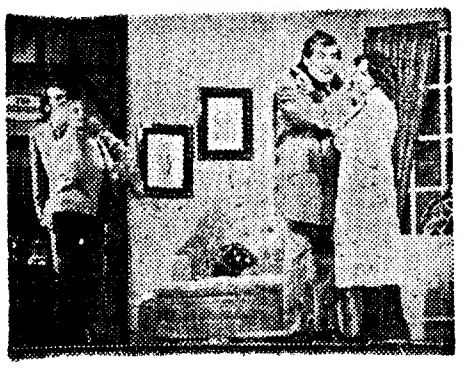
no Cinema às 21.45 h. (M. 17 anos)
SARILHOS CONJUGAIS

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

O GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL APRESENTA

HOJE E AMANHÃ, às 21 e às 23 h.

A ALEGRE COMÉDIA — (Maiores de 17 anos)



Sexta-feira, 4 e um quarto

com
LURDES NORBERTO/GLICÍNIA QUARTIN
SINDE FILIPE/JOAO GUEDES

UMA HISTÓRIA DE AMOR TRATADA COM HUMOR

HOJE e DOMINGO às 16 horas
«O PROCESSO», de KAFKA
50% de desconto para estudantes —— Maiores de 17 anos

HOJE, às 18.30 h. e DOMINGO, às 11 h. (bilhetes à venda), A HISTÓRIA INFANTIL
«EMÍLIO E OS DETECTIVES» (Maiores de 6 anos)
Um espectáculo para jovens de todas as idades

MARIA VITÓRIA (ADULTOS)

• HOJE, 2 SESSÕES, ÀS 20,45 E 23 HORAS

GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO, APRESENTAM, EM PLENO ÊXITO, OS POPULARES ARTISTAS:

JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA • BARROSO LOPES • DORA LEAL

NA SUPER-REVISTA DA GARGALHADA

• PIMENTA NA LÍNGUA!...

UM ENORME SUCESSO, COM:

• NICOLAU BREYNER

A SIMPÁTICA ACTRIZ • ANITA GUERREIRO
A ATRACÇÃO BRASILEIRA • RONY VALY

E, NO «COMPÈRE»,
• OCTÁVIO DE MATOS

A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA E DE UM ÓPTIMO «BALLET»

• AMANHÃ, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

Nicolau Breyner no «Senhor Cabaré»

Anita Guerreiro no «Fado»

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS — Telef 280919

A COMPANHIA DO TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Apresenta hoje e todas as noites, as 22 horas
SOTOBA KOMACHI
de YUKIO MISHIMA
tr ORLANDO NEVES

•

BREVE SUMARIO DA HISTÓRIA DE DEUS
de GIL VICENTE

Encerrado às 2.as-feiras p/ descanso da companhia

ADULTOS

Teatro Maria Matos TELEF. 717017
(Maiores de 7 anos)

Temperatura confortável	6.ª SEMANA

TODAS AS NOITES ÀS 21,45 H
SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS TAMBÉM ÀS 16 H

SEGUNDAS-FEIRAS DESCANSO DA COMPANHIA

ATINGE AMANHÃ
50
REPRESENTAÇÕES

A DIVERTIDÍSSIMA COMÉDIA

O INOCENTE

UMA SÁTIRA OUSADA E CORAJOSA NA DENÚNCIA DAS FALCATRUAS, CAMBALACHOS ESPECULAÇÕES E FRAUDES DE CERTAS EMPRESAS

Notável interpretação de todo o elenco do T M M., com IGREJAS CAEIRO num dos mais brilhantes protagonistas da sua carreira de actor

— ATENÇÃO JOVENS —

Os jovens dos 17 aos 24 anos, aos sábados de tarde e nos dois espectáculos de domingo, têm, nas normas habituais 50% de desconto

O TeJE - Teatro do Jovem Espectador apresenta em encenação de Glicínia Quartin e assistência de Filipe la Feria e Maria Helena Seabra a célebre obra de ERICH KÄSTNER teatralizada pelo próprio autor

EMÍLIO E OS detectives

UM ESPECTÁCULO PARA JOVENS DE TODAS AS IDADES

TeJE TEATRO DO JOVEM ESPECTADOR

Tabela de preços dos bilhetes
Até 12 anos ..... 20$00
Mais de 12 anos ..... 40$00

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

HOJE, ÀS 18.30 HORAS
DOMINGO, ÀS 11 HORAS

Bilhetes à venda para hoje e dias seguintes

NO Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam

VARIEDADES A SUPER REVISTA

Às 20.45 e 23 horas (Adultos)

DO LUXO, DA GRAÇA, DA ALEGRIA E DAS MULHERES BONITAS!

com

SALVADOR • FLORBELA • CARLOS COELHO • a colaboração de MARIEMA • pela 1.ª vez em revista MARIA DO CÉU GUERRA e a atracção nacional DUO OURO NEGRO

Victor Mendes, Carlos Gonçalves e Luís de Mascarenhas

AMANHÃ «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Tabacaria do Café Caravela d'Ouro.

TONICHA, TORDO E INTRÓITO CANTARÃO ARY DOS SANTOS NO VIII PRÉMIO TV DA CANÇÃO

Segundo notícia dada em primeira mão pelo Telejornal, e comunicado posterior da TV aos jornais (com pedido de publicidade), em virtude de ter sido antecipada a realização da Final do VIII Grande Prémio da Canção 1971, que, como foi anunciado, se efectua no próximo dia 11 de Fevereiro, no Cinema Tivoli, o júri de selecção revelou, antes da data prevista, as 9 canções seleccionadas, a fim de que os seus autores disponham do espaço de tempo necessário á sua orquestração.

Conforme a ordem alfabética dos títulos, as 9 canções seleccionadas são as seguintes:

«ADOLESCENTE» — Música de José Lima Tinoco e Letra de Ivete Moreira; «ANDA VER O SOL» — Música de Fernando Potier e letra de Fernando Vieira; «CAVALO A SOLTA» — Música de Fernando Tordo e letra de José Carlos Ary dos Santos; «CRÓNICA DE UM DIA» — Música de Fernando Guerra e Hugo Maia de Loureiro e letra de Fernando Guerra; «FLOR SEM TEMPO» — Música de José Carlos Barbosa Calvário e letra de José António Peres Soutomayor; «MENINA» — Música de Nuno Nazareth Fernandes e letra de José Carlos Ary dos Santos; «PALAVRAS ABERTAS» — Música de Nuno Gomes dos Santos e letra de José Carlos Ary dos Santos; «ROSA ROSEIRA» — Música de Fernando Potier e letra de Fernando Vieira; e «VERDE PINO» — Música e letra de Nuno Manuel de Sousa Rodrigues.

INTÉRPRETES DAS CANÇÕES DE ARY DOS SANTOS

— *Não esperava ter tantas canções seleccionadas* — afirmou-nos, esta manhã, o poeta Carlos Ary dos Santos, autor de três das canções seleccionadas para a Final do VIII Grande Prémio da Canção 1971. — *São diferentes umas das outras. É impossível formular um juízo de valor para cada uma delas, pois são diferentes. A «Menina» é mais lírica; o «Cavalo á Solta», mais dramática; e «Palavras Abertas» é uma mistura de ambas as coisas.*

Ary dos Santos, que concorreu com 6 canções, concordou com a selecção do júri:

— *Creio que foram escolhidas as melhores. Não posso ter uma opinião exacta, mas pelo menos duas das canções seleccionadas são as melhores.*

Quanto aos intérpretes, Ary dos Santos revelou que «Menina» será cantada por Tonicha, «Cavalo á Solta», por Fernando Tordo, e «Palavras Abertas», pelo coro do «Intróito»

TRINDADE
Telef. 320000
Hoje, às 16 h. (preços reduzidos) e às 21 e 45 h. (Adultos)
As peças de IONESCO
O ÚLTIMO INQUILINO
E
O REI ESTÁ A MORRER
Pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II
Amanhã, às 16 horas
Tarde dedicada a estudantes

«EMÍLIO E OS DETECTIVES» NO VILLARET

«Emílio e os Detectives», de Erich Kastner. Trad. de Glicínia Quartim e Vítor Luciano. Encenação de Glicínia Quartim. Orientação pedagógica de Maria Helena Seabra. Assistentes: Filipe La Féria e Paulo Lucena. Desenhos e fotografias: José Santa Bárbara. Adereços de Vicente Galfo. Sonoplastia e filmagens de Paulo Lucena. Intérpretes: João Leitão, Fernanda Sargedas, Chico Pedro, Jorge Nascimento, Tulentino, Rodrigo Mauperrin, Francisco Orta, Marques, António Martins, Vítor Gaspar, Carlos Sargedas, Paulo Fernando, Maria João, Paulo Rui, Vasco Cunha (crianças). Eduarda Pimenta, Adelaide João, António Montez, José Gomes, Vicente Galfo, Carlos Veríssimo, Melim Teixeira, Fernanda Barreto, Orlando Costa e João Guedes.

Teatro infantil, teatro adolescente — suponho que um e outro exigem novas concepções do espectáculo. Resumiremos: novo espaço cénico em que seja possível apagar as diferenciações entre actores e espectadores; simplicidade total dos processos cénicos: os participantes farão da imaginação o lugar onde as coisas acontecem; maleabilidade do texto-base para permitir a sua recriação em cada espectáculo pelos que nele participam (actores e espectadores); ou seja, participação activa, constante, essencial (quer dizer: não marginal e esporádica) dos espectadores; exclusão absoluta dos adultos (na qualidade de espectadores porque as crianças aceitam a participação dos adultos nos seus jogos desde que aqueles saibam jogar, o que está ao alcance tanto dos actores como dos monitores).

Não creio, pois, nas virtudes (possíveis) de um teatro que obriga os jovens espectadores a permanecer sàbiamente sentados nas cadeiras enquanto outros, no palco, brincam para eles (a diferença está apenas no brincar «com eles»). O que não nega as virtudes específicas deste espectáculo, acrescento desde já.

É claro que nada disto é novidade para os responsáveis do TeJE (Teatro do Jovem Espectador) que inicia as suas actividades com este «Emílio». A prova é que houve a tentativa deliberada de romper barreiras, de integrar os espectadores mais pequenos nas aventuras de Emílio e dos seus companheiros, houve a preocupação, até, de separar adultos e crianças. Além disso, devo dizer que o espectáculo representa um grande esforço como levantamento cénico (numero de actores, complexidade do cenário) embora esse esforço me pareça, em parte, inglório, porque, a meu ver, um dos erros do espectáculo consiste na falta de ritmo, consequência da complicada maquinaria. Os cenários até têm piada (e os figurinos), simplesmente, não funcionam e condicionam excessivamente a imaginação dos espectadores.

Com o que tem de positivo (sentido de entreajuda, recusa da propaganda) e de negativo (o prémio dado a Emílio quando devia ser dado a todos os miudos sem ser necessário jogar com a generosidade daquele), o texto de Kastner conserva ainda virtudes de assinalar: sobretudo, o seu aspecto imediatamente lúdico: trata-se de uma simples brincadeira de polícias e ladrões (e quem não brincou aos polícias e ladrões?). Senti, algumas vezes, vontade de saltar para o palco, mas não sei se isto é ou não um elogio do espectáculo ou apenas a mágoa longamente recalcada por não ter tido na minha infancia espectáculos como este (apesar de tudo o que acima disse). Por isso, lamento as crianças lisboetas (não me refiro, infelizmente, a «todas» as crianças mas áquelas que podem ir ao Villaret), lamento-as porque os pais não prepararam (são tão distraídos os adultos naquilo que ás crianças se refere...) que no Villaret se estreava o «Emílio e os Detectives» (a sala tinha um aspecto desolador).

Não queria citar nomes porque os actores, tanto os a sério como a maltosa, se portaram maravilhosamente (embora com diversos graus de poder de comunicação, como é natural). Mas digam-me lá se não apetecia levar o Terça-Feira para casa (o que, evidentemente, é ainda uma reacção de adulto). A maneira como os miudos sabem os respectivos papéis (não posso deixar de lembrar o Gustavo da Buzina que uma vez se perdeu mas não se atrapalhou nem nada, nem o Professor nem o Maçã Bichada que tomaram os seus papéis a sério, como as personagens exigiam) constitui uma lição que os grandes deviam aceitar com aquela humildade de quem tem largas culpas no cartório.

Teria preferido, como já disse, que Glicínia Quartim tivesse usado mais a imaginação: a sena final, por exemplo, teria permitido fazer uma brincadeira gozada com um bolo gigantesco que não apareceu.

Por fim, um apelo: não obriguem a malta da plateia a andar de gatas atrás dos rebuçados. Essa dos rebuçados pareceu-me uma ideia infeliz. Como me parece pouco feliz o material didáctico projectador no início do espectáculo: lembrei-me dos velhos tempos em que era obrigado a aprender que Berlim tem 3 milhões e não sei quantos habitantes. E mandem calar os adultos quando estes pretendam interferir na participação que os jovens queiram fazer. Arre que estes adultos...

CARLOS PORTO

HÁ QUEM PENSE JÁ NA PRIMAVERA, quando o Inverno ainda mal começou. É o caso da actriz inglesa Janet Pearce, que está a passar férias nas ilhas Canárias.

A Fox perde milhões de dólares

NOVA YORK, 2 — (F. P.) — Richard F. Zanuck, administrador delegado da Twentieth Century Fox, apresentou a sua demissão ao conselho de administração da importante firma cinematográfica, que dirigia desde Agosto de 1969. Seu pai, Darryl F. Zanuck, continuará a presidir ao conselho.

Esta demissão segue-se a dois anos de pesados «deficits», atribuídos, em parte, ao custo excessivo das produções. Antes de ser administrador delegado, Richard F. Zanuck dirigiu, desde 1962, os serviços de Produção da firma, para onde entrou em 1958 com 24 anos de idade.

A Fox perdeu 25,2 milhões de dólares em 1969, prevendo-se que o seu «deficit» atinja 26 milhões no corrente ano.

SÃO LUIZ

VER AMANHÃ

NOS JORNAIS DA MANHÃ

O ANÚNCIO

DA SENSACIONAL TEMPORADA

DE

TEATRO FRANCÊS

com todas as indicações

referentes ao elenco e reportório

E BEM ASSIM

TUDO QUANTO INTERESSA

SABER

sobre

HORÁRIO DE BILHETEIRA

E VENDA DE BILHETES

●

UM PROGRAMA EXCEPCIONAL

comemorativo

das BODAS DE OURO de

GALAS KARSENTY-HERBERT

●

Peçam na bilheteira o programa respectivo

COLISEU HOJE às 21,30

Podem assistir crianças a partir dos 6 anos

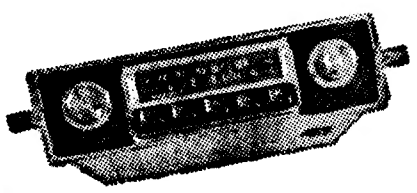
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

AS MAIORES ATRACÇÕES DOS CIRCOS INTERNACIONAIS

Amanhã, à tarde, entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos. — À noite, às 21.30 (M/ 6 anos)

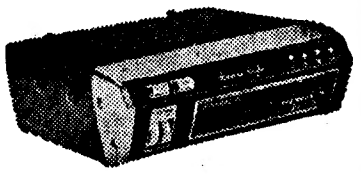
BILHETES À VENDA

PIANOLA



Modelo em AM-FM ● STEREO

Reprodutores de CASSETES 8 PISTAS STEREO



A VENDA NOS AGENTES NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PAIS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL:

STAND ASLA — PORTO

Sansui equipamento da mais alta fidelidade

Sansui

CINEVOZ 02-SS 70

Venha conhecer de perto o seu SANSUI. Quando tiver um bocado, venha até à Centelec assistir a uma demonstração das variadas gamas de aparelhos SANSUI.

A Centelec, representando exclusivamente a marca SANSUI, tem vantagens evidentes: especialização técnica numa só marca, instalação de material feita por peritos, completo stock de peças de origem, etc. Faça uma proposta de compra à Centelec, e a Centelec estudará a sua modalidade de pagamento. Quem tem SANSUI, tem realmente Alta Fidelidade.

Representante exclusivo em Portugal

Centelec

Av. Fontes Pereira de Melo, 47, 4.º Dto. — Lisboa

EMPREENDIMENTOS URBANOS

E TURISMO J. PIMENTA, SARL

cumprimenta e agradece as atenções recebidas em 1970, às Entidades Oficiais, Órgãos de Informação, seus estimados Clientes, Amigos, Banqueiros, Bancários, Industriais e Comerciantes, Fornecedores, Colaboradores, Empregados e ao Público em geral, desejando a todos um Ano Novo Próspero.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

a) JOÃO PIMENTA

PALMARÉS 70

Um ano inteiro de automobilismo. Os seus campeões, as suas vitórias

- ACTIVIDADE DO A. C. P. (Avelãs Coelho)
- NACIONAIS DE RALLYES E VELOCIDADE (Augusto Vilela)
- FÓRMULA 1 (Philippe Toussaint)
- INTERNACIONAL DE MARCAS E OUTROS CAMPEONATOS (Adriano Cerqueira)
- MOTONAUTICA, MOTOCROSS E AUTOCROSS (Maria do Céu)
- KARTING (Herlânder Garcia)
- AVIAÇÃO (Alves Saraiva)
- ESTILISMO (Pina da Silva)

UM SUPLEMENTO PARA GUARDAR EM 1971

motor

AINDA NESTE NÚMERO

EM «MOTOR-ENSAIO» FIAT 125

(Bandeira de Lima)

EM SEPARATA

AS JORNADAS AUTOMOBILÍSTICAS DO FIM DO ANO

32 PÁGINAS **PREÇO: 2$50**

Necrologia

FALECIMENTOS

Artur Gouveia do Nascimento e Silva

Faleceu o sr. Artur Gouveia do Nascimento e Silva, ajudante de despachante, de 52 anos de idade, casado com a sr.ª D. Maria Amélia Sales Fernandes e pai do sr. Vítor Manuel Fernandes Nascimento Silva. O extinto era irmão do sr. Querubim G. Nascimento Silva e cunhado do sr. Manuel Maiorca, gráficos da Imprensa diária. O funeral realizou-se hoje, às 15 horas, da Rua Francisco Xavier de Noronha, 34, 1.º, em Almada, para o cemitério local.

Josefina da Conceição Ribeiro Bravo

Na sua residência, Rua Jacinto Nunes, 9, r/c. esquerdo, faleceu, hoje, após prolongado sofrimento, a sr.ª D. Josefina da Conceição Ribeiro Bravo, de 79 anos, viúva, natural de Lisboa, mãe dos srs. Silvestre Ribeiro C. Bravo, funcionário da secretaria do «Diário de Notícias», casado com a sr.ª D. Maria Helena Rodrigues Inácio Bravo; João Rodrigues Correia, funcionário da Comissão Reguladora das Moagens de Ramas, casado com a sr.ª D. Maria Candelas Correia; e das sr.as D. Julieta da Conceição Bravo Garcia, casada com o sr. Fernando Coen Santa Maria Garcia e Laura da Conceição Ribeiro Bravo de Oliveira, casada com o sr. Álvaro Antunes Martins de Oliveira. A bondosa senhora, dotada de excelsas virtudes, deixa a mais profunda saudade a todos com quem convivia. O seu funeral realiza-se amanhã (domingo), ás 11 horas, da igreja da Penha de França para o cemitério do Alto de S. João.

FUNERAIS

José de Castilho

Da igreja de São João de Deus para o cemitério do Lumiar, realizou-se esta tarde, o funeral do sr. José de Castilho que faleceu ontem de manhã e era figura muito popular nos meios desportivos, particularmente nos afectos ao Benfica. Tinha 63 anos de idade.

Sócio dos mais antigos da colectividade lisboeta, de que era «Águia de Prata», José de Castilho desempenhou vários cargos na hierarquia benfiquista, nomeadamente o de vice-presidente da assembleia-geral que fica vago com a sua morte.

SEIS MORTES ANORMAIS NO PRIMEIRO DIA DO ANO

Grande número de mortes em circunstancias anormais, ficou a assinalar o dia feriado de ontem, levando doze corpos ao Instituto de Medicina Legal.

Assim, aconteceu que uma jovem senhora, D. Maria Fernanda Penha dos Santos Carvalho Penha, de 22 anos, casada, residente na Rua Barbosa, 13, apareceu morta na casa de banho da residência, onde se encontrava a lavar roupa, tendo caído sobre o radiador, o que lhe provocou gravíssimas queimaduras pelo corpo.

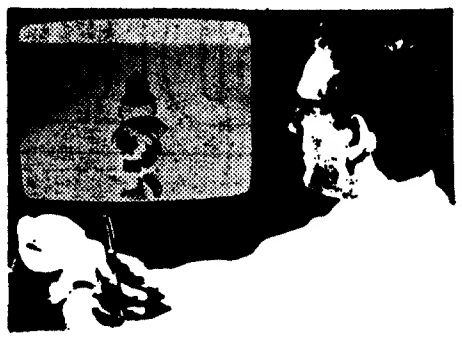
Também Maria Manuela da Silva Dias, de 19 anos, morreu, ontem, na casa de banho, na sua residência, Rua António Luís Moreira, 44, 1.º, esquerdo, em Moscavide. Causa da morte: intoxicação por gás. Ainda foi transportada ao Hospital de S. José, mas chegou ali já morta.

Recolheu, também, ao Instituto de Medicina Legal, por ter chegado já morta ao Hospital de S. José, a sr.ª D. Beatriz da Conceição Canadas, de 77 anos, doméstica, casada, residente na Rua do Mercado, em Rio Maior, que foi atropelada por uma motocicleta naquela vila.

Igualmente vítima de acidente de viação, faleceu no Hospital de S. José, horas depois de ali ter dado entrada, o sr. Francisco Inácio Rita, de 32 anos, carpinteiro, residente em Porto Salvo, Oeiras, que se despistou na motoreta.

Outro caso, que parece não se tratar de acidente, ocorreu numa dependência do Stand de Automóveis Moderno, onde apareceu morto com tiro de pistola na cabeça o guarda da noite José dos Santos, de 61 anos, residente na Rua das Pedras Negras, 3, 3.º. O corpo foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

Em resultado de um acidente registado, cerca das 20 horas, de ontem, na Estrada de Goa, em Moscavide, morreu também a sr.ª D. Filomena da Silva, de 65 anos, residente naquela localidade, na Azinhaga do Jogo da Bola, 41. Era mãe do condutor de um dos dois veículos que ali colidiram, resultando do acidente mais sete pessoas feridas, entre as quais três menores.



CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

... DE OLHOS ABERTOS, AMÉN

Todo o dia primeiro do ano diante do televisor. Descontraído. Sem caneta nem papel, num acto simbólico de boa-vontade. Nem uma única nota. Viseira levantada. Hoje disse a raposa ao galo: «*Está decretada a paz universal. Desce e confraternizemos*». La Fontaine e, antes de La Fontaine, Esopo e, antes de Esopo, não sei quem, contaram a fábula. Segundo a fábula, o galo não desceu. Mas eu desci. As fábulas nem sempre têm razão.

Amanhã não sei como vai ser. Ou, por outra: até sei. Mas hoje, pazes. Pazes com a televisão, que nos deu um dia primeiro bem passado, descontraído, género *para tristezas bem basta á vida*.

O primeiro sinal de boa disposição aconteceu com a presença da orquestra venerável de Viena, a brincar á Strauss, a beber champanhe depois de música espumante. Fosse outro o público, e dir-nos-íamos numa sessão dos concertos *Promenade*. Aquelas damas e cavalheiros muito mausoléus, a bater ridículamente palminhas olaré palminhas... Enfim, boas-festas cartonadas ditas em várias línguas, entre as quais a nossa.

Depois a neve. Os saltos em esqui. Pelo meio, um comentador excepcionalmente bem disposto, coisa que entre nós é coisa raríssima. Se nos lembrarmos que a boa disposição não se desligava do conhecimento da matéria, veremos quanto o caso foi raríssimo mesmo.

(Entre nós, que tivemos a honra histórica de descobrir o caminho aquático para a Índia e enviámos cortejo a Roma com papagaios e elefantes de grandes trombas, entre nós o bom é o solene. Nossa burguesia, porém, ao pretender herdar a solenidade, herdou, quando muito, a chateza. O espírito, a graça, o dito de bisturi ou a moca de Fafe são mal vistos. São escandalosos. Num país onde tanto se apreciam os marmelos, o marmeleiro está proscrito. Quando muito, deverá usar-se envolvido em papel de seda, com o que se salvam as aparências e se respeitam as regras do jogo. Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Camilo, Fialho, são escritores malditos que é preciso esquecer, esquecer quanto antes. Regra do jogo: dar pancada, sim: mas com uma flor...)

... Como se vê, isto foi á laia de parêntesis. Não tencionava escrever isso, não tencionava escrever coisas sérias num primeiro dia que decorreu sob o signo do champanhe. Desculpem e retomemos o relato que não quer nada mais além de ser isso mesmo: relato compreensivo e agradecido.

A meio da tarde ofereceram-nos uma história infantil sobre chapéus-de-chuva, segundo o processo que entre nós se vulgarizou na *TV Infantil*. Aqui se chamou, em tempos, a atenção de Romeu Costa para a necessidade de dar mais imaginação, mais vida, aos seus desenhos. Oxalá ele tivesse assistido á históriazinha de ontem, para ver como.

Motivo de imaginação e de graça foi o outro filme, com história baseada na *Gata Borralheira*, nessa mesma *gata borralheira* a que um degradante infantilismo cosmopolita chama agora Cinderela. Levar as crianças a rir um riso adulto, ou seja: um riso maduro, sem perder, no entanto, características infantis, eis o que algumas vezes coonseguiu a história.

Estamos ainda hoje por saber, porém, onde foi Pedro Moutinho buscar matéria que o autorizasse a anunciar um «ballet». Quer dizer: não apenas se trata de uma apresentação geralmente inútil, como, ainda por cima, incorre no perigo de induzir o telespectador em erro. Que o apresentador não conhecesse a história que ia apresentar já se compreende mal; que se não informasse melhor, ainda se compreende pior.

Festa é festa, hoje todos somos primos e primas. Não o quero magoar, primo Pedro, pelo menos hoje, e, por isso, vou riscar as palavras que lhe dedico. Mas tem de prometer que para a outra vez vê o *TV Mundo* antes de falar.

É verdade: também não entendo muito bem a inclusão da Gata Borralheira numa rubrica como *TV Mundo*. Sendo, porém, duvidoso que saiba hoje alguém ao certo a finalidade de *TV Mundo* além da de dar ao primo Pedro oportunidade e aparecer na televisão portuguesa.

Já passou a graça da Gata Borralheira. Já lá vai. Já temos connosco a ciência italiana de bem varietar toda a sela. Eis aí um programa onde a sabedoria da imaginação supriu a riqueza dos grandes nomes. Todos vimos como, a partir de materiais vulgares, se faz uma ementa de grande aparato, onde a alma e os ouvidos comeram pouco ou nada e onde os olhos comeram tudo.

Vingou, ainda aí, a lei da boa disposição e o princípio hedonístico teve lá execução perfeita. Com tamanha sobriedade de elementos fizeram os italianos material de exportação. Eis as vantagens da qualidade: a qualidade leva-nos a empochar o capital que se aplicou. A qualidade resulta. Manda o bom-senso que se use do bom quando se gasta muito dinheiro — para ao menos não se perder o dinheiro todo. Em vésperas de entrarmos para o Mercado Comum, será bom meditar-se bem nisto lá para as bandas do Lumiar.

A propósito de qualidade: vocês assistiram ao festival no gelo que nos veio em directo da Alemanha? Assistiram a esse espectáculo memorável, a esse espanto e organização? Ficaríamos para aqui toa a noite a recordar isto e aquilo, com uma certeza: a festa no gelo uniu crianças e adultos no mesmo prazer e na Graça da convivência. Só foi pena que a colaboração portuguesa fosse tão medíocre, estivesse tão pouco de acordo com a grandeza de qualidade da festa. Henrique Mendes, ás aranhas, passou um mau bocado. A culpa não lhe pertenceu, não. A culpa é toda nossa. Não falarmos todos alemão — eis um crime historicamente indesculpável.

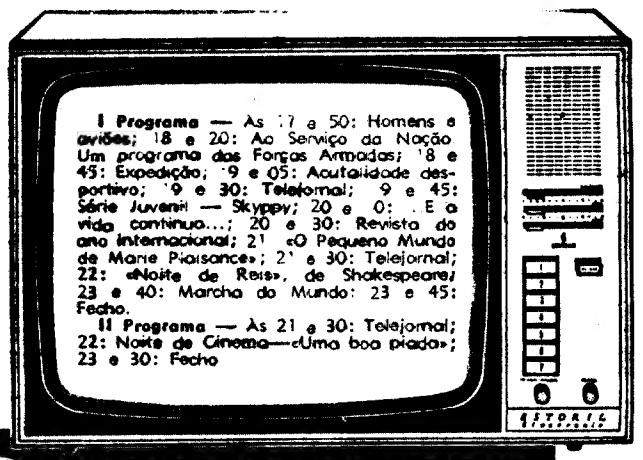
Ao serão, imperou o bom-senso. Apresentar variedades portuguesas, depois das italianas? Apresentar episódios de série, maluquinho ou brutinho, no primeiro dia de concórdia universal? Não, de maneira nenhuma. A melhor solução foi aquela da fitinha portuguesa, com o António Silva a fazer rir a gente, mesmo quando a gente não quer.

A história da fita está feita, e não vale a pena bater mais no ceguinho — embora aquele abraço final do espírito cooperativista do sr. Silva e do espírito ganancioso do sr. Guimarães, me esteja a causar engulhos.

Já agora espero que a cadeirinha de dormir, oferecida ao sr. Silva, não seja um símbolo de mau agoiro para a televisão portuguesa. Porque do que nós precisamos não é uma televisão a dormir, mas de uma televisão de olhos bem abertos. Amén.

TV dia a dia

HOJE PODE VER..



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER..

I PROGRAMA — Às 15 e 25: TV Juvenil, programa coordenado por M.ª do Sameiro Souto. «Tempos Livres», um progama de Calos Tudela e Santos Careto; 15 e 55: Tarde de Cinema, «Bucha e Estica Detectives», com Laurel e Hardy como principais intérpretes; 17 e 10: Folclore, S. Cosme de Gondomar; 17 e 35: TV Rural, pelo eng.º Sousa Veloso; 18 e 5: Domingo desportivo, 1.ª edição; 18 e 25: TV Mundo, Anna Margret Show; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Série comédia, «Doido com Juízo» (Mr. Deeds go to Town), com Monte Markham, Pat Barrington, Louise Sorel, Donald Woods, Herb Voland e Anna Lee. Realização de E. W. Swackamer; 20 e 15: TV 7, revista da semana; 21: Fados, Fernanda Maria canta David Mourão-Ferreira; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição, inclui o Boletim Meteorológico; 22: «Se bem me lembro», pelo prof. Vitorino Nemésio; 22 e 20: Série dramática, «Departamento S», com os seguintes intérpretes principais: Peter Wyngarde, Joel Fabiani, Rosemary Nicols, Dennis Alba Peters, John Nettleton e Wanda Ventham; 23 e 20: Domingo desportivo, 2.ª edição; 23 e 40: Marcha do Mundo, serviço informativo; 23 e 50: Fecho.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 15: Noticiário; 16 e 05: Fim-de-semana; 17 e 05: Fim-de-semana; 18 e 05: Emissão infantil; 18 e 35: Musico, só musica, melodias pela Orquestra de Helmut Zacharias; 19 e 05: Cartaz dos Espectáculos — Rádio rural; 19 e 10: Orquestras e canções; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um instrumentista: Fausto Papetti; 20 e 30: A palavra e a voz; 20 e 45: Aperitivo musical; 21: Momento 71; 21 e 30: Um conjunto: The bee Gees;; 21 e 45: 1.ª parte de um serão, realizado no Barreiro; 22 e 38: Musica sem palavras; 23 e 05: Musica ligeira; 23 e 30: Tempo de Jazz, por Raul Calado, 24. Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 15 e 15: A ópera «*Il Campanello*», de Donizetti, comentada por Maria Helena de Freitas; 18: Ciclo «O Quarteto»; 19: O maestro George Solti; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Árias de óperas de Verdi, pelo baixo Cesare Siepi; 20 e 45: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21: Recital pelo duo de piano e violino Katharina Heinz/Antonino Dovid — Sonata em si bemol maior K. 545 (Mozart); 21 e 30: Filatelia, pelo dr Silva Gama; 21 e 40: A sinfonia através dos tempos; 22 e 05: Canções de Schubert; 22 e 25: Musica de câmara; 22 e 58: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C D C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Apenas melodia; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Robbialac; 19 e 30: Teatro trágico; 19 e 45: Rádio-Jornal; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Exitos do disco; 21 e 03: Rádio Piccard; 21 e 15: Hora Luterana; 21 e 32: Impacto, 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P.B.X.»; 2: Contacto, 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C D C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita -dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá, 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Quinze minutos Elco; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 05: Minuto 5; 21 e 40: O ritmo e a melodia; 21 e 45 Hora Luterana; 22 e 02: Uma vedeta na noite; 22 e 15: O mundo de amanhã; 22 e 30: Corrosse! 3; 23 e 04: Club da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Programa Meado; 18 e 30: Terço e bênção do Basílica dos Mártires; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Musica e canções para o seu fim-de-semana; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Noite e ritmo; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA—Onda média—188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 14 e 30 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 12 ás 14 e 30.

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31/MARÇO/71

O sr. almirante Américo Thomaz com os Presidentes do Conselho, da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa, o vice-presidente do Supremo Tribunal de Justiça e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA RECEBEU CUMPRIMENTOS DE ANO NOVO

Ontem, dia de Ano Novo, os presidentes dos órgãos de soberania e outras destacadas individualidades estiveram no Palácio Nacional de Belém a apresentar cumprimentos ao Chefe do Estado. Cerca das 11 horas, chegou ali o sr. cardeal-patriarca, que foi recebido pelos componentes da Casa Militar do Chefe do Estado, seguindo para o gabinete do Presidente da República, onde se manteve durante trinta minutos, conversando com o supremo magistrado da Nação. No decorrer da audiência o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira manifestou ao almirante Américo Thomáz os seus votos pessoais e da Igreja, de Bom Ano. Quando o sr. almirante Américo Thomáz acompanhou o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira até à porta da sala do Conselho de Estado que comunica para a sala Luís XV, já ali se encontrava o sr. prof. dr. Marcello Caetano e o seu chefe de gabinete dr. Quezada Pastor, havendo uma breve troca de cumprimentos entre o sr. cardeal-patriarca e o Chefe do Governo.

Momentos depois os srs. almirante Américo Thomaz e o prof. dr. Marcello Caetano entraram para a sala do Conselho de Estado, onde se mantiveram até cerca das 12 e 30. Entretanto, chegaram ao Palácio Nacional de Belém, entrando pela sala das Bicas, os srs: vice-presidente do Supremo Tribunal de Justiça, conselheiro António Ferreira Pedrosa; presidente da Assembleia Nacional, eng. Amaral Neto; presidente da Câmara Corporativa, dr. Luís Supico Pinto; e eng.º Santos e Castro, presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Depois de recebidos pelos componentes das Casas Militar e Civil do Chefe do Estado, sr. general Humberto Pais comandante Guilherme Tomás tenente coronel Columbano Líbano Monteiro e major Rui Pereira Coutinho e dr. Luís Pereira Coutinho — deram entrada na sala do Conselho de Estado, onde se mantiveram cerca de trinta minutos.

Às 12 horas, os representantes das Forças Armadas, que entretanto se tinham reunido na sala dos Retratos, deram entrada na sala do Conselho para apresentarem cumprimentos ao Chefe do Estado, facto que pela terceira vez ocorre. Acompanhou o sr. almirante Américo Thomaz o sr. prof. dr Marcello Caetano, que também saudou os componentes da referida representação, constituída pelos ministros da Defesa e do Exército e da Marinha e secretários de Estado do Exército e da Aeronáutica, chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e pelos chefes dos Estados-Maiores dos três ramos das Forças Armaads.

Os presidentes da República e do Conselho estiveram reunidos com os representantes das Forças Armadas cerca de trinta minutos. Pouco depois das 12 e 30, o sr. prof. dr. Marcello Caetano abondonou o Palácio Nacional de Belém, na companhia do seu chefe de gabinete. Antes despediu-se dos componentes das Casas Militar e Civil do Chefe do Estado e dos jornalistas presentes. Mais tarde o sr. almirante Américo Thomaz recebeu, também, na sala do Conselho de Estado, os srs. general Santos Costa e prof. eng. Francisco Leite Pinto, que em nome dos chanceleres das Ordens Honoríficas, lhe apresentaram cumprimentos.

★

Durante a manhã e tarde de ontem passaram pelo Palácio Nacional de Beém, a deixar cartões de cumprimentos ao Chefe do Estado, chefes das missões e representações diplomáticas estrangeiras em Lisboa, alta magistratura, personalidades de relevo na vida nacional e outras entidades.

Foram, também, recebidos no Palácio Nacional de Belém telegramas de saudação de chefes de Estado de vários países.

BRINQUEDOS PARA OS FILHOS DOS BOMBEIROS DE ALGÉS

Promovida pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Algés, efectuou-se ontem, no respectivo aquartelamento, uma festa dedicada aos filhos dos componentes do corpo activo daqu la corporação.

Pelas 11 horas, no parque de viaturas, ornamentado a preceito e onde se via uma grande árvore do Natal, procedeu-se á distribuição de brinquedos a cerca de 80 crianças, á quais foi também fornecido um lanche. Estiveram presentes os srs. Augusto Madureira, presidente da direcção e comandante do corpo activo; Miguel de Oliveira, 2.º comandante e outros membros dirigentes dos Voluntários de Algés, e vários sócios e familiares das crianças contempladas.

Durante o dia estiveram presentes ao publico no Largo da Estação de Algés as viaturas e material de incêndio e no parque do aquartelamento outro material também do referido Corpo de Bombeiros. As duas exposições, que foram muito visitadas, destinaram-se, especialmente, á angariação de sócios e novos elementos para o corpo activo.

O Presidente do Conselho delega poderes noutros membros do Governo

Por um despacho, hoje saído no «Diário do Governo», o Presidente do Conselho de Ministros, delega os poderes que lhe são conferidos pelo Decreto Lei 623/70 no ministro dos Negócios Estrangeiros.

Delega ainda no secretário de Estado do Comércio a representação a nível ministerial dos assuntos relativos à Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA) e ao Acordo Geral sobre Pautas Aduaneiras e Comércio ((G. A. T. T.)

A LOTARIA DE ONTEM

NÚMEROS PREMIADOS

6784—12 000 000$
28799— 2 000 000$
15007— 500 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

6783— 22 750$
6785— 22 750$

PRÉMIOS DE 20 CONTOS

14 615 3083 4366 6259 7016 9508 9714 14502 16952 17433 18403 19118 22369 22447 23515 28354 28572 29776 30019 31241 32542 33167 33487 33614 33694 33804 35574 37793 38248 38460 38623 38858 39692 39966 41531 41741 44042

PRÉMIOS DE 1500$00 (Centenas)

6701 a 6800; 15 001 a 15 100 e 28 701 a 28 800.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 334, são premiados com 3500$00, em cada bilhete; os terminados em 009, 180, 268, 429, 521, 571, 647, 649, 660, 707 e 809, são premiados com 2500$00. São, igualmente, contemplados com 2500$00 os números cujos dois algarismos finais sejam 04, e com 1500$00 os terminados em 06, 31 ou 63. Por último, todos os restantes números cujo algarismo final — terminação —, seja 4, têm direito a 1000$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

★

A Casa da Sorte distribuiu anteontem aos seus balcões mais 2500 contos, relativos ao 2.º e ao 3.º prémios grandes.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

DOÇARIA REGIONAL CASEIRA
CAFÉ INCONFUNDIVEL NO
BAR RIBATEJO
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D — ABRE AS 7 HORAS

RESTAURANTE
antónio
RUA TOMAS RIBEIRO, 63 (Junto do Metro)
DIARIAMENTE AÇORDA DE MARISCO
ABERTO AOS DOMINGOS

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA A PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

JANTE NA TARANTELA
EM AMBIENTE FAMILIAR
Largo D. Estefânia, 22
SALA NO 1.º ANDAR PARA LANCHES DE CASAMENTOS

SOLAR DO MINHO
Rua d. Vigário, 60 — Alfama
(St.º Estêvão) — Tel. 866811
ALMOÇOS e JANTARES
COZINHA MINHOTA
cada dose 20$00

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diario de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

MAIS DOIS PRÉMIOS GRANDES
NO VALOR DE 2.500 CONTOS
FORAM VENDIDOS ANTEONTEM AOS BALCOES DA
CASA DA SORTE
VEJA, POR FAVOR, O ANÚNCIO DA ÚLTIMA PÁGINA

VIDA MUSICAL

AINDA A ESTREIA DE «D. DUARDOS E FLÉRIDA»

Há [illegible] sões colhidas no espectáculo de S. Carlos. Antes de mais, o interesse especificamente musical da «cantata-melodrama» *D. Duardos e Flérida* merece que se atente nesta obra como bem significativo marco na produção do autor. Em contrapartida, o grande talento criador de Lopes Graça não encontra terreno muito propício em empreendimentos ou concepções dramático-teatrais. Aliás vou ao ponto de aventar: o valor musical, e portanto expressivo, da partitura ressaltará incomparàvelmente melhor numa versão de concerto. E tal hipótese não é determinada apenas pela realização cénica que agora se apresentou.

Esta foi, sem dúvida, frouxíssima. As indicações, ou os «planos» do compositor nesse capítulo não terão sido particularmente eficientes ou à musica, como componente teatral, não oferecerá muitas sugestões a um encenador. E certamente Tomás Ribas, em quem recaíram as responsabilidades de pôr de pé o espectáculo a despeito de todas as contingências de vária ordem, não poderia ter feito muito mais do que aquilo que se viu. De qualquer forma, a realização acusou aspectos lamentáveis. Desde a pobreza dos efeitos luminosos e as falhas constantes na sua [illegible] (des)articulação, que chegou a ser catastrófica, até á falta de relevo da movimentação dos actores e ás *poses* ou á gesticulação das bailarinas, passando pela pálida estilização dos cenários e figurinos.

Hugo Casais desempenhou correctamente, e com a suficiente nitidez de dicção, as funções de recitante-narrador. Se nem sempre se ouviu, isso não foi culpa sua. É que, no caso de algumas intervenções do recitante, a dosagem dos planos sonoros esteve longe de ser devidamente calculada logo na própria partitura, conduzindo a uma sobreposição não-funcional da voz do leitor e da musica.

Claro que foi nos aspectos mais estritamente musicais que a récita se impôs, embora vários pormenores dignos de especial atenção talvez não houvessem sido suficientemente notados e apreciados pelo ouvinte «distraído» pelas fraquezas cénicas...

Os cantores mostraram que tinham preparado cuidadosamente os seus papéis, no plano vocal como em matéria de inflexões. Carmen Gonzalez é uma excelente artista, temperamental e de estupendos recursos técnicos e expressivos, não esquecendo um timbre cálido e penetrante. A nossa compatriota Helena Cláudio também encontrou ensejo de evidenciar predicados de timbre. Paulo Fortes dispõe de bonita voz, não muito encorpada, é certo, mas teve, ou assim me pareceu, de lutar com algumas dificuldades que lhe punha a tessitura em que se moveu.

O Coro do Teatro de São Carlos não desmereceu do seu «calo» e das suas capacidades. Só que devia manter-se em cena de forma menos displicente, em atitude mais hirta, sem ser de qualquer maneira.

Experiência e musicalidade estiveram na base da actuação do maestro Silva Pereira, que mais uma vez foi elemento a bem dizer imprescindível no nosso meio. E o rendimento obtido da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, á qual coube tarefa de responsabilidade, foi amplamente satisfatório.

Enfim — para lá da escassez de virtualidades dramático-teatrais que se verifique na «cantata-melodrama» *D. Duardos e Flérida* — uma coisa é certa: a apresentação cénica da obra que tivemos em S. Carlos deixou muito a desejar. Tanto pela deficiência dos «planos» de concepção, como — o que é mais grave — por insuficiências de preparação. O espectáculo estava manifestamente desafinadíssimo. Assistia, de facto, razão áqueles que pensavam — e o próprio Lopes Graça parece que se incluía no seu numero — que só haveria vantagem em adiá-lo ou não o apresentar assim. Se o calendário previa duas récitas, mais valia que se tivesse dado, desta vez, uma só récita mas aprumada. O prestígio do Teatro de São Carlos talvez ficasse, com tal solução, mais defendido... E também o mérito da obra, até no seu estrito aspecto musical, mais realçado.

NUNO BARREIROS

Por motivos alheios ao nosso estimado colaborador Nuno Barreiros, só hoje nos é possível publicar o apontamento final da sua crítica á estreia em epígrafe. Leitores atentos terão, entretanto, notado alguns lapsos evidentes em reduzido numero de exemplares da nossa primeira edição de ontem. Assim — e principal —, o «admirável poder negativo», era, claro, «admirável poder sugestivo»...

ora diga-nos...

— Tem alguma palavra «muleta»?

Todos os entrevistados exigiram explicação. O repórter explicou dando como exemplo o «pá» — o «pá» de toda a gente, mas que não figura ainda nos dicionários.

● *Disse-nos António do Nascimento Teixeira, empregado numa mercearia:*

— Não tenho.

— Não...?

— Não. Falo como sei. Falo como ando. Nunca dei por isso.

● *Palavras de Carlos Alberto Coelho, marceneiro:*

— Tenho.

— Qual...?

— É o «pá»!

— Sim...?

— Sim. É «pá!» para cima, é «pá!» para baixo, «pá!» para todos os lados. É um hábito

● *Afirmou-nos Aniceto Correia, aprendiz de electricista («Já tenho apanhado alguns choques...»):*

— Se tenho uma palavra a que me agarro, francamente, não dou por isso...

— Nem o «pá» do costume...?

— Se digo «pá», nunca ninguém me chamou a atenção para tal coisa.

DOZE CONTOS DE PRÉMIOS PARA ORIGINAIS DRAMÁTICOS DO DR. BECKERT DE ASSUNÇÃO

Dois dos prémios monetários do concurso (promovido pela S. E. I. T.) de originais manuscritos de teatro foram atribuídos a João Carlos Beckert de Assunção, que assim arrebatou o melhor de 12 000$ com os seus escritos dramáticos *As três máscaras* e *Trilogia do homem abandonado*.

Um prémio de 7000$00 coube a *Para que Enicidu não morra inutilmente*, de José Agostinho Goulão Capitão.

Beckert de Assunção, aliás, dr. Beckert de Assunção, é funcionário superior da Emissora Nacional. Tem publicado nomeadamente obras de ficção narrativa e assinado várias traduções do alemão (recentemente o Governo de Bonn agraciou-o por serviços prestados á divulgação da cultura alemã). Quanto ao juri, constituíam-no os srs. dr. João Patrício, Álvaro Benamor, dr. Eduíno de Jesus, Pedro Lemos e Francisco Ventura.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

ADEGA MESQUITA
cantam: Odete Mendes, Maria Amélia Proença, Fernanda Pinto, Aldinido de Carvalho e Francisco Martinho. Tocam: Jaime Santos e António Proença ✲ **Rua «Diário de Notícias» 107 ✲ Telefone 328307**

PARREIRINHA DE ALFAMA
cantam: Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: Manuel Martins e Miguel Ramos ✲ **Consumo mínimo 50$00 ✲ Beco do Espírito Santo, 1 ✲ Telef. 868209**

TAVERNA DO EMBUÇADO
elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 860816.**

MÁRCIA CONDESSA
cantam: Teresa Nunes, Norberto, Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Candida da Conceição, Julieta Maria e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Villar e António Pessoa ✲ **P. da Alegria, 58 ✲ Tel. 367093 ✲ Encerra á segunda-feira**

SOLAR DO MINHO
Cozinha minhota. Todos os dias almoços e jantares ✲ Dose: 20$00 ✲ Rua do Vigário, 60 ✲ Telefone 866811.

FOLCLORE
elenco: Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, América Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino, Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves ✲ **Cons. mín. 120$00 ✲ Taxas incluídas ✲ Rua Nova da Trindade, 22-A ✲ Telef. 35007 - 323406 ✲ Encerra ao domingo.**

TIMPANAS
cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola 24 ✲ Telefones 676655-672431.**

A SEVERA
cantam: Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarela de Portugal» ✲ **Rua das Gáveas, 57 ✲ Telef. 384006 ✲ Encerra á quinta-feira.**

MIL E UM
cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zília Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos. Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Travessa da Espera, 8 ✲ Telefone 35464 ✲ Encerra ás 5 da madrugada**

LUSO
elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Trav. da Queimada, 10-16 ✲ Telefones: 362889-328503**

VIELA
cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Conceição Tavares e Lisete Maria. Tocam: Torquato Lopes e José Inácio ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ R. das Talpas, 14 ✲ Tel. 327256**

A KAVERNA
cantam: Celeste Maria, Tino Santos, Renato Mota. Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho ✲ **Cons. mín. 90$00 ✲ Travessa dos Fiéis de Deus 37 ✲ Telef. 35593**

LAR PORTUGUÊS
cantam: José Borges, Dina Cardoso, Armando Miranda. Folclore pelo Conjunto Típico ddo «Lar Português» ✲ **Conc. mín. 50$00 R. da Barroca, 133 ✲ Telefs. 36960 e 30532 ✲ Encerra ás terças-feiras**

SOLAR DA MADRAGOA
cantam César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias ✲ **Cons. mín. 30$00 ✲ Rua das Trinas, 67 ✲ Telef. 669857 ✲ Encerra ao domingo**

ADEGA MACHADO
cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Manuel Martins ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira**

O ARABITA DE ALFAMA
cantam: Leonor Macedo, João Cabral, Rossana Lima. Tocam: Acácio Gomes e Armando Ferreira ✲ **Encerra aos domingos ✲ Rua da Adiça 9 ✲ Telef. 86345**

O FORCADO
cantam: António Rocha, Mariana Silva, Coelho de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Rosa 219 ✲ Telef. 368579**

GUITARRA DE ALFAMA
cantam: Vitorino dos Santos, Tucha, Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✲ **Encerra ao domingo ✲ Cons. mín. 35$00 ✲ Largo do Peneireiro 7 (Alfama) ✲ Telefone 868505**

BALEEIRA
cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julietta Reis. Tocam: José Alves e Armando Silva ✲ **Encerra ás segundas-feiras ✲ Cons. mín. 40$00 ✲ Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) ✲ Telef. 213259**

O CASTIÇO
Rua Gilberto Rola, 67-1.º ✲ Alcântara ✲ Telf. 670463 ✲ canta: Silvio Pinto ✲ **tocam:** Jorge Canedo e Mário Cotrim.

TABUINHAS
Restaurante típico ✲ Fados e guitarradas ✲ Beco Esconso, 7 (á Rua Visconde da Luz) ✲ Cascais ✲ Telef. 284060.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

GUITARRA DA MADRAGOA
Aberto todos os dias ✲ **Rua da Esperança, 174 ✲ Telef. 661915 ✲ Cons. mínimo 50$00**

A FURNA
Rua Ferreira Lapa, 38-D (á Av. Duque de Loulé) ✲ Telefones 584466-561949
Música gravada. Ceias até ás 3 horas. Encerrado aos Domingos.

JOCKEY-BAR
Rua Nova de S. Mamede, 82 ✲ Telef. 654648 ✲ Ar condicionado ✲ Aberto todos os dias das 18 e 30 ás 3,30

HIPOPPÓTAMO
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Helder Reis ✲ Encerrada aos domingos

ARCHOTE-CLUB
Discos ✲ Rua D. Filipa de Vilhena.

NOCTURNO
Travessa Fiéis de Deus, 28 ✲ Telef. 370889 ✲ Poesia com Correia da Silva ✲ Encerra ás 3 e 30.

MAXIME
Conjunto 6 ✲ Recepção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

GALERIA REAL
Estrada de São Pedro ✲ SINTRA Encerra á meia-noite ✲ Telef. 981661 ✲ Ultimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A.

SANZALA
Av. Marechal Carmona, 2 ✲ Campo Grande ✲ Telef. 770172 ✲ Encerra ás 3.30.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR-
Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

BARBARELA
Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas

SNOB
Rua de «O Século», 178 ✲ Telef. 33723.

TÁGIDE
Variedades. Conjunto Zé Pedro ✲ **Largo da Biblioteca, 18-22 ✲ Aberto ao domingo.**

TAMILA
Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69 — Telef. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

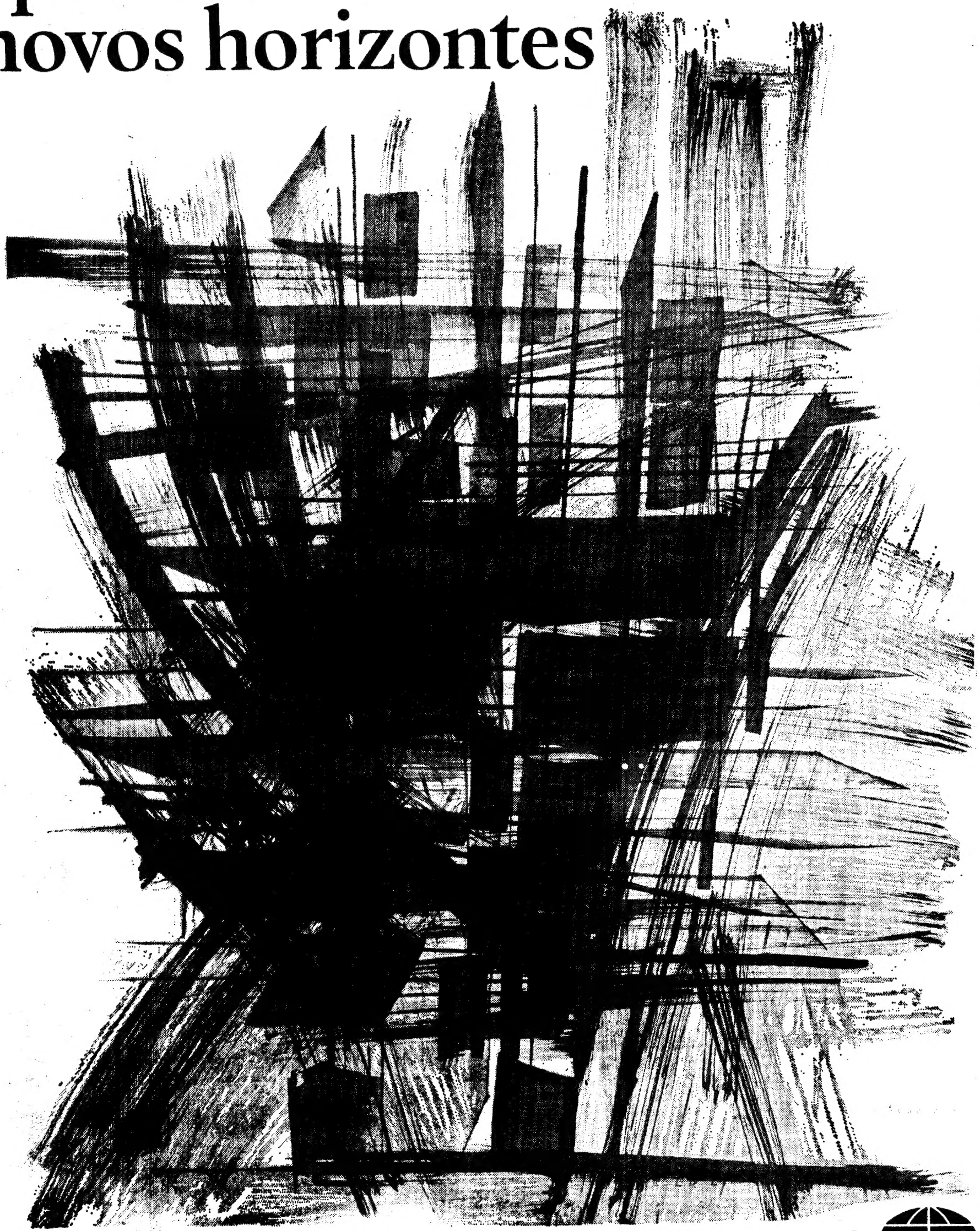
ADAGGIO
Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo repertório ✲ Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Rua Carlos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

CASINO DO ESTORIL
Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 26[illegible] - -264526-264596-264621-264646.**

FORTE VELHO
Paço ✲ S. João do Estoril ✲ Telef. 261337.

CURTO-CIRCUITO
Rua dos Correeiros, 216 ✲ Telef. 369572 ✲ Aberto das 18 ás 3h0.

com o mar aprendemos a construir novos horizontes



SOCIEDADE GERAL SG

A falta actual de mão-de-obra analisada por industriais nortenhos num documento enviado ao Governo

PORTO 31 — Reuniu-se, sob a presidência do sr. engº Mário Borges, a assembleia geral da Associação Industrial Portuense, que aprovou o orçamento para 1971 e admitiu como secretário-geral o sr. dr. José Joaquim de Oliveira Bastos. Em primeiro lugar, foi apreciada a exposição enviada aos srs. ministro das Corporações e secretário Nacional da Emigração sobre as dificuldades de obtenção de mão-de-obra, documento baseado num inquérito junto dos associados, que abrangeu 50 modalidades industriais, distribuídas por 12 sectores, desde as industrias extractivas ás transformadoras, e de cujos elementos se extrairam algumas conclusões no que toca á data em que se começou a sentir a falta de mão-de-obra qualificada e, não qualificada — o que se verificou, mais acentuadamente, desde 1965 — bem como a respeito das categorias profissionais em que há maior carência, a qual atinge cerca de 15 por cento.

A direcção registou com apreço a atenção prestada pelos associados a este inquérito o qual, com os elementos colhidos, permitiu que a referida exposição incluisse matéria que poderá esclarecer a administração publica sobre um problema que merece ser ponderado.

Foi apreciada, também, a exposição enviada no dia 10, ao sr. ministro da Economia, sobre as restrições quantitativas á importação de produtos nacionais, recentemente estabelecidas para as províncias ultramarinas, as quais, conforme se verificou pelas numerosas comunicações dos associados em telegramas, cartas e verbalmente, as quais não deixaram de preocupar muitos dos nossos sectores, dado que as mesmas medidas foram tomadas subitamente. A referida exposição na qual se fazia sentir o desejo de que se pudesse vir a melhorar o clima de ansiedade, manifestava a esperança de que as providências a tomar resultem num necessário equilíbrio de todos os interesses em jogo

A Espanha e a Comunidade Económica Europeia

Foi tomada, igualmente, em consideração a posição tomada pela Câmara Municipal sobre os termos nos quais deverá ser celebrada a escritura de aquisição e posse do terreno, com a área de 48 100 metros quadrados, para aí ser construído o Pavilhão de Exposições, no novo Parque da Cidade, á Boavista. Sobre este assunto, foram ponderadas as condições e os prazos fixados pelo responsável da obra, para a apresentação dos elementos essenciais, respeitantes ás peças complementares relativas ao projecto do aludido pavilhão.

Seguidamente, foi apreciada a exposição feita pela delegação desta agremiação á reunião, efectuada em Lisboa, sobre as razões que levaram a Espanha a procurar ligar-se á Comunidade Económica Europeia. Nessa reunião foi feita uma exposição, pelo sr. prof. Vitor Pou, da Universidade de Navarra, durante a qual se referiu ás razões daquela aproximação, bem como ás dificuldades encontradas, aos resultados obtidos e ás perspectivas futuras, resultantes da aludida ligação, e que, em conclusão, se cifraram, numa primeira fase, num acordo preferencial de seis anos, com eliminação, progressiva, dos obstáculos ao comércio entre as duas partes. Ficou para uma segunda fase um estudo progressivo, por forma a aliar as duas políticas, com vista a uma possível conscencialização que possa vir a assentar em negociações que levem a uma associação com o Mercado Comum.

APROVADOS OS ORÇAMENTOS DO MUNCÍPIO DE COIMBRA

COIMBRA, 2 — Na reunião da Camara Municipal, presidida pelo sr. eng.º Araujo Vieira, assistiram o vice-presidente, sr. eng.º Augusto Correia e os vereadores srª dr.ª D. Maria José Bacelar e srs. Miranda Veloso, Neves da Costa e dr. Viriato Namora, além dos técnicos e chefes de serviços.

Foram aprovados, em definitivo, os orçamentos ordinários para 1971, tanto o da Camara como o dos Serviços Municipalizados, os quais, na sessão passada, foram aprovados, em princípio e depois expostos ao publico, pelo prazo de oito dias, não havendo qualquer reclamação

Foram, depois, abertas diversas propostas para o fornecimento de um compressor, um veiculo pesado de carga e um carro para transporte de lixo, sendo deliberado que todos os processos sejam submetidos á informação do Serviço de Obras e Urbanização.

Antes de se encerrar a sessão, o presidente formulou os seus votos de felicidades para o próximo ano. Retribuiu, em nome da vereação, o sr. Neves da Costa.

NITRATOS DE PORTUGAL

S. A. R. L.

CAPITAL ESC. 200 000 000$00

Rua dos Navegantes, 48 e 53

LISBOA - 2

AVISO

OBRIGAÇÕES DE 5% — 1959

PAGAMENTOS DE JUROS

Informam-se os Senhores Obrigacionistas de que o pagamento de juros referente ao cupão n.º 22, se efectua a partir do dia 2 de Janeiro, nos seguintes estabelecimentos de crédito:

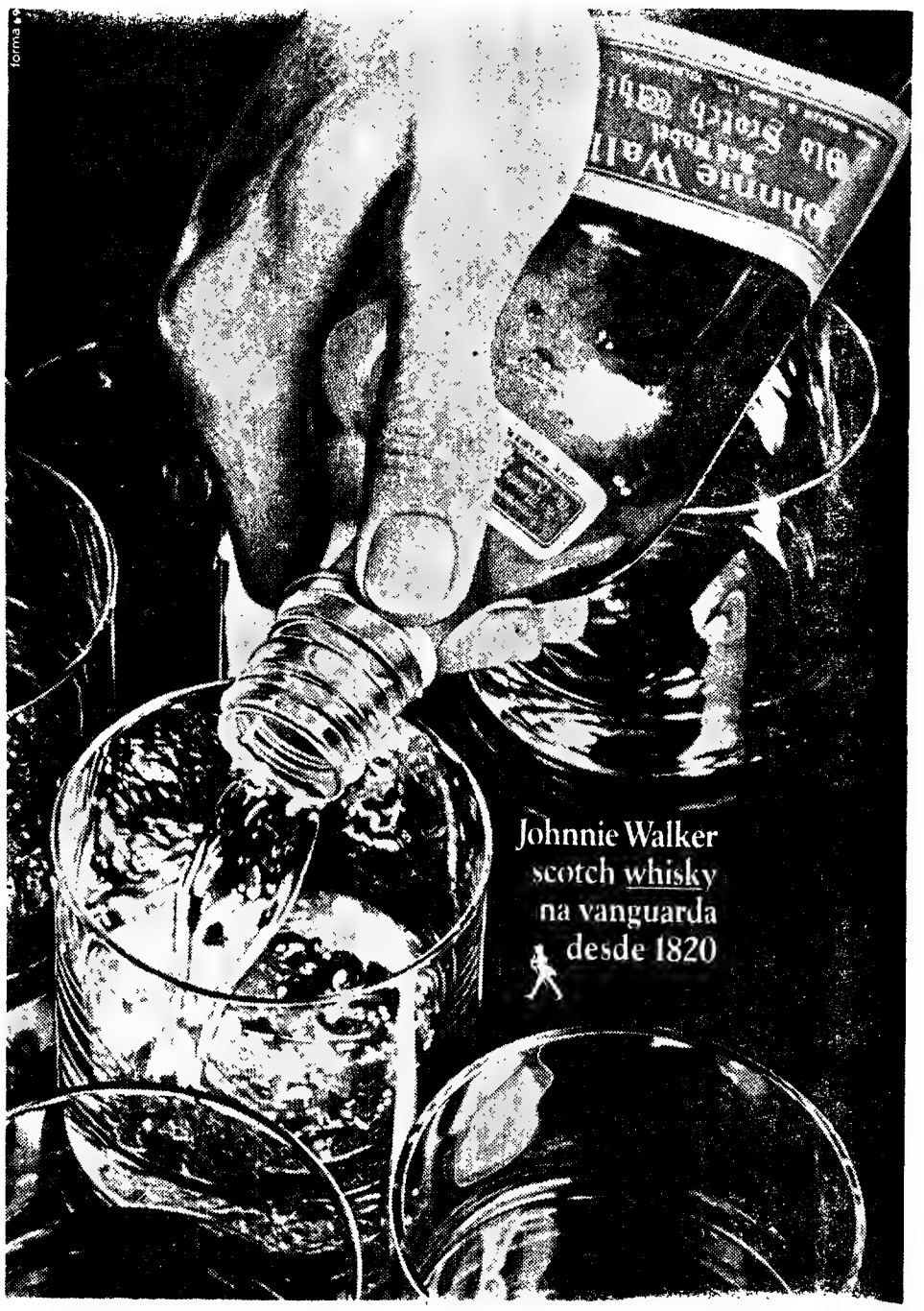
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
BANCO DA AGRICULTURA
BANCO DO ALENTEJO
BANCO DE ANGOLA
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO TOTTA & AÇORES
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
CRÉDIT PREDIAL PORTUGUÊS

O valor do referido juro, depois de deduzidos os impostos aplicáveis, é o seguinte:

Esc. 21$32,25 por cada obrigação nominativa
Esc. 16$04,76 por cada obrigação ao portador (cupão n.º 22)
Esc. 21$51 por cada obrigação ao portador registada (cupão n.º 22)
Esc. 24$81,25 por cada obrigação averbada ao Fundo de Reserva de Associações de Socorros Mútuos.

Lisboa, 29 de Dezembro de 1970.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



Agente Oficial:

NOVOLAR

MONTEIRO & OLIVEIRA, LDA.

R Ferreira Borges, 139-143 e R Correia Teles, 1-3 — Tel. 68 79 28 e 68 68 16—LISBOA

NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

AS CRIANÇAS SÃO TUDO —O RESTO É O «QUEBRA-NOZES»

Mais que não fosse, as crianças explicam o espectáculo. É que o Grupo Gulbenkian de Bailado vai levar ao palco o «Quebra-Nozes». E, assim, lá está: as crianças, se não são tudo, são o mais importante da festa.

De resto, Anton Dolin, o levantador da coreografia de Petina, tem, sobre o caso uma opinião definitiva:

— *As crianças do bailado não o devem ser só no arranjamento, devem sê-lo na própria criação do espectáculo* — diz ele, e acrescenta: — *Em França, foi filmada a coreografia do «Quebra-Nozes», que fez dos bailarinos crianças, obrigando os pais a dançar (?) sobre andas. O que este bailado tem de mais belo (e estou mesmo tentado a dizer comovente) é o facto de, às crianças, chegar um certo tempo de iniciação para nele serem as figuras permanentes.*

— E no caso deste país, onde há poucas aulas e salas de iniciação, está satisfeito com as crianças seleccionadas?

— *Estou encantado com a miudagem. Fazem mais do que podem, e com uma permanente alegria. E veja só como lhes é difícil entender-me, que não falo a sua língua.*

— Essa circunstância tornou difícil, portanto, o seu trabalho?

— *Mas, sem dúvida. Quando não se fala (e para mais a crianças) tem que se fazer tudo. O curioso é que uma das crianças (o Pedro) apreendeu de tal maneira, que não sabe só o que ele tem de fazer, como o que têm de fazer todos.*

É certo, o Pedro Coelho é o melhor auxiliar de Artur Dolin. Mas já lá vamos.)

ANTON DOLIN PELA 4.ª VEZ EM PORTUGAL

Anton Dolin, um dos mais importantes criadores e coreógrafos do «ballet» clássico, é um homem simples, resoluto, directo.

Portugal já o «viu», na Gulbenkian, a montar um grande espectáculo: a «Gizela».

Antes, há cerca de 20 anos, no S. Carlos, viu-o (aí, em palco) dançar.

Mas talvez não saiba que Dolin já nos «conhece» de mais longa data.

É uma história que nos conta com todo o ar de fazer uma grande revelação:

— *Quando vim a Portugal pela primeira vez* — sorri — *tinha eu apenas seis semanas de idade! É certo. O meu pai teve que vir ao Porto, e, ao trazer a minha mãe, ela não me pôde deixar em Inglaerra. Eu tinha mês e meio. Foi em 1904. O meu pai veio a Portugal vender cavalos ao rei.*

E, udando um certo tom orgulhoso, para uma expressão de humor, acrescentou:

— *E, agora, veja lá, só sei dizer três coisas em português: Cascais (porque foi onde vivi da última vez; Obrigado (que acho uma palavra muito terna); e nove-nove-cinco (que é o número do telefone da casa onde, desta vez, habito).*

Poderia ter sido uma longa conversa, mas o ensaio-geral (ontem realizado) chamava-o ao palco.

Pedro, Luísa e Anton Dolin conversam com o nosso red

os presentes que estão na árvore. Depois há a mágica do «feiticeiro». O resto é sonho, e, nele, não tomando parte as crianças. O herói deste «Quebra-Nozes» é o Pedro Coelho. Tem mais nomes, pois claro. Mas estes chegam.

Pedro é o que sabe tudo (dele e dos outros). É verdade.

— Como sabes tudo, assim?

— *Sou uma das Claras.*

— Uma, porquê? Há mais?

— *Foram escolhidas duas.*

— Ah, sim?

— *É verdade.*

— Quantos anos tens?

— *Faço dez em Abril.*

— Há quantos danças?

— *Há quatro.*

— Estás satisfeita?

— *Estou feliz.*

Luísa (Clara) Vendrell (com dois éles) foi sincera.

A abertura do bailado está a cargo do Grupo de Iniciação ao Bailado da Fundação Calouste Gulbenkian

Ah, mas antes disso, uma última pergunta:

— Está satisfeito com a colaboração do cenógrafo português Artur Casais?

— *Olhe, vou-lhe dizer: o cenário, em maqueta, pareceu-me demasiado moderno, Mas é excepcional como se enquadra maravilhosamente na coreografia e na música de Tchaikovsky.*

AGORA PORTANTO AS CRIANÇAS

Recordam-se de como começa o «Quebra-Nozes»? Pois é: por uma festa de Natal: os pais levam os filhos que esperam receber

— *Fixei* (quando for adulto dirá: apaixonei-me, ou outras expressões mais discursivas).

— Quantos anos tens, Pedro?

— *Onze.*

— Desde quando fazes «ballet»?

— *Desde os cinco.*

— Estás satisfeito por teres sido escolhido?

— *Estou.*

— Muito ou pouco?

— *Muito.*

Lacónico e tímido — é a sua primeira entrevista.

Também é assim Luísa Vendrell.

— *Com dois éles.*

— Porque?

— *Porque é assim que se escreve.*

— O que fazes no «ballet»?

Toda ela era felicidade, que ia para além do seu palmo e meio de gente.

O «MAU» (ESSE) É DETECTIVE NO TEATRO

Francisco Pedro Telo é o «mau» do grupo. É a miúdo traquinas. Que rufa o tambor. Que protesta. Que perturba. Que leva os seus açoites. (No

NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA. 257

Barbosa, Esteves & C.ª, L.da
OURIVES-JOALHEIRO
293—RUA DA PRATA—295
COMPRE E VENDA AS SUAS JÓIAS NESTA ACREDITADA CASA DA ESPECIALIDADE

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

O ALENTEJO, HOJE

Já a questão foi levantada na imprensa regional, no «Diário do Alentejo», para ser mais preciso. Mas extrapola dos dados fornecidos. A penetração de capitais estrangeiros e a fixação de colonos (ou a compra de latifúndios) no Alentejo não se restringe já ás regiões de Beja, Ferreira, Alcácer: abrange a zona ralana de Elvas e, mais para cima, os descampados das antigas honras dos monges cavaleiros; para baixo, os ermos de Castro Verde. São ingleses, alemães, franceses e até suecos que ali deitaram tenda: com aspectos distintos de implantação no solo português. Há quem transforme por completo o cariz da paisagem, o regime das culturas, com resultados ainda por apurar. Há quem tenha, pelo contrário, aceite a tradição do trigo, como cultivo único. Há famílias inteiras de agricultores britânicos trabalhando, com suas máquinas e suas mãos, por vezes sem assalariados, o chão madrasto da estepe transtagana. Os filhos ou os netos desses colonos, por ora ainda tangenciais á vida local, podem vir a ser súbditos portugueses, o que, em certa medida, significa com transfusão de sangues e civilizações (já que estamos dando também á Europa a mão-de-obra barata) e alteração aqui do domínio da propriedade.

Os que a tempo não souberam, ou não quiseram, resolver a questão social, pelo sistema das granjas cooperativas, acabam por vender aquilo que não podiam, que óbviamente não eeriam capazes de gerir. Porém, isto respeita a herdades da ordem dos cem hectares ou pouco mais, ora ocupadas, no geral, por núcleos cujo estrato social é o da pequena burguesia inglesa: técnicos da lavoura, engenheiros com cursos médios acelerados ou simples amadores dispostos a vencer. Muito diferente é o caso das grandes extensões de seara e olival transaccionadas por alemães, austríacos ou suecos, alguns dos quais terão querido eximir-se ao fisco dos seus países, investindo importantes somas nestas charnecas ou planos de semeadura. Diverso é também, lógicamente, o espírito que os anima, o contacto de uns e de outros com as populações aborígenes, sendo de certa boa-vontade, ainda peada de reserva, a atitude do agricultor britânico, paternalista ou sobranceira a dos novos senhores que de outros países vêm substituir-se aos nossos feudais, trazendo, é claro, de qualquer modo com eles uma tecnologia, em vez da inércia que era a regra, não raro a par da avareza e do abandono, nesses vastos terreños.

O que ocorre perguntar é se não teria sido preferível fixar ao solo português, através de uma legislação adequada, a mão-de-obra sobrante?! Do ponto de vista ético, a questão nem chega a formular-se, tão evidente é a afirmativa, quando pensamos na sua situação em nações alheias. Do ponto de vista da eficácia do desenvolvimento, fica em aberto a interrogação: O que nós não lográmos obter, irão, na nossa casa, operá-lo filhos de outras pátrias? E que apoio lhes é concedido, quando ou se dele necessitam?

É na bifurcação desta interrogação que nos detemos, com o propósito de levar por diante o inquérito a que esta nossa sumária informação-reflexão apenas abre o caminho.

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

m o nosso redactor

bailado — é claro). É o Há Fritz.

Dolin já o conhecia. Fez dele o pagem de «Gizele». as.

Francisco Pedro é já um actor. É mesmo um actor. Pois, ao tempo que se prepara para o «Quebra-Nozes» estreia-se no Teatro Villaret, em «Emilio e os Detectives».

— Qual é lá o teu papel?

— *Sou o primeiro detective.*

— E no bailado?

— *Sou o Fritz.*

— Ès o mau, não és?

— *Mau, não é bem assim. O Fritz, que eu faço, é só indisciplinado.*

Francisco Pedro é a unica criança que não pertence ao Grupo de Iniciação do Bailado que a Fundação Calouste Gulbenkian mantém. Ele zaria (disse-nos) «ballet» no S. Carlos.

— Gostas de dançar?

— *Gosto muito.*

— Porquê?

— *Ora* — diz-nos, sereno — *porque gosto muito de representar.*

— Mas aqui é dançar, não é?

— *Então e como é que se dança sem se fazer de conta? Sem se representar?*

Ah, o mundo extraordinàriamente sábio das crianças!

É bem assim. Ou da parte de dentro do espectáculo, ou do lado do público, todas as crianças entram no seu mundo do «faz de conta», que é o que faz fazer este «Quebra-Nozes» que se estreia hoje, á noite, mas que desde quarta-feira já está pronto.

Falta falar do resto: o director artístico, os artistas convidados, os bailarinos, o corpo de baile. Mas para quê? No «Quebra-Nozes», as crianças são tudo — o resto é o espectáculo.

T. da S.

ANOMALIA NA MAGALHÃES COUTINHO

Parturientes e filhos privados de visitas

Situação anómala a registada na Maternidade Magalhães Coutinho: depois do parto, parturiente e recém-nascido não podem receber visitas dos familiares. Assim se explica que um pai não saiba, durante alguns dias, o estado, o sexo, e o aspecto do que poderá ter sido o seu primeiro descendente. Regime desumano que impede mesmo se conheça o estado de saude da parturiente.

Tentámos falar com o director do hospital onde se integra a maternidade, em busca de um esclarecimento, dificilmente, plausível. Face á sua ausência, tentámos os serviços informativos. Atrás do balcão, uma senhora e um jovem assumiam perfeitamente a personalidade típica do funcionário publico: ignorante das causas, mas obediente ás ordens. Sómente nos adiantaram que nos primeiros dias de funcionamento as visitas tinham sido permitidas, saindo depois uma ordem de serviço decretando a sua proibição. Não lhes competia, a eles, conhecer as razões «que poderiam ser várias ou apenas uma», que levaram ao estabelecimento daquele regime.

— *E então nós?* — pergunta o José Filipe Louçada, motorista de táxi — *Não temos direito a saber porque não nos deixam ver as nossas mulheres ou outros familiares? Ainda se se tratasse de doenças contagiosas, eu podia perceber esta atitude. Assim considero-a a pior possível. Nem que autorizassem apenas uma curta visita diária, bastava para nos animar.*

A «gorgeta» fonte de informação

— *Aqui estou eu também em cuidados e nada me dizem, nem posso saber da minha cunhada* — desanima Emília da Silva Carvalho, doméstica. — *A minha cunhada entrou aqui no dia de Natal e segunda-feira resolveram enviá-la para casa, apesar de estar com uma tensão de 18. Uma médica de fora, quando a viu ficou alarmada e fez força para ela entrar novamente, porque corre perigo e a criança também, Estamos há horas aqui e não sabemos nada sobre o seu estado.*

Carlos Augusto da Silva Costa, analista, intervém de modo veemente:

— *Além de eu considerar que a falta de visitas tem os seus efeitos psicológicos nas internadas e mesmo em nós, ficamos ainda sujeitos a ignorar o estado e o sexo das crianças que nascem. No meu caso, soube que a minha mulher tinha tido bebé e dirigi-me ás Informações e ás enfermeiras que nem sequer me disseram se era menino ou menina! Que esperasse que ela tivesse alta! Ora isto é humano? Tive de me valer de um servente, que á custa de gratificação, lá se foi informar.*

— *Só para serventes, desde as 19 e 30 de ontem, hora a que a minha mulher entrou, já larguei 150$00. O meu miudo nasceu ontem e não me deixam entrar para o ver* — diz José A. Monteiro, empregado de comércio.

— *O meu filho nasceu no dia 26, e hoje vislumbrei-o á janela, no colo da minha mulher, ridículamente, com medo que nos vissem. Ap as percebi um vultozinho embrulhado. Esta é uma situação que não lembra ao diabo! Para enviar qualquer recado é preciso andar á caça dos serventes e abrir a algibeira...*

A nossa perplexidade não cessa de aumentar, e os depoimentos continuam.

José Maria Castilho Serelha, mecanico de aviação acha que o seu caso tem muito interesse:

— *Como moro em Almada, quando ontem pela tardinha vieram as dores á minha mulher, fui logo a correr para o hospital de lá. Uma vez chegados, informaram-nos que não havia vaga. Como eu protestei e exigi que resolvessem o as-*

(Continua na 16.ª página)

Desejamos que
cada minuto do
NOVO ANO
corresponda a um tempo
de progresso e felicidade
para a família portuguesa
no Continente, no Ultramar
ou em qualquer ponto do
Mundo onde labore.

ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA
PINTO DE MAGALHÃES
COM TODOS OS SEUS AGENTES E CORRESPONDENTES NO PAÍS E NO EXTERIOR

MATEMÁTICA

ESTUDO ORIENTADO

Os Serviços Sociais da Universidade Técnica de Lisboa realizam cursos de explicacões de Matemática do ciclo preparatório e do 2.º e 3.º ciclos liceais, em grupos limitados a 3 alunos, sob a orientação de universitários devidamente preparados.

Informações na Sede daqueles Serviços, Rua Gonçalves Crespo, n.º 20-1.º (próximo do Liceu Camões) ou pelos telefones 53 87 02/3.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

Palavras cruzadas

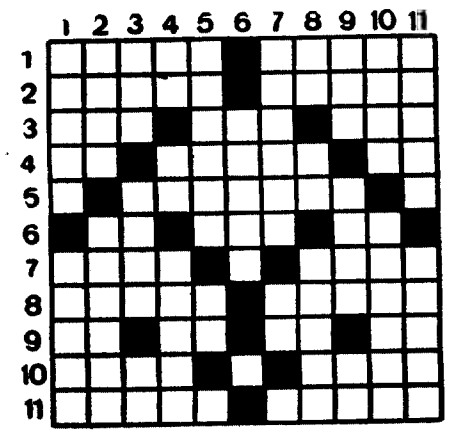
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5762

HORIZONTAIS: 1 — Lapeiras. Sinal. 2 — Acanha. Borrifar. 3 — Sustento. Ergue. Arara. 4 — Viração. Escora. Sufixo que designa estado. 5 — Amaciara. 6 — Atmosfera. Ave da família dos láridas. Caminha. 7 — Nome do trono imperial na Etiópia. Pega. 8 — Aflição. Costurar. 9 — Sota musical. Artigo indefinido. Érbio (s. q). Neon. (s. q). 10 — Terreno duro e liso onde se secam e malham cereais. Pingo. 11 — Costumara. Adicionar.

VERTICAIS: 1 — Habitante da Lapónia. Azedos. 2 — Gostar muito de. Apartado. 3 — Nome de vários papas. Rio de Espanha. Culpado. 4 — Amónio (s. q). Plural. Regar. 5 — Abandonaria o lugar. Antes do meio-dia. 6 — Trabalho. 7 — Tecei. Cério. (s. q). 8 — Nota musical. Sufixo que designa estado. Rio de Portugal. 9 — Nome de letra. Antepassados. Grande ribeira da Ásia Russa. 10 — Querido. Sustenta. 11 — Ave trepadora. Limpar metais.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5761

HORIZONTAIS: 1 — Repasse. Gas. 2 — Avós. Gata. 3 — ABRIL. Varam. 4 — Três. Piso. 5 — Ais. Cantar. 6 — It. Pá. Ha. Em. Em. 7 — Amarão. Ali. 8 — Oiro. FRIO. 9 — Apuro. Ramal. 10 — Iara. Pitia. 11 — Soa. Remares.

VERTICAIS: 1 — Reatai. Cais. 2 — Brita. PÃO. 3 — Pares. Mouro. 4 — Avis. Paira. 5 — Sol. Carro. 6 — SS. Pé. Aa. Pé. 7 — E. VINHO. Rim. 8 — Gasta. Pata. 9 — Garoa. Armar. 10 — Ato. Relia. 11 — Samo. Miolos.

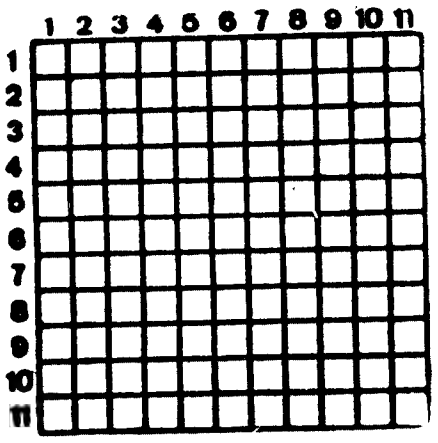
Provérbio: ABRIL. FRIO — PÃO E VINHO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9605

HORIZONTAIS: 1 — Nome de vários rios da Alemanha. Estacam. 2 — Preparar com ópio. Mete em mala. 3 — Lábia. Extrair. 4 — Tanto. Ofereces. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 5 — Viração. Estreito. Preposição e artigo definido. 6 — Nome de letra. Prefixo que designa ar. 7 — Fruto da oteira. Duas vezes. 8 — Condado da Irlanda. Roçam. 9 — Estime. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Letra grega. 10 — Derrotes. Produzir. 11 — Ave trepadora. Içara.

VERTICAIS: 1 — Desembaraça. Termina. 2 — Desmontara. Gostar muito de. 3 — Freguesia do concelho de Barcelos. Prisão (pop.). 4 — Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Pesquisa. Atmosfera. 5 — Freguesia do concelho da Covilhã. Veia. 6 — Espaço de doze meses. 7 — Apelido de um conhecido locutor português. Cidade de Portugal. 8 — Governanta. Qualidade. Artigo definido (ant.). 9 — Costa. Aguarda. 10 — Esconder. Prender. 11 — Serra de Portugal. Desejara.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9604

HORIZONTAIS: 1 — Belém. Cavan. 2 — Etes. Aida. 3 — Jau. Meã. Mit. 4 — Ar. Berno. To. 5 — Ralei. Orças. 6 — Mina. Sras. 7 — Am. Ui. 8 — Im. Urram. Af. 9 — Lenda. Manta. 10 — Acuar. Adiar. 11 — Massa. Mania.

VERTICAIS: 1 — Beijar. Filam. 2 — Elaram. Meca. 3 — Leu. Lia. Nus. 4 — Bs. Bermudas. 5 — Mena. Rara. 6 — Ter. Br. 7 — Anos. Amam. 8 — Aa. Arrumada. 9 — Vim. Cai. Rir. 10 — Aditas. Atai. 11 — Natas. Piara.

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 2 de Janeiro de 1941 publicava:

«Ao abrir o Ano Novo no âmbito da nossa actividade, ligada á vida da Nação pelo nosso pensamento e pelo nosso dever, o «Diário de Lisboa» cumprimenta os seus amigos, leitores, assinantes e anunciantes e torna extensivos os votos de felicidade e tranquilidade nos corações a todos quantos velam pelo bem comum e trabalham, seja qual for o sector em que se encontrem, pela paz e pela dignidade da nossa Pátria.»

DONATIVO PARA UMA CANTINA ESCOLAR

FARO, 2 — Foi entregue á Direcção do Distrito Escolar, pelo sr. comandante Correia Matoso, a importância de 250 000$00, destinada á construção e manutenção de uma cantina para alunos do ensino primário em Vila do Bispo.

COMISMAR

PERITAGENS
SUPERINTENDÊNCIA
FISCALIZAÇÕES
ASSISTÊNCIA TÉCNICA

R. DO ARSENAL, 148, 4.º, DT.º Tel. 328511/368896

GANHE ATÉ DEZ MIL ESCUDOS MENSAIS

Trabalhando em sua própria casa, com actividades modernas, originais e agradáveis, sem diplomas nem conhecimentos especiais. — Escreva hoje mesmo a: CONTINENTAL — LABOR, calle Calvet, n.º 5 — Barcelona (Espanha).

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«LUGELA» a sair em 2 de Janeiro — Com escala prévia por Leixões para: **PRINCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE** (se necessário).

«PORTO» a sair em 10 de Janeiro — Com escala prévia por Leixões para: **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA** (se necessário). Carrega de 2 a 5 de Janeiro

«UIGE» a sair em 11 de Janeiro às 16 horas — Com escala por Las Palmas para: **CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES.** Carrega de 5 a 8 de Janeiro.

«INF. D. HENRIQUE» a sair em 22 de Janeiro às 12 horas — Com escala por Funchal para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.** Carrega de 17 a 20 de Janeiro

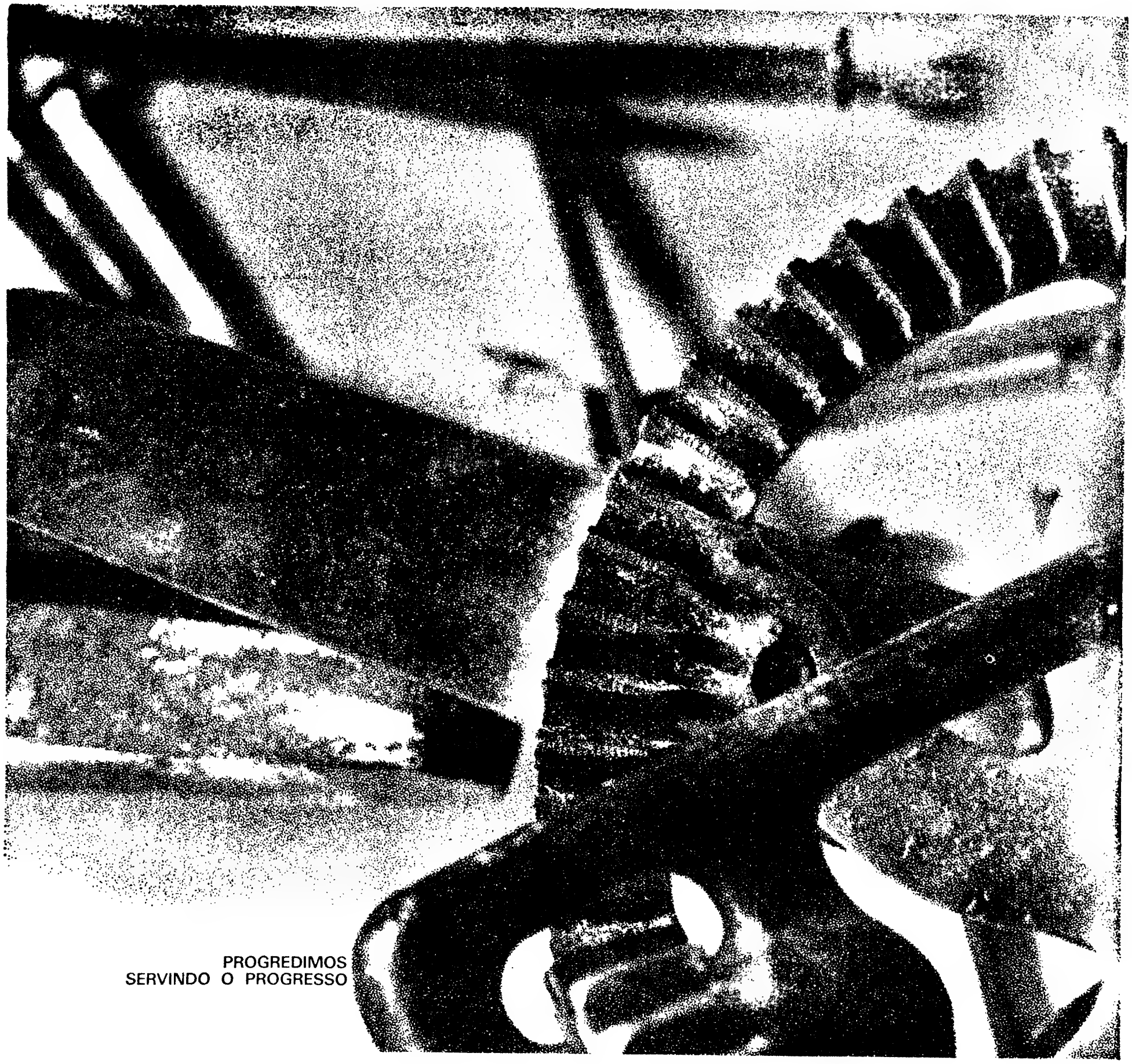
«IMPÉRIO» a sair em 22 de Janeiro ás 16 horas — Com escala prévia por Leixões, para **LAS PALMAS, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES.** Carrega de 14 a 16 de Janeiro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 15 de Fevereiro às 18 horas — Com escala por Vigo e Funchal, para: **TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).**

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42



PROGREDIMOS
SERVINDO O PROGRESSO

No início de um NOVO ANO
a Metalúrgica Duarte Ferreira
exprime a sua confiança
no progresso da indústria nacional.

METALÚRGICA DUARTE FERREIRA SARL
LISBOA TRAMAGAL PORTO LUANDA LOURENÇO MARQUES

J. PIMENTA, SARL

o melhor emprego de capital

APARTAMENTOS MOBILADOS

PAÇO DE ARCOS

Junto à praia e a 100 metros da estação de Caminho de Ferro, com magnífica vista para o mar.

Preços de 170 Contos a 400 Contos

REBOLEIRA — AMADORA

Grande conjunto urbano, bons estabelecimentos comerciais, ligado ao centro da cidade por uma eficiente rede de transportes.

Preços de 150 Contos a 260 Contos

CASCAIS

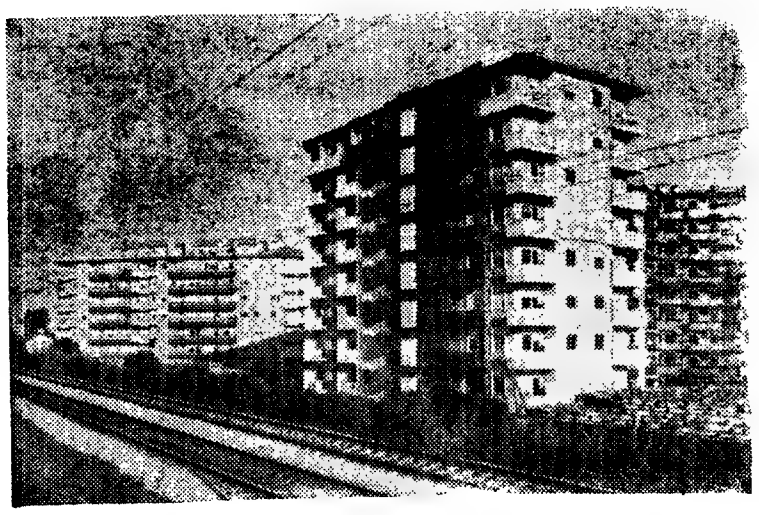
Num dos melhores locais, excelentes Apartamentos Mobilados dominando soberbas panorâmicas da Serra e do Oceano.

Preços de 350 Contos a 680 Contos

LISBOA

Para construção imediata numa zona de expansão acelerada.

Preços desde 370 Contos



PAÇO DE ARCOS — Bairro Comendador Joaquim Matias

ANDARES • ANDARES

AMADORA

Avenida Santos Matos, n.º 10 — Andares prontos a fazer escritura em prédio de luxo, junto à estação do Caminho de Ferro e ao jardim.

4 assoalhadas — 300 Contos
6 » — 600 »

REBOLEIRA — AMADORA

Andares prontos a fazer escritura.

3 assoalhadas — 250 Contos
4 » — 350 »
6 » — 450 »

PAÇO DE ARCOS

Em adiantada fase de construção e com magnífica vista para o mar.

3 assoalhadas — 370 Contos
4 » — 370 »
5 » — 425 »
6 » — 480 »

LISBOA

Para construção imediata.

3 assoalhadas — 325 Contos
4 » — 425 »

5.000
Clientes satisfeitos recomendam-nos

INFORMAÇÕES PARA ALUGUER E VENDA:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70
PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telef. 3 43 35 11
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 39 — Telef. 28 25 75
Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 28 39 88
COIMBRA — Avenida Fernão de Magalhães, 470, 1.º, Sala 1
CASTELO BRANCO—Praça do Rei D. José, com entrada pela R. da Figueira

ANOMALIA NA MAGALHÃES COUTINHO

(Continuação da pág. central)

sunto, disseram que vinha para Lisboa. Fretou-se uma ambulância e não havia porque tinha ocorrido um desastre para os lados do Casal de Marques. Tivemos de esperar, ela coitada toda aflita e só foi aqui hospitalizada por volta das 23 horas. Nesceu a criança, eu sem saber nada e aqui a perder, com os outros, dias de trabalho.

Limitamo-nos a relatar os factos e a auscultar opiniões dos lesados por situação tão anómala como, no dizer de muitos, desumana. Não encontramos explicação aparente para este estado de coisas. Deficiência de instalações? Falta de pessoal? Nova medida estranhamente profiláticа? Interrogações, espantos que ficam no ar com os protestos da gente aglomerada no pequeno átrio desta invulgar Maternidade Magalhães Coutinho.

Estranheza soma estranheza...

Como medida de regulamento interno, soubemos que nos casos considerados normais é concedida a alta ás parturientes vinte e quatro horas após o parto. Se as parturientes gozam do «privilégio» de residirem na zona de Lisboa, têm durante oito dias direito a serviço domiciliário prestado por uma brigada médica móvel. Mas se habitam nos arredores da cidade, nenhuma assistência lhes é garantida. Independentemente de nos parecer este critério de concessão de altas pouco adequado, sob o ponto de vista médico, mesmo tratando-se de partos normais (a prová-lo o facto de a alta obedecer a um prazo bem mais longo, nas outras maternidades), esta discriminação «regional» é chocante. Bem sabemos que é precisamente na periferia da cidade que os serviços médicos são mais escassos e deficientes. Por outro lado, as possibilidades económicas, a falta de esclarecimento dos moradores dos arrabaldes não são de molde a encorajar um encolher de ombros face á situação. Trata-se de vidas humanas em risco. Trata-se de uma responsabilidade social não assumida. Para quando a maternidade reconhecida e protegida na sua real dimensão social?

Que resposta existe para estes factos?

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

QUINTÃO
TAPETES, CARPETES E ALCATIFAS
30, Rua Ivens — LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª DIVISÃO)

BELENENSES-FARENSE

DOMINGO, 3 DE JANEIRO

A C. P. organiza em colaboração com o Sporting Clube Farense, um serviço especial, em carruagens reservadas, atreladas aos comboios n.os 9012 do dia 2 de Janeiro e 9010, 9015 e 9023, do dia 3, de Faro a Barreiro, e volta, em ligação ás carreiras normais entre Barreiro e Lisboa (Terreiro do Paço), por ocasião do desafio de futebol acima indicado, ao preço de 110$00.

HORÁRIO

IDA			VOLTA		
Dia 2	Dia 3	(T. do Paço)	Dia 3		
C.º 9012	C.º 9010		C.º 9015	C.º 9023	
16.55 h.	7.15 h. — P.	FARO	C. — 0.49 h	6.02 h.	
17.40 h.	7.59 h. — P.		C. — 0.04 h.	5.05 h.	
22.20 h.	12.36 h. — C.	TUNES	P. — 19.32 h.	23.10 h.	
		BARREIRO			
22.35 h.	12.45 h. — P.	LISBOA	C. — 19.20 h.	22.55 h.	
23.10 h.	13.20 h. — C.		P. — 18.45 h	22.20 h.	

Bilhetes à venda na Sede do «Sporting Clube Farense» e na estação de Faro.

A MENSAGEM DE ANO NOVO DO CHEFE DO ESTADO

(Continuação da 1.ª página)

Após esta breve divagação que o dia de hoje motivou, mais uma vez ainda dirijo uma mensagem amiga a todos os portugueses, no dealbar dum novo ano, fiel, como tenho sempre ser, ás obrigações do meu cargo: e não o faço, apenas, por dever de consciência, mas, também, por imperativo do coração. É que neste dia singular de cada ano a esperança substitui as desilusões acumuladas no ano anterior e ao Chefe do Estado cumpre, muito gostosamente aliás, a missão de desejar nele a todos os seus compatriotas as maiores venturas e todos os possveis e devidos progressos. Para mais e como disse nas minhas primeiras palavras, começa hoje o oitava década do século em que vivemos e essa circunstancia leva-me a ambicionar que nela os portugueses possam ver realizadas todas as suas legítimas aspirações e, entre elas e principalmente, como povo pacífico que muito se preza de ser, a do fim da guerra que a defesa da integridade sagrada da sua terra lhe impôs.

Expressos estes muitos sentidos votos, nos quais envolvo, por igual, todos os meus irmãos portugueses, de quaisquer etnias ou credos, residindo em chão lusíada ou batendo-se nele e vivendo em comunidades ou isoladamente em terra estranha procurarei, como tenho feito nos anos anteriores, apreciar alguns aspectos internacionais e caseiros do ano que ontem terminou os seus dias.

Internacionalmente e na minha perspectiva, o ano de 1970 é mais para esquecer do que para lembrar, pois nele se assistiu a confrangedores retrocessos morais. O Mundo anda profundamente perturbado, sem rumo definido e os homens mostram-se incapazes de o reconduzir a uma rota segura e em que o conveniente aproveitamento dos espantosos progressos da ciência e da técnica poderia contribuir, grandemente, para precipitar o advento de uma era mais feliz para toda a Humanidade.

As considerações que seguidamente farei sobre o panorama que a minha perspectiva alcançou, não devem ser tidas como simples críticas pessimistas ao que está ocorrendo, mas, sobretudo, como grito de alarme tendente a chamar a atenção dos principais responsáveis pela condução do Mundo para os males, ainda mais graves, que podem sobrevir e para os perigos que eles comportam e que cada vez mais dificilmente poderão ser sanados. Antecedo, porém, essas considerações duma síntese do quadro que os meus olhos observaram, na contemplação do panorama do Mundo, no ano que ontem findou.

As guerras continuaram pululando, sem declaração de guerra — o que as não tem evitado — e olvidando todos os apelos de paz.

As convulsões políticas, dentro de alguns países, aumentaram em numero e em intensidade.

O respeito pela casa alheia parece estar equecido e constituir, como direito, mas uma velharia fora de moda.

A imoralidade nos costumes, as drogas e a pornografia, campeiam alarmantemente em quase todo o lado, difundidas por uma literatura baixa, barata e amplamente disseminada; por um cinema em busca de maiores lucros; por um teatro que procura sobreviver; e, até, por algumas artes, que deixaram, na verdade, de o ser.

O mundo do crime veio á superfície através de roubos que o sustentam, de assaltos, de desvios de aviões, de raptos ineríveis, e de outros malefícios, com uma desenvoltura apavorante e uma quase impunidade assaz perigosa.

A anarquia surgiu mais virulenta em quase toda a parte, das mais variadas maneiras e em muitos sectores da sociedade, elevada do espírito de destruição que a caracteriza e, consequentemente, sem que nela se consiga vislumbrar qualquer outra finalidade.

A verdade continua postergada e cada vez mais substituída pela mentira.

O respeito pela vida humana, e o dever de respeitar os direitos alheios, andam também cada vez mais esquecidos.

A própria igreja de Cristo, um dos principais baluartes da civilização ocidental, continua perigosamente perturbada e debatendo-se em correntes visivelmente discordantes.

Perante este quadro muito pouco animador e onde não existe pessimismo, mas sómente realismo, que pensar, que fazer?

Á custa de muitas vidas e de horríveis tragédias, as duas grandes guerras da primeira metade deste século precipitaram explosivamente os progressos da ciência e da técnica. Infelizmente, porém, o apuramento no civismo dos povos não acompanhou o ritmo desses progressos e o desfasamento que se foi acentuando cada vez mais, é possivelmente uma das principais causas do mal-estar do Mundo e da tendência para a animalidade, que parecia quase banida do convívio humano.

Depois das Nações Unidas terem surgido não mais deixaram de eclodir guerras

Dessas duas guerras saíram como fruto da primeira, a Sociedade das Nações e, como fruto da segunda, as chamadas Nações Unidas. Na primeira, embora aparentemente, todas as nações tinham iguais direitos; na segunda, não obstante ter surgido um quarto de século depois, já assim não sucedeu, pois nasceu com nações privilegiadas e com direito a veto, que tanto pode ser usado em bom como em mau sentido, mas sempre no sentido do interesse directo ou indirecto da nação que o utiliza. A verdade manda dizer que nem a Sociedade das Nações (se bem que mais idealista) cumpriu a missão para que foi criada, nem as Nações Unidas, que lhe sucederam, a conseguiu cumprir até hoje. A ONU tem sido práticamente dominada pelas nações comunistas e por nações que há um quarto de século não existiam e essa realidade tem sido causa de nela se debaterem muito mais os interesses e as paixões, do que o direito de que cada nação deve fruir e a justiça que a todas é igualmente devida. Por outro lado, tem-se verificado que, depois das Nações Unidas terem surgido, não mais deixaram de eclodir guerras em vários continentes, claro sem declarações formais de guerra, como outrora, mas guerras autênticas e mais brutais do que nunca. E mesmo longe da ideia de considerar a ONU como um organismo fomentador de guerras, o que não pode deixar de dizer-se é ela não ter mostrado capacidade para as evitar ou, sequer, para as sanar. Tal conclusão, certa até agora, mostra ter ela falhado na missão fundamental para que foi criada.

A inoperancia da O. N. U., nessa sua missão, e a ansia dos estados em proporcionarem cada vez mais progresso material ás populações que administram, sem, simultaneamente, cuidar a fundo da educação moral de que careçam, podem estar, também, na base do descalabro para que tem caminhado ultimamente a humanidade. É necessário, dizê-lo mesmo indispensável, que cada pessoa tenha enraizada, no íntimo da sua consciência, a noção exacta do que pode fazer e do que não deve fazer, dos direitos de que pode usufruir e que são só legítimos enquanto não colidirem com legítimos direitos alheios. Só por não ser assim é que, para melhor equilíbrio da humanidade, se não deve esquecer que cada pessoa e cada sociedade só deve gozar das liberdades que mereça pela sua maturidade e pela sua compostura na vida.

Ora não é infelizmente isto o que presentemente se verifica, pelo que sem andar ao arrepio do tempo e sem desprezar as facilidades que o progresso vai proporcionando temos essencialmente de preservar a humanidade dos malefícios que o progresso indirectamente pode causar, contaminando cada vez mais o ambiente em que vive.

A conspiração contra a civilização ocidental

A tudo isto acresce e não é a menor parcela do todo a considerar a conspiração há muito em marcha e perfeitamente organizada, com o fito de precipitar o fim da civilização ocidental.

Tudo está sendo sistemática e inteligentemente manobrado, sem aquela oposição que se tornava mister pôr em marcha. Em vez de reagir prontamente e com todas as potencialidades morais e materiais de que a civilização ocidental ainda dispõe, está, ao invés, contribuindo inexplicávelmente, com a sua inércia, a sua degradação e a tolerancia com que aceita tudo, para precipitar, mais rápidamente, o triste desenlace que a espreita.

Tem-se assistido, nos ultimos anos e não apenas no que findou, a um trabalho permanente de corrupção moral da humanidade, utilizando um sem numero de meios, numa poluição constante das almas e visando, sobretudo, a juventude. A grande maioria não está ainda e felizmente corrompida e é indispensável que o não seja. Para tanto há que adoptar medidas profiláticas eficientes, que se oponham á generalização do mal e que terminar, de vez, com complacências que redundem em desprestígio da autoridade e o agravam cada vez mais. Os responsáveis pela condução do Mundo de hoje, que não estão certamente interessados em que ele resvale mais para a miséria moral para que caminha, têm obrigação de agir e sem demora.

A degradação moral que estamos presenciando, foi acrescentada, nos ultimos anos, a destruição de bens materiais, duma forma sistemática e sem qualquer finalidade, esquecendo que se trata de trabalho alheio, que merece respeito e de valores que representam suor do povo. O espírito anárquico que parece estar a desenvolver-se, tem de ser combatido, por todos os meios e com toda a firmeza. A condescendência com tal espírito, seja qual for o aspecto que revista é conivência com o crime, pois de crime se trata.

De igual modo ná que considerar a pirataria do ar, os raptos e os assaltos. São tudo crimes comuns, mesmo que se lhes queira dar outro cariz. Urge reprimi-los com as medidas adequadas á sua natureza e á sua enormidade. Quem manda e é responsável pela ordem dentro de cada país, não pode transigir, nem pode hesitar. Tem de cumprir o seu dever, para estar á altura da sua missão. E a propósito do desvio de aviões, que já ultrapassou a centena, vem-me á memória o assalto ao paquete português «Santa Maria» e o seu desvio da rota que seguia. Isso passou-se há quase dez anos e foi celebrado, então, como acto meritório. Mas a semente tinha de dar frutos e eles brotaram, agora com repulsa geral, mas um tanto tardia.

Há presentemente, também, uma tendência mórbida para denegrir e até para apagar o passado. É evidente que não se deve evocar o passado, a propósito de tudo e de nada, nem pretender viver exclusivamente dele, pois isso seria triste sintoma de incapacida-

(Continua na 22.ª página)

«COMEÇA HOJE A OITAVA DÉCADA DO SÉCULO QUE VIVEMOS E ESSA CIRCUNSTÂNCIA LEVA-ME A AMBICIONAR QUE NELA OS PORTUGUESES POSSAM VER REALIZADAS TODAS AS SUAS LEGÍTIMAS ASPIRAÇÕES (...) E PRINCIPALMENTE A DO FIM DA GUERRA QUE A DEFESA DA INTEGRIDADE SAGRADA DA SUA TERRA LHE IMPÔS»

OS CUMPRIMENTOS DE ANO NOVO AO CARDEAL-PATRIARCA DE LISBOA

Para comemorar a entrada do novo ano, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa deu ontem, recepção no Paço do Campo de Santana. A cerimónia decorreu na sala do trono, onde as individualidades visitantes, depois de passarem pelo salão de visitas, foram introduzidas pelo beneficiário José Maria Rodrigues e padre João Rocha, respectivamente, secretário e famulo do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Também esteve presente o rev. cónego D. João de Castro, provigário geral do Patriarcado.

O eminente purpurado começou a receber as primeiras individualidades pouco depois das 14 e 30, prolongando-se a recepção até cerca das 18 horas. Pelas 12 horas, o sr. cardeal-patriarca havia recebido o sr. general Humberto Pais, chefe da Casa Militar do sr. Presidente da República, que ali fora retribuir os cumprimentos que o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira apresentara, de manhã, no Palácio Nacional de Belém, ao sr. almirante Américo Thomaz. Ainda antes do começo do desfile dos fiéis, o sr. cardeal-patriarca recebeu a duquesa de Palmela e mais familiares com quem se demorou algum tempo. Depois estiveram no Paço Patriarcal ou enviaram cartões de cumprimentos, entre outras individualidades, os srs. adjunto militar do Presidente do Conselho em nome do prof. dr. Marcello Caetano, presidente da assembleia nacional, ministros do Interior e das Corporações e Previdência Social; secretário de Estado do Trabalho e Previdência e subsecretário de Saúde e Assistência; presidente da Câmara Municipal de Lisboa; profs. Eduardo Coelho, André Navarro, Eduardo Mendes Ferrão, Lopes de Andrade e Gomes da Silva; almirantes Henrique Tenreiro e Lopes Alves, generais Monteiro do Amaral, Luís da Câmara Pina e Campos Andrada; brigadeiro Macieira Santos, eng.º José Frederico Ulrich, Sá e Melo, Marbey Afonso, Nazareth de Oliveira, Benito Catalão, Branco Cabral, Espregueira Mendes, Narciso Pires Elias Melo e Castro, Carlos Krus Abecassis e José Tomás Oom; drs. Paulo Rodrigues, António Lino Neto, Castro Fernandes, Rodrigues de Matos, Jorge de Melo, Martins de Carvalho, Luís Pereira Coutinho e João Silva Santos; comandante Guilherme Thomaz, coronel Carvalho Nunes e tenente-coronel José Barros Martins.

Também estiveram no Patriarcado o beneficiado Eugénio dos Santos, prior da freguesia de Santa Engrácia, acompanhado por cerca de 50 paroquianos das freguesias de Santa Engrácia e de S. Francisco de Assis; os marqueses de Sá da Bandeira, os condes das Alcáçovas e de Rio Maior, viscondes de Balsemão, Luís Azevedo Coutinho, Pedro de Melo, António Joaquim Adão, pela Obra dos Adoradores do Sagrado Coração de Jesus; Álvaro Sousa Rego, Álvaro Leite Ferreira Pinto, Francisco Dória Nóbrega, Pedro Mário Soares Martinez, etc.

Estiveram, também, no Paço de Santana membros da comissão executiva da Acção Nacional Popular; a direcção da Obra das Mães pela Educação Nacional; componentes do Cabido da Sé de Lisboa do clero regular e secular, confrarias, superiores de várias ordens e congregações, conferências de S. Vicente de Paulo, etc.

Como habitualmente, as famílias mais numerosas foram recebidas em audiências individuais.

No Paço de Santana receberam-se também telegramas de saudação.

Na Nunciatura Apostólica

Também por motivo da entrada do Novo Ano individualidades civis, militares e eclesiásticas, bem como membros do corpo diplomático, estiveram durante o dia de ontem na Palácio da Nunciatura a deixar cartões de cumprimentos a mons. José Maria Sênsi, Núncio Apostólico de Sua Santidade.

O cardeal Cerejeira ao saudar, em Belém, o Presidente da República

Actualidade internacional

FRANÇA E ITÁLIA

ISOLADAS PELA NEVE CENTENAS DE ALDEIAS

LONDRES, 2 — (R.) — A França e a Itália suportavam hoje os piores rigores da actual vaga de frio ártico que assola a Europa Ocidental, com centenas de aldeias isoladas por nevões e estradas cobertas de gelo.

A neve branqueou os apeninos ao longo de toda a extensão da península e em algumas regiões os nevões foram os mais intensos até agora registados.

Helicópteros do Exército transportaram alimentos e evacuaram pessoas doentes e idosas de cerca de 110 aldeias isoladas em ambos os lados do vale do Ródano, no Sueste da França.

Soldados franceses ajudavam a limpar as estradas principais, mas o frio intenso gelava, por vezes, os motores de «bulldozers» e outro equipamento. Em Oyonnax, no leste da França, a temperatura desceu ontem para 27,8 graus abaixo de zero.

Havia pouca neve e não ocorreram novos nevões em muitas partes da França, mas o frio cortante e violenta ventania causaram o caos, juntamente com a greve que ficou de temporais registados no princípio da semana, cobrindo as estradas de gelo.

No departamento de Aveyron, no sul-central da França, a temperatura desceu para 18 graus negativos e nos Alpes atingiu 20 graus abaixo de zero em vários locais. O mau tempo fechou a estrada de Marselha para o Norte. Frio intenso registou-se, também, na parte norte do país, mas a maioria das esradas permanecia aberta.

Numa montanha italiana, brigadas de socorro abriam hoje o seu caminho através de neve, com uma altura de dois metros, numa tentativa para alcançarem a estancia de desportos de Inverno de Cerreto Lgo, onde cerca de mil esquiadores se encontram isolados há dois dias.

Com as estradas bloqueadas e interrompidas as ligações telefónicas, não havia notícias dos esquiadores desde quinta-feira.

MICHAEL DOWINTON tem entrado em numerosas provas de marcha para crianças em Inglaterra. É invariàvelmente o último a chegar, mas também aquele que mais aplausos recebe. É que Michael, de 8 anos, nasceu sem as pernas e sem a mão esquerda. Apesar de usar pernas artificiais, Michael recusa-se a ser uma criança anormal. O seu objectivo, por agora, é uma prova de 22 milhas em Guernsey que, em tempos, seu pai (seguindo o filho, na foto) venceu diversas vezes.

JOSÉ FALCÃO E PACO CAMINO COLHIDOS

CIDADE DO MÉXICO, 2 — (F. P.) — Na praça de Irapuato, o matador português José Falcão sofreu ontem uma cornada na coxa direita quando lidava o seu segundo touro. Apesar de ferido, permaneceu no redondel e cortou uma orelha.

AO SÉTIMO TOURO

CALI (Colombia), 2 — (F. P.) — O matador espanhol Paco Camino foi colhido ontem quando lidava o sétimo touro na sétima e última corrida da feira de Cali. Sofreu um rasgão no lado exterior da coxa direita com doze centímetros de extensão e oito de profundidade. Se não houver complicações, deverá poder voltar ao redondel dentro de quinze dias.

Joaquim Camino, irmão do matador e seu peão de brega de confiança, também apanhou uma cornada no joelho direito ao fazer um passe para lhe salvar a vida quando ele rolou na arena diante da fera.

Proibida nos EUA a publicidade aos cigarros na Rádio e na TV

NOVA YORK, 2 — F. P.) — A partir do dia 1 de Janeiro à meia-noite, todos os anuncios publicitários de cigarros desapareceram definitivamente dos «écrans» de televisão e das cadeias de Rádio americanas, devido a uma lei votada na Primavera passada pelo Congresso.

Esta lei resultou de uma longa batalha travada pelos serviços públicos de saúde e vários institutos, tal como o do cancro, contra o tabaco e a sua publicidade. Estavam em jogo importantes interesses financeiros.

A venda de cigarros atinge 10 biliões de dólares por ano, dos quais quatro vão para os cofres dos vários Estados sob a forma de taxas. Quanto ás despesas publicitárias, elevavam-se até ao dia 1 de Janeiro a cerca de 250 milhões de dólares. Os anuncios para as marcas principais de cigarros representavam só por si oito por cento do rendimento publicitário das cadeias de Televisão. A batalha começada nos anos cinquenta foi portanto muito dura.

Até 1964, vários relatorios médicos foram publicados, indicando que o cigarro era perigoso para a saude e provocava entre outras doenças o cancro do pulmão, sem que estes avisos produzissem qualquer resultado. No entanto, em 1965, os adversários do tabaco alcançavam uma primeira vitória ao conseguirem a obrigatoridade da impressão em todos os maços de cigarros deste aviso: «Atenção, fumar pode ser perigoso para a sua saude».

A venda diminui temporàriamente, mas subiu dentro em pouco e ultrapassou o nível atingido anteriormente. As firmas de cigarros haviam reagido, lançando novas marcas com filtro. Em 1967, um jurista declarava que a publicidade radio-televisionada era perigosa para o publico e pedia o direito de resposta nas estações emissoras. Obteve satisfação e a sociedade americana do cancro, pelo seu lado, promoveu o aparecimento de anuncios tais como «o cancro cura a vontade de fumar».

De agora em diante a publicidade radio-televisionada do tabaco encontra-se totalmente proibida, mas na Grã-Bretanha, onde já o é desde 1965, as vendas, depois de uma diminuição inicial, voltaram a subir e progrediram pouco mais ou menos ao ritmo do crescimento da população adulta.

VAGA DE FRIO NA ÍNDIA

NOVA DELHI, 2 — (A. N. I.) — Morreram já 19 pessoas, devido a uma vaga de frio que há seis dias assola os dois Estados vizinhos de Bihar e de Uttar Pradeh, no norte da India — anuncia hoje a agência noticiosa indiana.

Artur Rodrigues d'Almeida

JUIZ CONSELHEIRO DO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

(Aposentado)

FALECEU

Seus filhos, genro, noras, netos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu muito querido e saudoso pai, sogro, avô e parente e que o seu funeral se realizou hoje, ás 15 horas, da Igreja dos Anjos, para o cemitério do Lumiar.

AGÊNCIA MEGA

O MOMENTO
SEMANÁRIO DAS GRANDES REPORTAGENS

REAPARECE EM 10 DE JANEIRO DE 1971

SENSACIONALMENTE REMODELADO

COM APRESENTAÇÃO INÉDITA EM PORTUGAL

ACTUALIDADE NACIONAL E INTERNACIONAL

DESPORTO
CINEMA
RÁDIO
TEATRO
TAUROMAQUIA
TELEVISÃO
PÁGINA FEMININA
HUMOR
ETC., ETC., ETC.

Ler «O Momento» é ficar assinante

PROPRIEDADE DE ADOLFO VIEIRA DE BRITO

IMPORTANTE EMPRESA EXPORTADORA DO RAMO TÊXTIL

admite imediatamente

VENDEDORES com conhecimento dos mercados de ANGOLA e MOÇAMBIQUE

(Vencimento até 200 contos anuais)

EMPREGADOS ESPECIALIZDOS em operações de compra e exportação

(Bons vencimentos de acordo com a experiência)

Resposta a este jornal ao n.º 676

GUARDA-SE SIGILO

Teleg. MOLDURACIONAL Tel. 664312

A Moldura Nacional, Lda.

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano repleto de prosperidades.

Largo do Conde Barão, 43 a 46 — LISBOA

Jornalistas libertados

RIO DE JANEIRO, 2 — (F. P.) — Oito dos nove membros da redacção do semanário humorístico «O Pasquim», que tinham sido presos há perto de dois meses, foram libertados.

Três são desenhadores e cinco jornalistas. Eram suspeitos de actividades subversivas, à margem das suas ocupações profissionais.

Matou o tio com um tiro «como na televisão»

MILÃO, 2 — (F. P.) — Como tinha visto muitas cenas de violência na Televisão, um pequeno italiano, de 5 anos, Giuseppe Zito, matou o tio com um tiro de revólver, em frente de toda a família.

Giuseppe apoderou-se de um revólver verdadeiro e conseguiu meter-lhe uma bala. Momentos antes de a família ir para a mesa, a criança gritou: «Mãos ao ar». O tio mal teve tempo de dizer: «Não sou um gangster». O tiro partiu.

Aos parentes aterrados, Giuseppe disse apenas: «Quis fazer como na Televisão».

A INGLATERRA PLANEOU A OCUPAÇÃO DOS AÇORES E CABO VERDE EM 1940

LONDRES, 2 — (A. N. I.) — No Verão de 1940, o Governo Britânico tinha planos completos para ocupar as ilhas de Cabo Verde e dos Açores — revelaram documentos, até agora secretos, e que foram ontem divulgados.

Um memorando do gabinete, datado de 22 de Julho de 1940, afirma que esses planos seriam postos em prática em caso de hostilidade de Portugal, ou se viesse a tornar-se evidente que Portugal, ou a Espanha, se preparavam para intervir na guerra contra a Inglaterra ou ainda se as pressões económicas não permitissem que Portugal se mantivesse fora do conflito.

Diz esse memorando que, se Portugal declarar guerra á Grã-Bretanha, as tropas sul-africanas e rodesianas entrariam imediatamente em acção para ocupar Moçambique, a começar pelo caminho-de-ferro da Beira, que liga a Rodésia ao mar.

O memorando acrescenta que duas brigadas mistas de fusileiros navais ingleses e de tropas do Exército britânico se encontravam a postos para ocuparem os arquipélagos de Cabo Verde e dos Açores. Os abastecimentos e navios necessários encontravam-se também prontos, no porto de Liverpool.

Esse plano — diz o mesmo memorando — não devia, porém, ser executado sem ordens específicas do Gabinete de Guerra Britânico.

Outro documento datado de 6 de Maio de 1940 — quatro dias antes da invasão nazi da Holanda, da Bélgica e da França — admitia a possibilidade de uma acção alemã contra Portugal.

Um telegrama dirigido ao gabinete de Londres pela sua Embaixada em Lisboa, referia-se a informações sobre uma «conjura arquitectada pelos alemães» e destinada a derrubar o governo do presidente Oliveira Salazar, ou a possibilidade de uma invasão espanhola do território português, favorável aos interesses da Alemanha e da Itália.

Lord Halifax, 6 data ministro britanico dos Negócios Estrangeiros, declarou então ao gabinete que considerava a informação «indevidamente alarmista».

O ministro revelou que «sir» Walford Selby, embaixador da Grã-Bretanha em Lisboa, lhe dissera que não considerava iminente o perigo de um movimento pró-eixo em Portugal enquanto a Itália não entrasse na guerra — o que só veio a acontecer mais de um mês depois.

1971: Pèssimismo alemão

LONDRES, 2 — (F. P.) — O ano de 1971 anuncia-se bom aos olhos dos brasileiros, médio aos olhos dos israelitas, mau aos olhos dos britânicos e pior ainda aos olhos dos alemães. É o que se conclui de uma sondagem de opinião pública efectuada em 10 países pela firma Gallup e publicada hoje pelo «Daily Telegraph».

A pergunta feita pelos agentes da Gallup era a seguinte: «Pensa que o ano de 1971 será melhor do que o 1970?».

NA PASSAGEM DO ANO TRINTA MIL PESSOAS EM TRAFALGAR SQUARE

LONDRES, 2 — (R.) — Em todo o Mundo foi comemorada a passagem do ano com ruidosas manifestações.

Em Londres, a passagem do ano foi assinalada na via publica com a presença de cerca de 30 000 pessoas em Trafalgar Square, e um dos jovens que se arriscou ao tradicional mergulho na água gelada da fonte teve de ser hospitalizado por causa de um resfriamento.

As ruas de Roma ficaram intransitáveis em escassos segundos, cheias de garrafas, bacios, mobília velha e lixo. Os habitantes da parte velha disparavam tiros para o ar e acendiam fogueiras no meio da rua. Os divertimentos prolongaram-se até ao romper do dia.

QUINZE MORTOS NO INCÊNDIO DE UM HOTEL

WAKAYAMA (Japão Ocidental), 2 — (F.P.) — Morreram hoje quinze pessoas queimadas vivas no incêndio de um hotel de Waanoura, uma estacção de desportos de Inverno próxima da cidade de Wakayama, a 60 km de Osaka.

Mais onze pessoas ficaram feridas com gravidade, na maioria por terem saltado das janelas do terceiro andar do hotel em fogo.

Mais de 70 hóspedes encontravam-se no edifício construído de madeira, que a meio da noite o fogo inrompeu.

CAÍRAM DOIS AVIÕES COM 63 PESSOAS

CAIRO, 2 — (R.) — Despenhou-se hoje um avião de passageiros egípcio «Comet» no aeroporto de Trípoli, receando-se que tenham morrido todos os 26 passageiros e os sete tripulantes que seguiam a bordo.

QUINZE JOGADORES DE FUTEBOL

ARGEL, 2 — (R.) — Navios e aviões passaram durante a noite a pente fino o Mediterraneo Ocidental procurando um avião fretado que desapareceu há um dia, com 30 pessoas a bordo, quando efectuava um voo entre a Argélia e Ermanha.

Entre os passageiros, seguindo de Argel para Mahon, na Ilha M'morca, encontravam-se 15 jogadores e quatro directores de um grupo de futebol argelino que ia disputar um jogo amigável naquela ilha

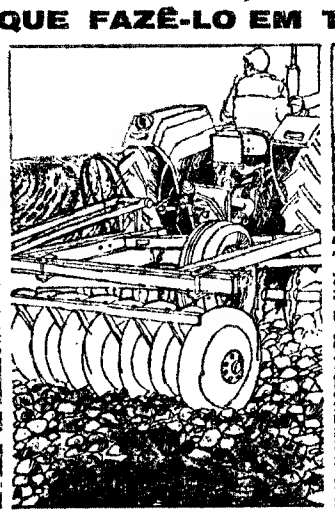
ÍNDICE BORGES & IRMÃO

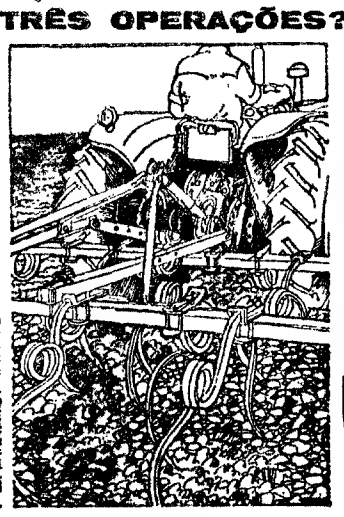
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

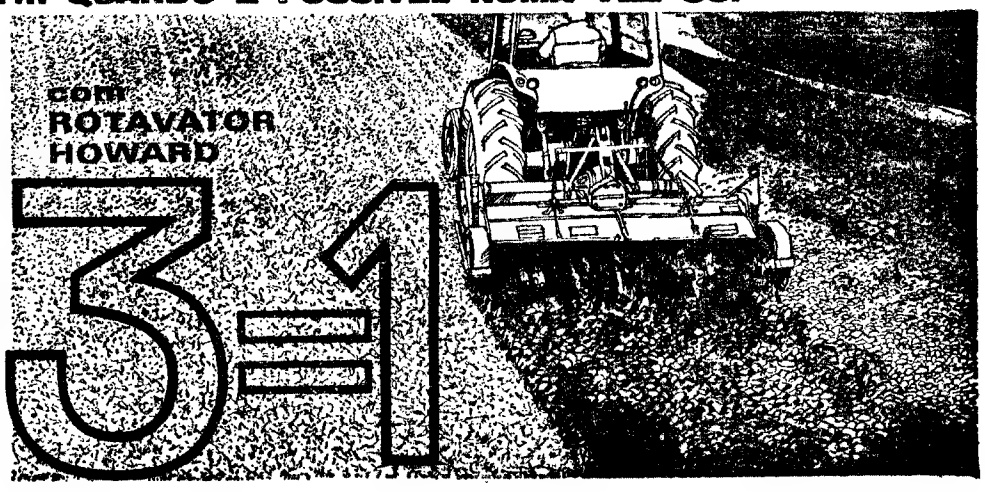
	23/12/70	30/12/70	Desvio %
GERAL	149,4	151,5	+ 1,4
METROPOLITANAS	143,9	146,4	+ 1,7
Bancárias	251,1	287,6	+2,3
Eléctricas	91,1	91,9	+ 0,9
Industriais	116,4	118,6	+ 1,9
Diversas	149,0	151,1	+ 1,4
ULTRAMARINAS	196,1	197,8	+0,8
Angolanas	197,2	195,7	—0,8
Moçambicanas	109,2	109,5	+ 0,3

um ROTAVATOR HOWARD
é a mais curta distância entre duas culturas

ENTRE CULTURAS, HÁ QUE PREPARAR UMA NOVA SEMENTEIRA.
PORQUE FAZÊ-LO EM TRÊS OPERAÇÕES?... QUANDO É POSSÍVEL NUMA VEZ SÓ!







1 quando se lavra, corta-se e volta-se o solo.

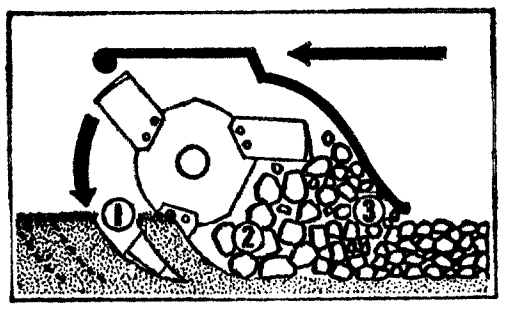
2 a gradagem faz o desterroamento.

3 o cultivo reduz a terra a finas particulas.

com o ROTAVATOR o solo é:
1—cortado e levantado
2—partido pela acção das lâminas
3—nivelado, estruturado e afeiçoado ficando pronto para receber a semente.
TUDO NUMA SÓ OPERAÇÃO.

A rotavação efectua a sementeira ideal em uma operação. O solo passa pelos mesmos processos como no caso das alfaias convencionais — MAS A ACÇÃO É CONTÍNUA E RÁPIDA!

O solo está, geralmente pronto para a sementeira após uma única passagem. A circulação de máquinas sobre o terreno é reduzida ao mínimo evitando-se a compactação do solo. Conjugando os carretos da caixa de velocidades SELECTA-TILTH, com a velocidade do tractor e subindo ou baixando o resguardo consegue-se obter uma estrutura grosseira média ou fina de acordo com as necessidades da cultura, fazendo assim a melhor preparação para sementeira, que a terra permite, ano após ano. Querendo conhecer todos os factos, respeitantes ao ROTAVATOR solicite catálogos ou uma demonstração ao distribuidor.



HOWARD ROTAVATOR

89—HR—02

J.J. GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L. ao serviço da lavoura — DIVISÃO AGRÍCOLA AZINHAGA DOS LAMEIROS (ESTRADA DO LUMIAR) LISBOA 4

Automobilismo: António Borges é campeão de iniciados

Tal como receávamos, o título de Campeão Nacional de Iniciados defin.do apenas pelo resultado de uma só prova, era um grave risco de que a verdade desportiva não pudesse ser apurada, e as classificações se estabelecesem com grande influência de anormalidades e impoderáve.s. Fazer um campeão através de uma só prova, por muita confiança que inspirassem os organizadores dessa mesma prova, era uma aventura que nenhuma entidade desportiva deveria aceitar. Aí temos o resultado.

A anormalidade verificada e que deu origem ao protesto baseia-se no facto de terem sido classificados dois concorrentes que não pararam num «contrôle», por este estar mal assinalado, não lhe tendo sido atribuídas penalizações, ou seja, foi validado um «contrôle» que não funcionou de maneira igual para todos os concorrentes.

Foi pena que assim acontecesse numa prova que tinha um tracado de estrada interessantíssimo e contou com invejáveis condições de tempo para a tornar competitiva. Além de diferentes tipos de piso, o Rallye do Fim do Ano teve de tudo, desde neve com mais de 20 centímetros de altura em alguns pontos da serra da Lousã, ao gelo, ao «verglas» e a um denso nevoeiro que cobriu alguns pontos.

Tudo isto obrigou os concorrentes a um apuro de condução que não é vulgar as estradas portuguesas exigirem e constituiu para quase todos uma excitante aventura percorrer alguns quilómetros que chegavam a dar a sugestão de um «Rallye» Monte Carlo ou qualquer dessas provas disputadas nas zonas frias e montanhosas da Europa central. É claro que nem por isso os concorrentes deixaram de ficar sujeitos aos imponderáveis. Bastava que algum tivesse a sorte de ter levado ou ter encontrado um tipo de pneus mais apropriado ás condições da estrada para beneficiar de uma vantagem enorme.

Como se esperava os melhores foram António Borges, Jean Sarbib, António Machado, Domingos dos Santos, Vítor Pais, Nani e alguns, contudo, se no aspecto o grupo dos primeiros classificados de cada zona. Alguns outros que constituem condução estiveram bem, precipitaram-se bastante sofrendo penalizacções motivadas por enganos de tempos.

Foi uma pena que a organizacção do Clube Arte e Sport não conseguisse aproveitar esta tão bela oportunidade para um «rallye» que poderia ter sido excepcional. Alguns controles importantes não foram montados. Ou porque os comissários não conseguiram lá chegar ou por razões que ignoramos. Outros não funcionaram bem. Assim, a organização viu-se envolvida num problema delicado e se fosse a eliminar todos os controles que não funcionaram bem não lhe restavam muitos. Uma coisa porém é um controle funcionar mal e outra não funcionar da mesma forma para todos. Neste último caso não resta outro recurso senão a anulação pura e simples.

César Torres, que é neste momento a maior autoridade do nosso País em matéria de «rallyes», até pelas razões do cargo em que recentemente foi investido na FIA, a título particular manifestou-nos a seguinte opinião: «Acho que um controle que não funcionou de forma igual para todos os concorrentes deve ser anulado. As pessoas ás vezes não têm coragem para tomar estas decisões mas, em qualquer circunstância, a melhor maneira de resolver estas situações é agir rigorosamente dentro do Regulamento».

António Alves e Francisco Couceiro da Costa foram os concorrentes que não pararam no referido controle em virtude da placa que o assinalava ter sido derrubada pelo concorrente António Machado. O protesto foi apresentado por Jorge Azevedo. Após reunião os organizadores decidiram desclassificar António Alves e Francisco Couceiro Costa. Todavia, conforme já referimos o vencedor absoluto foi António Borges e a sua classificacção não sofreu incidência dos protestos nem dos seus resultados. Fez uma excelente prova, confirmando qualidades que já anteriormente demonstrara.

Os organizadores tomaram a sua decisão baseados no facto de que o controle funcionou bem para todos os concorrentes excepto para aqueles dois. A verdade é que o regulamento afirma que os controles estão sinalizados com uma placa antes e depois 40 metros. Por este motivo os concordentes desclassificados reclamaram alegando que o controle estava mal montado.

Reunido, de novo, já de madrugada, o júri acabou por dar razão aos concorrentes que reclamaram da desclassificação e, finalmente foram fornecidas as classificacções oficiais:

Individual — António Borges, Jean Sarbib, João Carlos Zilhão, António Machado, Vítor Pais, Nani, Augusto Quelhas, Francisco Couceiro Costa, António Alves e João Oliveira Nabais.

Equipas — Clube Automóvel do Minho e Estrela e Vigorosa.

AUGUSTO VILELA

AS PROVAS DE S. SILVESTRE

CARLOS LOPES: 15.° LUGAR NA CORRIDA DE SÃO PAULO

SÃO PAULO, 2 — (R.) — O americano Frank Shorter foi o primeiro corredor do seu país a ganhar a clássica corrida de São Silvestre, nesta cidade.

Shorter tomou o comando logo aos 1500 metros e manteve-o até ao fim, apesar de perseguido de perto pelo campeão britânico Trevor Wright. Porém, nas ultimas centenas de metros, o americano arrancou, acabando por cortar a meta com uma vantagem confortável e no tempo de 24 minutos e 27,4 segundos.

Wright contentou-se com o segundo lugar (24 m 40,2 s) e o mexicano Pedro Miranda foi o terceiro (24 m 45 s)

O Português Carlos Lopes classificou-se em 15.° lugar com o tempo de 25 m e 56 s.

*

No Barreiro, 50 atletas participaram na «S. Silvestre» organizada pelo Grupo Amador Resultados:

POPULARES — 1.°, António Pinheiro, do G. D. das Mercês; 2.°, José Cascalhais, do Murches.

FEDERADOS — 1.°, Carlos Silva, da C. U. F.; 2.°, António Riscado, do Belenenses.

*

Em Vila do Conde, o Clube Fluvial Vilacondense realizou competição semelhante. Resultados:

Senhoras — 1.ª Isolina Pinhel (F. C. P.); 2.ª Neli Braga (Vilacondense); 3.ª, Ilisete Braga (Vicondense).

Os homens correram 6000 metros e classificaram-se assim: 1.°, António Monteiro (F. C. P.); 2.°, Mário Cordeiro (Estarreja); 3.°, Jaime Paiva (Pasteleira).

O F. C. Porto foi o vencedor colectivo.

*

Em Alcobaça, mais uma S. Silvestre. Ordem de chegada: 1.°, Rogério do Moleiro (Mira d'Aire); 2.°, Alfredo Mileiro (Mira d'Aire); 3.°, Carlos da Conceição (Peniche);

Por equipas, ganhou a Associação Desportiva Broguei-rense, de Mira d'Aire.

ARQUIVO

■ *Ténis de Mesa.* A equipa feminina da Associação Desportiva de Oeiras, batendo na final, por 3-0, a do Sporting, foi a primeira a inscrever o seu nome no troféu «Crónica Feminina» — cuja atribuição definitiva dependerá de provas futuras. A turma de Oeiras foi constituída por duas valorosas Anas: a Bela Marques e a Filomena Ribeiro.

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

LOTEAMENTOS CLANDESTINOS

AVISO

LUÍS ROSADO FÉRIA THEOTÓNIO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA:

FAZ SABER QUE: No prosseguimento das medidas tomadas por esta Câmara Municipal no sentido de reprimir as construções clandestinas, e no desejo de salvaguardar os interesses dos Munícipes que possam ser levados à compra ilegal de terrenos impróprios para construção, a seguir se indicam os loteamentos clandestinos no concelho de Vila Franca de Xira:

LOURENÇO ANTÓNIO GORJÃO DE ALMEIDA E SILVA

Loteamentos em CABEÇO DA ROSA — ALVERCA DO RIBATEJO, com a área de 58,3040 hectares — Embargados por esta Câmara no dia 23-12-69, sendo o processo enviado a Tribunal em 19/1/70.

MANUEL CORREIA VALENTIM

Lotementos em COVA — ARCENA — ALVERCA DO RIBATEJO, com a área de 2.0700 hectares, sendo o processo enviado a Tribunal em 7/9/70.

AMARO CERQUEIRA DA COSTA

Loteamentos em INXORDEIROS DE CIMA — ARCENA e subúrbios de ALVERCA DO RIBATEJO, com a área de 4,200 hectores, sendo o processo enviado a Tribunal em 7/9/70.

MANUEL FRANCISCO

Loteamentos em ARCENA — ALVERCA DO RIBATEJO, com a área de 4,0340 hectares, embargados pela Câmara em 5/9/70, sendo o processo enviado a Tribunal em 11/9/70.

MANUEL MOREIRA

Loteamentos em QUINTA NOVA — VIALONGA, com a área de 5,1000 hectares, embargados pela Câmara em 2/10/70, sendo o processo enviado a Tribunal em 9/10/70.

ANTÓNIO XAVIER DE LIMA

Loteamentos em ARCENA — Subúrbios de ALVERCA DO RIBATEJO, com a área de 28,9100 hectares, embargados pela Câmara em 23/11/70, sendo o processo enviado a Tribunal em 24/11/70

JOSÉ LOURENÇO

Loteamentos em QUINTA DO ÁLAMO — SÃO JOÃO DOS MONTES, com a área de 7 hectares, embargados em 4/12/70, sendo o processo enviado a Tribunal em 7/12/70.

UMA VEZ MAIS SE CHAMA A ATENÇÃO DO PÚBLICO PARA O FACTO DE QUE AS CONSTRUÇÕES LEVADAS A EFEITO NESTES TERRENOS SERÃO DEMOLIDAS E OS CONSTRUTORES OU PROPRIETÁRIOS RESPONSÁVEIS LEVADOS A TRIBUNAL.

IGUALMENDTE E CHAMA A ATENÇÃO DOS INTERESSADOS NA AQUISIÇÃO DE TERENOS PARA CONSTRUÇÃO, DE QUE DEVEM DIRIGIR-SE À CÂMARA MUNICIPAL, ANTES DE PROCEDEREM À SUA COMPRA, A FIM DE COLHEREM INFORMAÇÕES SOBRE A POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO NOS TERRENOS QUE LHES INTERESSAM.

VILA FRANCA DE XIRA, 22 de Dezembro de 1970.

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Luís Rosado Féria Theotónio

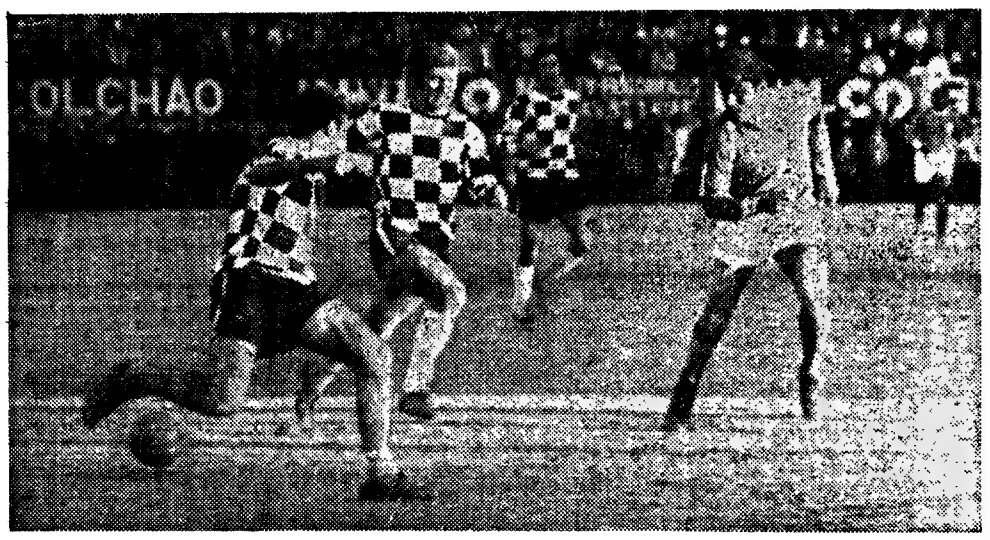
ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NO DISTRITO DE LISBOA

AVISO

A Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa (anteriormente Caixa de Previdência dos Empregados de Escritório e dos Organismos Corporativos) — entidade responsável pelos Serviços de Acção Médico-Social no Distrito de Lisboa — comunica que abrirá no dia 6 de Janeiro de 1971, o posto clínico n.° 105 062 (Ajuda), sito na Travessa das Florindas, Lote 2, freguesia da Ajuda, em Lisboa, Telefones n.os 63 73 31 e 63 47 41 (provisórios).

A área abrangida por esta nova unidade Médico-Social é retirada dos postos clínicos n.os 105 008 (Alcântara), 105 013 (Tapada) e 105 026 (Algés), conforme relação de arruamentos que se encontra afixada naqueles postos.

A DIRECÇÃO



Remate de Eusébio às redes do Boavista

BOAVISTA, 0 - BENFICA, 3

SIMÕES E EUSÉBIO: AS «CHAVES» DA PARTIDA

Já passavam 28 minutos da hora prevista quando principiou (e de que maneira), no Estádio do Bessa (Porto) o encontro (antecipado) da 16.ª jornada do «Nacional» da I Divisão, entre o Boavista e o Benfica.

BOAVISTA — Rui Paulino; Gaspar, Mário João, Lino e Alberto; Fraguito, Celso e Tai; Juvenal, Moura e Félix.

BENFICA — José Henrique; Malta da Silva, Humberto Coelho, Zeca e Adolfo; Matine, Vítor Martins e Simões; Nené, Artur Jorge e Eusébio.

Os golos: aos 10 m, Artur Jorge recebeu uma bola alta de cabeça, deu-a a Nené, que sem a deixar cair a levou, com um pontapé em jeito, a cair dentro da grande área, onde apareceu Eusébio a rematar, quase á boca da baliza. A bola foi a Rui Paulino, que não a segurou e o mesmo EUSÉBIO rematou vitoriosamente de cabeça.

Aos 47 m, EUSÉBIO rematou de fora da grande área, forte e bem colocado, surpreendendo Rui Paulino.

Aos 60 m, Eusébio «pegou» na bola junto da linha de meio-campo, progrediu no terreno e deu-a para Nené que, sem a deixar parar, centrou para a boca da baliza, onde ARTUR JORGE, de cabeça, fez o ultimo golo, aliás de excelente efeito.

Substituições: Aos 65 minutos, Alexandre entrou para o lugar de Celso (Boavista) e aos 86 m Toni foi ocupar o lugar de Matine.

Dissemos acima que o encontro começou 28 minutos mais tarde. E, neste período de tempo viveram-se muitas duvidas. É que o pequeno Estádio do Bessa encheu-se por completo, de tal modo que, por várias vezes o publico do peão invadiu o campo e infiltrou-se no sector da bancada, já de si repleto.

Assim, os jogadores sempre que tinham de disputar a bola junto á linha, faziam-no com certa preocupação não só para salvaguardarem aqueles que ali estavam amontoados, como também para se acautelarem a si próprios, pois uma queda podia ser-lhes bastante prejudicial.

O Benfica teve, na primeira parte, sérias dificuldades para alcançar a baliza adversária, porque junto da grande área havia uma zona extensa do terreno bastante enlameada, o que não permitia aos jogadores fazerem boas trocas de bola, exactamente aquelas que lhes vimos na segunda metade do desafio.

Além do mais, o Boavista encontrava-se ainda fresco e daí a excelente réplica que ofereceu, especialmente no sector defensivo, onde todos estiveram bem.

O unico erro que poderemos apontar aos visitantes: jogar a bola pelo solo em terreno enlameado. De resto, tudo foi superioridade, quer no transporte de bola da frente para trás, quer na maneira como trocavam a bola entre si e causavam embaraços aos defensores contrários.

Pode mesmo dizer-se que o Benfica jogou como quis e lhe apeteceu e teve em Simões um magnífico elemento, com papel preponderante no desfecho. Esteve a auxiliar a defesa e na linha de meio-campo a construir jogo, esteve na frente a apoiar os companheiros e até rematou, perdendo mesmo duas excelentes oportunidades.

O Boavista, equipa mais frágil, conhecedora da superioridade do seu adversário, limitou-se a defender e, de quando em vez, a contra-atacar sem grande perigo. Em uma outra ocasião, desperdiçou lances que podiam ter modificado o resultado. Numa delas (aos 35 m.), a bola ficou a saltitar dentro da grande área «encarnada», com os defesas confundidos, mas os remates de Félix e Celso encontraram pernas pela frente e a bola não levou o caminho desejado. Noutra oportunidade (85 m.) Juvenal conseguiu isolar-se e quando se encontrava só com José Henrique na sua frente rematou por alto, levando a bola a sair por cima do poste.

De Jorge Félix, o brasileiro que veio para o Boavista, nada lhe vimos de especial. Mostrou-se bastante combativo, é certo, mas também bastante molengão.

Manuel Fortunato teve um péssimo trabalho. Desde que permitiu que o jogo se efectuasse nas circunstâncias já referidas, mostrou-se sem autoridade. Além do mais teve bastantes erros: o mais flagrante foi aquele em que marcou um livre indirecto, a castigar um derrube sobre Moura, quando este se encontrava dentro da grande área, com a bola dominada e ia atirar ao golo.

FERNANDO PASSOS

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

COMUNICADO

A Firma TECNIGAS, LDA., informa todos os seus Ex.mos clientes e fornecedores que encerra os seus serviços nos dias 4, 5 e 6 de Janeiro para efeitos de balanço

APARELHOS DE SURDEZ
viennatone
A MARAVILHA MÁXIMA DE BEM OUVIR
EXPERIMENTE SEM COMPROMISSO
Av. de Roma, 29, 1.º, porta 1 — LISBOA — Tel. 77 74 77

O ATLÉTICO EM TORRES NOVAS

Com vista á deslocação da equipa de futebol do Atlético a Torres Novas, o clube lisboeta organiza uma excursão, no próprio dia do jogo 3 de Janeiro.

Os autocarros partem do Largo de Alcantara ás 8 horas.

PELO MENOS ATÉ AMANHÃ...

O Benfica comanda o «Nacional» maior

Prosseguem amanhã os campeonatos nacionais de futebol. E, enquanto o Benfica é o «leader» (por virtude do jogo antecipado...) os demais encontros da divisão de honra são os seguintes: Académica-Varzim, C. U. F.-Vitória de Setúbal, Vitória de Guimarães-Barreirense, F. C. Porto-Tirsense, Sporting-Leixões e Belenenses-Farense.

Todas as partidas se realizam ás 15 horas.

Prosseguem, igualmente, os campeonatos dos escalões secundários, com os seguintes jogos:

2.ª Divisão

GRUPO NORTE — Sanjoanense-Vizela; União Leiria-Salgueiros; União Lamas-Riopele; Gouveia-Sp. Espinho; Famalicão-Marinhense; Penafiel-União Coimbra; Bela Mar-Sp. Braga.

GRUPO SUL — Oriental-Sesimbra; Seixal-União de Tomar; Torres Novas-Atlético; Tramagal-Montijo; Peniche-Sintrense; Portimonense-Torriense; Sp. Olhanense-Luso.

3.ª Divisão

ZONA A — Freamunde-Aves; Leça-Mirandela; Vila Pouca-Fafe; Lamego-Os Limianos; Vianense-S. C. Régua; Atlético Valdevez-Vila Real; Gil Vicente-Chaves; Macedo Cavaleiros-S. Pedro da Cova.

ZONA B — Ac. Viseu-Lourosa; Naval 1.º Maio-Valecamprense; Alba-Desportivo Guarda; Penalva do Castelo-Oliveirense; Ala Arriba-Os Marialvas; Desporto e Recreio-Feirense; Trancoso-Anadia; Sp. Covilhã-Norte e Soure.

ZONA C — Nazarenos Estoril Praia; Campomaiorense-Castelo Branco; U. Santarém-Alhandra; Alferrarede-S. C. Estrela; Sacavenense-União Almeirim; Portalegrense-Leiria e Marrazes; Vila-Franquense-Casa Pia A. C.; Odivelas-Caldas.

ZONA D — Cova da Iedade-Grandolense; Vasco da Gama-União de Algés; Paio Pires-União de Montemor; Juventude-Silves; Moura-Beja; Lusitano F. C.-Lusitano Ginásio Clube; Estrela F. C.-Amora; Esperança de Lagos-Almada.

F. C. PORTO: 40 000 SÓCIOS

Nos ultimos dias de Dezembro afluiram á sede do F. C. Porto milhares de pedidos para readmissão ou admissão de associados. O numero de 40 mil sócios (limite da lotação do Estádio das Antas para os lugares sentados) foi atingido. Exactamente no dia 31, cerca de um milhar de inscrições já não puderam ser aceites. Há agora apenas lugares de «peão», os unicos vendáveis no Estádio das Antas.

O numero de associados, a manter-se, renderá ao F. C. do Porto cerca de 12 mil contos por ano.

Numa altura de fim de exercício da direcção a que preside Afonso Pinto de Magalhães, estes numeros atestam que, no no futuro, o F. C. Porto poderá ter uma vida mais desafogada.

SÁBADO DESPORTIVO

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da I Divisão: Rio Seco-Lisgás e Moscavide-Ateneu, ás 21; Técnico-C. D. U. L. e Oriental-C. Quebradense, ás 22 e 15, no Pavilhão da Ajuda.

Campeonato de Lisboa da II Divisão: Oeiras-Liberdade e Sacavenense-Maria Pia, ás 21; e Queluz-Física, ás 22 e 15, no Estádio Universitário; e Sporting de Torres Pedrouços ás 22, em Torres Vedras.

Campeonato do Porto da I Divisão: Gaia-Académico e F. C. do Porto-Guifões, no Pavilhão de Gaia; e Vasco da Gama-C. D. U. P. e B. P. M.-Vilanovense, no Pavilhão do Infante de Sagres, ás 21 e 15.

MORAES
transitos • navegação
1894

A. J. GONÇALVES DE MORAES, L.DA

e as suas Representadas

- *ELLERMAN & PAPAYANNI LINES, LTD.*
- *CONTAINERSHIPS PORTUGAL (COMPORT)*
- *CONTSHIP, S. A.,*

as primeiras Linhas utilizando exclusivamente navios porta-contentores no tráfego do nosso País para os destinos de

- *Liverpool e o interior do Reino Unido.*
- *Roterdão, e, por transbordo, outros portos e o interior do Norte da Europa e de outros Continentes.*
- *FOS (Marselha), Itália, Suiça, Áustria, Sul da Alemanha e Sul da França,*

vêm agradecer aos seus Clientes e Amigos a preferência com que os têm distinguido, reafirmar a sua determinação em continuar a empregar todos os esforços no sentido de os servir com a maior eficiência e desejar-lhes

PRÓSPERO ANO NOVO

PORTO • LISBOA • AVEIRO • FIGUEIRA DA FOZ • SETÚBAL

A MENSAGEM DE ANO NOVO DO CHEFE DO ESTADO

(Continuação da 17.ª página)

de. Mas recordar o passado, na medida em que essa recordação significa veneração pelos valores que ele representa e incentivo para enfrentar melhor as tarefas do futuro, não é motivo para críticas, mas antes para louvar. De resto, não podemos esquecer que todas as maravilhas, e basta as, que o século XX tem criado, são devidas á inteligência do homem, á sua imaginação e ao seu trabalho e que os homens que as criaram são menores do passado ou, quando muito homens do presente. Não merecem eles a consideração e a gratidão dos que agora desembrocam para a vida e que só existem porque eles existiram?

Não se deve transigir com os defeitos do Mundo, nem sentir receio ou peso de dizer a verdade. O Mundo vai mal porque os homens tornaram inquieta a vida e possibilitaram que um mesmo acto e um mesmo facto possam ser tidos como sublimes por uns e monstruosos por outros.

É já tempo de terminar esta primeira parte da mensagem e faço-o afirmando uma verdade que não deve ser esquecida por quem manda: grande parte da humanidade, a sua melhor parte, aspira a viver e a trabalhar em sossego; a ele tem indiscutível direito, e que significa que esse direito não pode deixar de lhe ser eficientemente garantido.

Três vezes o dia 27 marcou na vida de Salazar

Na vida portuguesa, o acontecimento mais saliente do ano que findou foi a morte do Presidente Salazar, o mais fiel e extraordinário servidor da Nação nos últimos séculos, ocorrida em 27 de Julho. Afastado da vida pública desde 27 de Setembro de 1968, em consequência de mal irreversível, os quase dois anos que sobreviveu á grave crise que o incapacitou, confirmaram infelizmente o acerto das graves e sentidas palavras que dirigi ao País no começo da noite do dia anterior.

A sua longa permanência no Governo constituiu um caso único no Mundo deste século, pois manteve-se ininterruptamente no Poder durante 40 anos e cinco meses, desde 27 de Abril de 1928, dia em que foi empossado no cargo de ministro das Finanças. Três vezes, pois, o dia 27 marcou na vida de Salazar.

Privei mais directamente com o Presidente Salazar durante um quarto de século, primeiramente como ministro da Marinha e depois como Chefe do Estado. Das nossas longas conversas, em que pude apreciar a sua penetrante inteligência, a lógica das suas deduções, a firmeza do seu carácter e da sua conduta, a constância do seu pensamento, o profundo conhecimento da política mundial, guardo inesquecíveis recordações. Dele bem se podia afirmar que albergava num corpo aparentemente débil a alma dum gigante.

Visitei-o, com frequência, durante a sua doença e colhi das visitas que lhe fiz as impressões mais desencontradas. A respeito de factos ligados a outros ocorridos antes de adoecer, manteve sempre a mesma clareza de raciocínio e a mesma agudeza de análise através duma fluência talvez mais do jacto do que a que lhe era habitual antes da doença, mas em que não se notava a falta de termo mais adequado. Ao contrário, nos factos novos, sem relação com os do passado, tudo era diferente, pois ou os não fixava ou os retinha por pouco tempo. Mas apesar dessas soluções de continuidade, dava gosto e era causa de admiração, vê-lo discorrer com a maior lucidez e a maior profundidade sobre a crise actual de autoridade, da ordem, da Igreja, da juventude e da moral, de que o Mundo está sofreado.

As últimas palavras que lhe ouvi foram ditas ao cair da tarde do dia 14 de Julho, vésperas da minha partida para a viagem oficial a S. Tomé e ao Príncipe, que constituíram uma serena, mas profunda crítica a uma audiência inesperadamente concedida e que tanto tinha molestado a alma portuguesa.

Salazar: um homem diferente de todos os outros homens

Quer na doença, como antes dela, a sensação que se colhia da sua maneira de ser era, por vezes, desconcertante. Por isso e também pela sua forma de viver a vida, bem se pode dizer, numa síntese da sua personalidade, que Salazar foi, além de tudo o mais, um homem diferente de todos os outros homens.

Com a morte do Presidente Salazar desapareceu da vida um homem de excepcional craveira e que raramente surge na história dum povo. Exclusivamente devotado á causa pública durante mais de quarenta anos, entrou na vida própria, pois durante sucessivas décadas e salvo alguns períodos mais ou menos efémeros, o povo português sentia que o estavam governando mal. E cansado de o ser e das frequentes revoluções, deixou-se governar bem, por quem conseguiu ganhar a sua confiança. E por isso foram possíveis quarenta anos de sábio governo.

Passou Salazar por quase todos os departamentos da administração do Estado e em todos deixou bem vincada a sua personalidade. Mas na sua vida política, foi sobretudo em três sectores que se exerceu mais incisivamente a sua influência. Foram eles as Finanças, onde arrumou uma casa que estava á beira da falência; os Negócios Estrangeiros, em que reconquistou, para Portugal, o respeito que havia perdido durante muitos anos de descrédito e, finalmente, o Ultramar, onde, com a sua têmpera inquebrantável de beirão, foi o paladino maior da defesa do nosso secular património.

Morreu em 27 de Julho não apenas um homem, mas outro Homem da História de Portugal. Quis ser modesto na morte, como o fora sempre na vida. Jaz em campa rasa, na terra em que nasceu. Porém subiu muito alto na vida e no conceito público e, tão alto, que foi justificadamente proclamado Benemérito da Pátria, quando, em 27 de Abril de 1965, foi inaugurada a sua estátua em Santa Comba Dão, frente ao Palácio da Justiça da sua terra natal, nesse dia igualmente inaugurado.

À sua memória devem os portugueses a maior gratidão, pois além de conseguir sustar a marcha acelerada do País para o abismo, inverteu o sentido dessa marcha, buscando sucessivamente e com firmeza, o rumo da salvação e do progresso, apesar das dificuldades frequentemente surgidas e, quase sempre, vindas do exterior.

Termino as palavras que dedico ao Presidente Salazar nesta mensagem, lembrando mais uma vez a Fundação que o tem por patrono e cuja finalidade tão cara era ao seu coração de homem do povo e tão necessária é as famílias mais carecidas de lar decente. Os que queiram — e deviam ser muitos — e os que podem — e deviam ser todos — têm a obrigação moral de mostrar a sua gratidão a Salazar através da sua compreensão e generosidade por uma obra que se impõe pelo nome que ostenta e pelo fim que visa.

Vários vultos do Restelo, como em outros passos da nossa História, vaticinavam que com o desaparecimento de Salazar o País voltaria ao caos donde ele o tirara. Afirmá-lo, era negar a obra de Salazar para além da sua morte: felizmente ele tinha também razão quando afirmava que tudo seguiria sem sobressaltos, com os mesmos princípios gerais, embora com outro estilo de Governo, pois cada um tem o seu. Na realidade, assim aconteceu e o País continuou a progredir a ritmo sempre crescente, sem descurar a defesa dos seus territórios de além-mar e das populações que neles vivem e trabalham para o bem comum. E a quietação, que felizmente continuou existindo no País permitiu ao Governo um intenso, profícuo e abnegado labor.

A visita a S. Tomé e Príncipe

No ano findo, por ter sido comemorado o 5.º Centenário da descoberta das Ilhas de S. Tomé e do Príncipe, desloquei-me oficialmente a essas ilhas, acompanhado pelo ministro do Ultramar e pelo secretário de Estado da Informação e Turismo. Parti de Lisboa na manhã de 15 de Julho, realizando a viagem a bordo do «Príncipe Perfeito», que fez escala no Funchal no dia seguinte e chegou a S. Tomé a 23, ás primeiras horas da manhã. Propositadamente realizei a viagem por via marítima para poder chegar por mar á ilha de S. Tomé e assim melhor homenagear os seus descobridores, Pero Escobar e João de Santarém. A recepção ao pisar a terra da capital de S. Tomé, toda engalanada e repleta de povo, com os seus magníficos e bem trajados grupos folclóricos, foi transbordante de alegria e de entusiasmo, alegria e entusiasmo que se repetiram, com igual intensidade nos dias seguintes, nas vilas do interior que visitei. Já estivera oficialmente na ilha de S. Tomé em Outubro de 1963, no regresso da visita oficial a Angola e pude avaliar bem, volvidos quase sete anos, o notável progresso que a ilha e a sua capital patenteiam, não me agradando menos o civismo das suas gentes, que bem notório foi em todas as cerimónias e visitas realizadas. O dia 27 era dedicado á ilha do Príncipe, que me recebeu nessa manhã com efusiante entusiasmo, como acontecera seis anos atrás. Foi no fim da sessão solene realizada, após a chegada, na sede da Comissão Municipal da ilha, que foi recebida a triste notícia do falecimento do Presidente Salazar, pouco antes ocorrido. Em homenagem aos descobridores da ilha, ainda foi inaugurada a memória que lhes foi erguida na cidade de Santo António, capital do Príncipe, mas foi essa a última cerimónia, já silenciosa, das comemorações que o infausto acontecimento obrigou a suspender. Foi, aliás, bem visível o pesar das populações do Príncipe e de S. Tomé pela morte do Doutor Salazar e no dia 29 de manhã, quando parti de S. Tomé para Lisboa, via Luanda, a tristeza manifestada pela população era bem notória e tendo comparecido, em grande massa, na despedida, guardou sempre um profundo silêncio, apenas acenando em sinal de adeus. Tudo, na visita a S. Tomé e ao Príncipe, me agradou profundamente tanto nas horas de esfuziante alegria, como nas horas de comovente tristeza. As autoridades que superintendem nas duas ilhas e as gentes que nelas vivem, deixaram-me a melhor das impressões, impressões que não se desvanecerão. Chegado a Lisboa, ao cair da noite do dia 29, pude estar presente e acompanhar o funeral do Presidente Salazar, saído do Mosteiro dos Jerónimos para Santa Comba Dão no dia 30. Durante ele foi consolador verificar a manifestação de pesar do povo de Lisboa e dos seus arredores, e de todas as localidades por onde passou o comboio, com relevo, ainda maior, para Coimbra, em que houve uma paragem que teve de durar vários minutos. Foi no seu todo, uma manifestação grandiosa, invulgar, mas inteiramente devida, de sentimento popular e um dia de intensa comoção, que não mais poderá ser esquecido.

Durante o ano, entretanto findo, continuaram e terminaram as cerimónias comemorativas dos quintos centenários do nascimento do rei D. Manuel I e de Vasco da Gama e, também do primeiro centenário do nascimento do marechal Óscar Carmona, todas iniciadas no ano de 1969. Em Alcochete assisti ás cerimónias, de grande relevo, com que a vila natal de D. Manuel celebrou, em 31 de Maio, o quinto centenário do nascimento do rei venturoso, que o soube ser, como então afirmei, sendo inaugurada a sua estátua. Em Beja e na Vidigueira assisti, em 25 de Outubro, ás cerimónias que nessas duas terras se realizaram, comemorando o quinto centenário do nascimento de Vasco da Gama, o navegador português de maior renome internacional, tendo, na segunda, sido inaugurada festivamente uma estátua sua. Em Lisboa e em Évora assisti ás cerimónias levadas a efeito, em comemoração do primeiro centenário do nascimento do Marechal Carmona, todas de grande significado, a condizer com a figura do homenageado. No topo do Campo Grande foi inaugurada, em 24 de Novembro — dia em que faria 101 anos — uma bela estátua, em que bem ficou esculpida a sua nobre figura.

Peregrinações ao longo do País

Além das deslocações, que os centenários ocorridos determinaram, mantive o ritmo de peregrinação ao longo do País, que há doze anos iniciei e que continuo considerando não apenas necessário, como até indispensável. Os contactos com o povo têm cada vez mais vantagens e o povo gosta de ver o Chefe do Estado e, até, de desabafar com ele. O acolhimento que em toda a parte tem, sincero, carinhoso, respeitoso e entusiástico, assim o prova e, em retribuição inteiramente devida, o Chefe do Estado procura corresponder, amplamente, á forma excepcional como é sempre recebido.

Assim, entre muitas outras deslocações realizadas, que a extensão desta mensagem já não permite referir, e as habituais visitas a estabelecimentos militares, inaugurações, actos e cerimónias a que anualmente costumo estar presente, lembro apenas, por ordem cronológica, as visitas ás barragens de Odivelas e do Monte da Rocha, em construção, e ao local onde será erguida a de Alqueva; a visita oficial a Torres Vedras; a inauguração em Santa Comba Dão das primeiras casas da Fundação Salazar; as visitas ás barragens, em construção, de Vilarinho das Furnas, da inauguração da refinaria da Régua e do Carrapatelo; a Sacor, do Porto as visitas a Famalicão, Guimarães, Braga, Barcelos, Esposende e Vila Verde, Valença e Monção, com inauguração de dois palácios de Justiça, visita a Pinhel em comemoração do segundo centenário da sua elevação a cidade; visitas á cidade de Aveiro, á Murtosa, á Vila da Feira, Lourosa, Paços de Brandão, Lamas e á Vila de Arouca, inauguração de um importante barro de casas económicas em Setubal; inauguração da bela pousada de Estremoz; inauguração da primeira fase dos majestosos edifícios do Palácio de Justiça de Lisboa; inauguração das novas e magníficas instalações da Escola de Pesca de Lisboa; visitas ao Porto, a Santo Tirso, Estorãos, Gerês, Vila Real, Sanfins e Mirandela, para inaugurações e cerimónias de grande projecção; visita á Covilhã, no encerramento das comemorações do primeiro centenário da sua elevação a cidade; inauguração do novo Centro de Reabilitação de Diminuídos de Paralisia Cerebral, em Lisboa; e inauguração do Museu Roque Gameiro, em Minde.

Esta minha necessária faina é agora partilhada, mediante actuação semelhante, com o Doutor Marcello Caetano. Dela só podem resultar vantagens, pois os contactos regulares do Chefe do Governo com as populações revestem-se, presentemente, da maior utilidade, para assim poder auscultar, mais directamente, as suas necessidades, os seus anseios, as suas razões de queixa e a sua forma de pensar. O acolhimento franco, amistoso e entusiástico com que tem sido recebido em todas as teras que tem visitado, é, do que afirmo, prova insofismável.

Uma referência especial é sempre devida ás cerimónias realizadas em 10 de Junho, na capital e em outras cidades do País, de homenagem e reconhecimento aos nossos bravos militares dos Exércitos de Terra, Ar e Mar. São cerimónias impressionantes, de carácter vincadamente patriótico, em que se lembram aqueles que mais se distinguiram na defesa da integridade do solo português e, especialmente, os que morreram em holocausto da Pátria.

Dada a já longa extensão desta mensagem só nela abordarei mais os dois pontos com que a finalizo.

Mais mortes na estrada do que nas três frentes de África

Os desastres de viação nas nossa estradas, no ano transacto, tal como o panorama internacional que procurei traçar e verberar na primeira parte desta mensagem, são um espectáculo terrivelmente confrangedor da nossa época. A estrada quase se transformou num cemitério humano.

A fragilidade e o aumento de velocidade dos carros ligeiros, que cada vez mais contrasta com a robustez e dimensões dos pesados; as tentações de ultrapassagem em condições desfavoráveis, contando com a sorte que se vai negando cada vez mais, como o aumento do tráfego; a deficiência de condução, que nos fins das semanas e nos dias feriados é mais notória; a incapacidade física com que os carros são, por vezes, conduzidos alta noite ou ao romper da madrugada; e sobretudo, a falta de educação que a cada passo se nota na estrada são as causas principais do que, trágicamente, vem acontecendo, pois as outras causas, as imponderáveis e imprevisíveis são apenas fruto da fatalidade.

Na realidade, o principal problema a resolver é o da educação de quem conduz na estrada. São vulgares actuações que patenteiam uma ausência completa de civismo e que podem ser autênticos crimes, por ocasionarem acidentes fatais e situações quantas vezes sem remédio. É indispensável sanar tal situação, em progressivo agravamento, mesmo tendo de usar medidas drásticas, para evitar o prosseguimento da mortandade que excede muito a perda de vidas que a guerra nas três frentes de África tem causado. Há que opor um dique eficaz ao flagelo que ensanguenta constantemente as nossas estradas.

O segundo ponto é o das nossas relações com os demais países. Temos mantido o propósito de sempre, de tudo fazer para estreitar os laços de compreensão e de amizade com todos, na busca dum melhor convívio internacional e temos, até, oferecido o nosso possível préstimo àqueles que clara ou encobertamente nos hostilizam. É certo termos óptimas relações com o Brasil e a Espanha e as melhores relações com muitas outras nações. Porém e apesar da nossa correctíssima atitude, temos razões de fundamentada queixa quanto á falta de reciprocidade de algumas nações e relativamente á incompreensão existente em muitas delas.

Ainda recentemente fomos condenados numa espécie de processo sumário, que não honra a justiça e ofende a moral, por um organismo que teima em olvidar casos reais e reprováveis, que deixa passar em claro, como sucedeu com o da Índia Portuguesa.

Qual é, afinal, o crime de Portugal? Paradoxalmente esse crime consiste, exclusivamente, na defesa daquilo que é seu há cinco séculos, por ter sido descoberta sua e por ter sido povoado ou trazido á civilização por sua exclusiva acção. Se houvesse no mundo consciência da realidade, toda a Sociedade Ocidental — pelo menos essa — deveria estar grata a Portugal. Infelizmente, porém, muitos dos principais responsáveis, por variadíssimas razões e interesses efémeros, parecem não pensar dessa forma ou não terem coragem de a manifestar. Temos, pois, que continuar esperando que o bom senso volte um dia ao nosso planeta.

Entretanto continuemos saudando as nossas gentes e todos aqueles que, abnegadamente e contra todos as incompreensões, se batem pela nossa verdade, que é afinal — e foi em todos os séculos da nossa longa vida — a razão de ser da nossa existência.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje O SILÊNCIO DO AMOR — ESTÚDIO 444
TEMPO DOS LOBOS — ROMA

ESTÚDIO 444
Tel. 770055
ESTREIA — (Adultos)
Um filme romântico
O SILÊNCIO DO AMOR
com Marie Dubois e Matthieu Carriere
EASTMANCOLOR
Às 15.30, 18.30 e 21.45

SÃO LUIZ
(Para todos) Tel. [illegible]
Às 15.15, 18.15 e 21.30
O maior espectáculo da época! Música! Ternura! Alegria!
Versão portuguesa de
BAMBI
A maior obra-prima de desenho animado de Walt Disney

ALVALADE
(Para todos) Tel. 717480
Às 15.45, 18.30 e 21.45
Technicolor
O maior espectáculo da época! Música! Ternura! Alegria!
Versão portuguesa de
BAMBI
A maior obra-prima de desenho animado de Walt Disney

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Panavision-Technicolor
AVENTURAS! AVENTURAS! AVENTURAS!
NEM SEMPRE SE PODE GANHAR
Tony Curtis, Charles Bronson e Michele Mercier
No programa — Actualidades de Angola

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA TRIUNFAL
Michel Duchoussoy, Caroline Delier e Jean Yanne
numa vibrante e dramática aventura!
REQUIEM PARA UM DESCONHECIDO
AMANHÃ, ás 11 h. (M. 6 anos)
Grande manhã infantil com «O ALEGRE MUNDO DE BUCHA E ESTICA»
O melhor filme da saudosa parelha.

ROMA
(Adultos) Telef. 727778
ESTREIA
Alucinante acção!
TEMPO DOS LOBOS
Robert Hossein — Charles Aznavour — Virna Lisi
Eastmancolor
Sessões ás 15.30, 18.30 e 21.45
No programa: complemento PETRÓLEO, da Telecinemoro

IMPÉRIO
(Adultos) Tels. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
O CÍRCULO PERFEITO! VER E TORNAR A VER!
Um filme de Jean Pierre Melville
O CÍRCULO VERMELHO
c/ Alain Delon, Bourvil, Yves Montand e François Perier
Eastmancolor

ESTÚDIO
(M. 6 anos) — Technicolor
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
O melhor brinde de Natal para todas as idades!
O REI DOS URSOS PARDOS
Amanhã, o mesmo programa

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15 e 21 horas
2.ª SEMANA
Uma história de amor filmada por David Lean
O FILME DO ANO
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum

BERNA
(À Av. Marquês de T[illegible])
(Adultos) Tel. 776098
Às 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA
Alain Delon e Jean Paul Belmond no sensacional filme de Jacques Déray
BORSALINO

AMANHÃ, às 11 h. (M. 6 anos)
Grande manhã infantil com
AVENTURA NO JAPÃO
Soberbo desempenho de Teresa Wright

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
Hoje, ás 15.15, 18.15 e 21.30
Grande êxito em 2.ª SEMANA
A VIDA ÍNTIMA DE SHERLOCK HOLMES

Amanhã de manhã, ás 11 h.
Cinema com Critério
MILAGRE DE MILÃO
Obra-prima de Vittorio de Sica
(12 anos)
Bilhetes á venda: 15$00
2.ª-FEIRA, dia 4, das 12.30 ás 14.15 h.
Musica e Cinema na Hora do Almoço
Preço único: 5$00
AVISO: No início da 2.ª série destas sessões, informamos que para corresponder a numerosas solicitações, foi alterado o horário para o seguinte: abertura do Cinema ás 12.30; início das sessões, 13.15.
Serviço especial de Snack Bar abaixo preço

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 15.30 e 18.30
2.ª SEMANA DE ÊXITO
Rod Steiger, Christopher Plummer e Orson Welles
No mais surpreendente filme da temporada
WATERLOO
Hoje às 22 h. sensacional «RÉVEILLON»
3 filmes — 2 orquestras e imensas surpresas
últimos bilhetes à venda

EUROPA
(M. 6 anos) Tel. 661016
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um carro que para ser gente só lhe falta falar...
SE O MEU CARRO FALASSE
(The Love Bug)

ROYAL
(Adultos) Tel. 86545
Às 21.45
AMAR SEM AMOR
ELAS SÃO MAIS PERIGOSAS

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 e ás 21.30
EM 3.ª SEMANA DE ENCHENTES
GIGANTES NO INFERNO
com John Wayne, Katherine Ross, Jim Hutton e Vera Miles
Uma epopeia de vidas heróicas e nervos de aço em desafiar a morte
Panavision — Technicolor

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
9.ª e ULTIMA SEMANA
Sophia Loren e Marcello Mastroianni
na película de Vittorio de Sica filmada na Russia
O ÚLTIMO ADEUS

CHIADO TERRASSE
Às 15 e 21 h. (M. 12 anos)
CHISUN O SENHOR DO OESTE
HARPER, DETECTIVE PRIVADO

LUMIAR
(M. 12 anos) Tel. 795286
Às 21 horas
O DESAFIO DAS ÁGUIAS
com Richard Burton e Mary Ure

CONDES
Às 14.15, 16.30 e 18.45
Pela 1.ª vez em Portugal o primeiro grande desenho animado a cores de
TIM-TIM E O TEMPLO DO SOL
90 minutos de aventuras
O espectáculo da noite começa ás 21.15 para terminar ás 23.30 h.
(M. 17 anos)
O PASSAGEIRO DA CHUVA

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Um grande êxito de comicidade
2.ª SEMANA
O BOM PASTOR
com CANTINFLAS
Eastmancolor

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30 horas
UM HOMEM DE QUEM EU GOSTO
com Jean-Paul Belmondo e Annie Girardot

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 78560
Às 21 horas
DOUTOR, CUIDADO COM ELAS
JOGO SUJO

ODEON
[illegible]
Às 15.15 e 18.15 e ás 21.30
2.ª SEMANA DE SENSAÇÃO
com a admiravel comédia musical
A VIDA É SEMPRE IGUAL
com o famoso idolo da Eurovisão
JÚLIO IGLÉSIAS
na história de um amor sublime, com a formosa
JEAN HARRINGTON
(Eastmancolor)

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21 e 30 h.
Toda a gente fala neste extraordinário filme!!
O PASSAGEIRO DA CHUVA
com Charles Bronson e Marlene Jobert

CASINO ESTORIL
(M. [illegible] anos) Tel. 264621
Às 21 e 45
SARILHOS CONJUGAIS
com David Niven

IMPERIAL
(M. 17 anos) (Tel. 45933
Às 21 horas
QUANDO O JOGO É O AMOR
TONY ROME INVESTIGA

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

MONUMENTAL — Às 21 e ás 23: «A Casa das Cabras» (17 anos)
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «O Zé faz tudo» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Alto lá com elas» (17 anos).
VILLARET—Às 21: «O Processo» Às 23: «Sexta-feira, 4 e um quarto» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «A cabeça do Baptista» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «O inocente» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Os 4 magníficos» (12 anos)
UNIVERSAL—Às 21: «O Anormal» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Ajuda-me, meu amor» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Passos na noite» e «Os 5 destemidos para Singapura» (17 anos)

● Outra Banda

BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Quanto mais frio, melhor» (12 anos)

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS. Às 21 e 15: «Viver um pouco, amar um pouco» (12 anos).
CACÉM — SÃO JOÃO — Às 21: «Os Libertadores» e «A Máscara do Zorro» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINEMA — Às 21 e 15. «O caso da janela roubada» (12 anos).

● PORTO

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 45: «Olimpíada Mundial do Circo» (6 anos).
CIRCO MARIANO — Às 22: «Na Aven. Fernão de Magalhães» (6 anos)

CINEMAS

S. JOÃO — Às 21 e 30: «Waterloo» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Tim-Tim e o Templo do Sol» (6 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «A Vida Intima de Sherlock Holmes» (17 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «O preço do amor» (17 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «Doutor... cuidado com elas?» (17 anos)
TIVOLI — Às 21 e 30: «O bom pastor» (12 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Fechem-nos a 7 chaves» (17 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

MADRAGOA —**Moderna,** R. Garcia de Orta, 24 (663117).
MOURARIA — **Ferrão,** Rua da Mouraria, 12 (860464).
ESTRELA E LAPA—**Alb.** R. de Santana á Lapa, 156 (663562).
OLIVAIS-SUL — **Simão,** R. Cidade Cabinda, 16-A — Olivais-Sul — Junto á Piscina dos Olivais (310581).
PALHAVÃ —**Conta,** Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).
PEDROUÇOS — **Higi'ux,** Rua de Pedrouços, 50-52 (610280).
PICHELEIRA — **Marluz,** Calç. do Picheleira, 140-B--C (720703 e 728395).
S PAULO — **Marcos do Nascimento,** Calç. Marquês de Abrantes 36-A (664238)
SANTO AMARO— **Botânica,** Rua da Junqueira, 38-40 (638132).
SANTA MARTA — **Morais Sarmento,** R. de Santa Marta, 15-A, 15-B (46490)
SÉ — **Santa Luzia,** Rua da Saudade, 2-B (86983).
MOSCAVIDE — **Varela,** Av. Moscavide, 44 (258520)
BENFICA — **Benti'uz,** E de Benfica, 444-A (782606) ✲ **Progresso,** Estrada A-da-Maia, 64-C (702226). ✲ **Macedo,** Est. do Poço do Chão, 69-C (703697).
CAMINHOS-DE-FERRO — **Cruz de Malta,** L. Chafariz de Dentro, 36 (866126)
CAMÕES — **Andrade,** R. do Alecrim, 125 (370685--323446)
CAMPO DE OURIQUE— **Linalda,** R. Ferreira Borges, 30 (660955) ✲ **Findor,** R D. Maria Pia 514 (687949)
CAMPO DE SANTANA— **Peninsular,** Campo dos Mártires da Pátria, 117--118 (553308).
CAMPOLIDE —**Ronil,** R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) ✲ **Zénel,** Rua A, 182 (Bairro da Liberdade) (651840) ✲ **Nova,** R. de Campolide, 297-C (687475)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Madre de Deus,** R. da Margem, 15-B (ao Bai. do Grilo) (382470) ✲ **Zama,** R. General Justiniano Padrel, 21 (832580).
ESTEFÂNIA — **Fonseca,** Largo de D Estefânia, 4-5 (54808).
GRAÇA —Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (862909) ✲ **Higiénica,** R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361).
LUMIAR — **Patu'ela,** R. do Lumiar, 122 a 124 (790332) ✲ **Douro,** Alam. Linhas de Torres, 93-A-B (791131).
AJUDA — **Mendes Gomes,** Calç. da Ajuda, 222 (638256) ✲ **Tapada, Lda.,** Calç. da Tapada, 83-A (634721).
ALCÂNTARA — **Ester.** Nogueira, **R. de Alcântara,** 5-A (637563).
ALMIRANTE REIS — **Luso,** Av Almirante Reis, 199-A (41269) ✲ **Romano** Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (50593) ✲ **Magalhães,** Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479).
ALTO DO PINA — **Dálton,** Av Mouzinho de Albuquerque, 7-A (á Pr. Paiva Couceiro) (843571).
ALVALADE —**Líbia,** Av. da Igreja, 4-B-C (711681). ✲ **Nova Iorque,** Av. Estados Unidos da América, 140-B (junto a Entrecampos) (760658) ✲ **Celta,** R. Mouro Girão, 3-B (719621)
AMOREIRAS — **Amoreiras,** Praça das Águas Livres, 8-D (681515).
AREEIRO —**Marbet,** Av. de Roma, 131-A (776235) ✲ **Lusitana,** Avenida de Roma, 18-A (725443) ✲ **Chinde,** R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331) ✲ **Celta,** R Mouro Girão, 3-B (710621)
AVENIDAS NOVAS — **Luncenit,** Avenida da República, 55-A (772132) ✲ **Providência,** R. D Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego) (770324) ✲ **Sá da Bandeira,** R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961--54672) ✲ **Oliveira Vieges** Rua Viriato, 29-A (48966--553601).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira,** Pr. dos Casas Novas, lote 66 (31072)
BAIXA — **Simões Pires,** R. da Prata, 115 (362350).

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Almeida Nito** —Av Combatentes G Guerra 64 (Te[illegible] 2070)
CAXIAS — **Nova** — R. Bernardim Ribeiro 1-A (Te[illegible] 242839
PAÇO DE ARCOS—**Trindade Bras,** [illegible] Pinto, 186 (Tel 2432034).
OEIRAS — **Godinho,** R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE —**Brandão,** Av da Republica 17-C (Tel 247[illegible]
ESTORIL — **Marques dos Santos,** R Ferreira J-A, 15 (Tel. 260116)
CASCAIS — **Misericordia** R. Regimento 9 n 4 (T 280[illegible]4) ✲ **Cascais,** R Conde de Monte Real B Cascais Tel [illegible]82407

● Linha de Sintra

AMADORA — **Dias,** Av Marquês de Pombal, lote 9 (te. 934589 ✲ **Campos**— R Elias Garcia, 85 (tel 930072 ✲ **Clabel** — R António Saldanha 43-D (Tel 93855)
DAMAIA — **Confiança**— Est. Militar, Lote D (Tel. 87102231).
QUELUZ — **Gil** — Av Miguel Bombarda, 28 (Tel 950 7[illegible]) ✲ **Simões Lopes**— Av Elias Garcia 5 (Tel 950 [illegible]3
CACÉM — **Central** — R Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — **Quimia** — Est. Mem Martins, 285 (Tel 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel. 980456).
SINTRA — **Marrazes,** L Afonso de Albuquerque (T. 980155).
COLARES — **Colares** — Abreiro (Tel 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro,** R. António dos Santos Jorge 5 (Tel 234100).
ALHOS VEDROS — **Portugal,** Av. da Bela Rosa, 8 (Tel 224250)
ALMADA —**Nuno Alvares,** Av D Nuno Alvares Pereira, 39 (T. 27 297).
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança** — Estrada Nacional 74 (Tel 224302).
BARREIRO — **Avenida,** Av Alfredo da Silva 88 (T 2273217)
COVA DA PIEDADE — **Imperio** R Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telefone 274356)
MOITA —**União Moitense** —Av D. Teófilo Braga (Tel. 239025),
MONTIJO — **Giraldes,** R. Almirante Reis, 45 (T. 230008).
SESIMBRA — **Lopes** — Rua Cândido dos Reis 67 (Te 2290[illegible])
SETUBAL — **Marques,** R Arronches Junqueiro (T. 22783 ✲ **Bonfim,** Av Rodrigues Manito, 4 (Telefone 24558
SEIXAL —**Soromenho,** R Paiva Coelho 38 (Telefone 2218560)

● PORTO

Antero de Quental, Rua Antero de Quental, 520 (Tel. 45048) ✲ **Azevedo,** Rua do Meiral, 503 (Telefone 52344) ✲ **Constituição,** Rua da Constituição, 93 (Tel 4908131) ✲ **Correia de Araújo,** Rua de Santa Catarina, 259 (Tel. 25644) ✲ **Cruz,** Rua Costa Cabral, 1082 (Tel. 4004) ✲ **Guarani,** Rua Pedro Hispano, 367 (Tel. 62250) ✲ **Hercu'ano,** Rua Alexandre Herculano, 384 (Telefone 27943) ✲ **Liga Ass. Soc Mútuos,** Rua do Bonjardim, 286 (Tel. 21711) ✲ **Magalhães,** Rua de Serralves, 566 (Tel. 6353) ✲ **Nova de Monsanto,** Rua de Monsanto, 148 (Telefone 490889) ✲ **Ribeiro Júnior, Suc.ᵒˢ,** Rua da Firmeza, 99-A (Tel. 23849) ✲ **Sampaio,** Rua de Cedofeita, 636 (Tel. 21782) ✲ **Sanil,** Rua do Paraíso, 214 (Tel. 23935) ✲ **Vitália,** P da Liberdade, 34-37 (Tel. 24133) ✲ **Gondarém,** Rua de Gondarém, 360 (Foz)

● COIMBRA

Montes Claros — Rua Dr. António José de Almeida (tel. 25904) ✲ **Vieges & Coelho** — Rua da Sofia (tel. 22089) ✲ **Higiene** — Rua Fernandes Tomás (tel. 22634).

DL Diário de Lisboa
Renascença Gráfica S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

ATÉ A NATUREZA AJUDOU AO ÊXITO INVULGAR DO «RÉVEILLON» REALIZADO NA ADEGA DA TORRALTA

Quando a Natureza decide comungar com o Homem em qualquer realização, tudo corre pelo melhor. Foi o que sucedeu anteontem, no Algarve, em relação á festa promovida na Adega da Torralta, em Alvor, para assinalar o fecho de 1970 e o começo de 1971. O programa do «réveillon» tinha sido organizado com cuidado mas o estado do tempo podia senão arruinar, pelo menos embaciar muito o brilho de uma festa desse tipo que se quer sempre o mais animada possível. E para haver animação é preciso gente bem disposta e bom ambiente...

Pois o «réveillon» da Torralta teve tudo isso: na quinta-feira, a um dia de muita chuva — que, assim mesmo não fez esmorecer o animo daqueles que de todos os pontos se encaminhavam para Alvor — sucedeu por volta das 20 horas, uma acalmia do tempo que se manteve bom por todo adiante. E assim, a entrada e a saida na Adega da Torralta de uma verdadeira multidão (calcula-se que cerca de mil e duzentas pessoas estiveram presentes na animada festa) fez-se por forma a que todos pudessem apreciar devidamente não apenas o espectáculo, a ceia e o baile mas também, o monumental cenário e que tudo decorria.

Quando a grandiosidade de um cenário é razão de êxito

Não há a menor duvida de que foram justificados os aplausos que todo esse ruidoso e alegre publico dispensou aos artistas que desfilaram no palco — Mari Trini, Tonicha, Los Aguilares, Sandro Core e Juca Santomé — e aos conjuntos «Chinchilas» e «L'As Band», que puseram toda a gente a dançar. Mas não é menos verdade que a maior razão do êxito invulgar deste «réveillon» se ficou devendo ao local onde acorreram todos os hóspedes dos apartamentos da Torralta na Praia de Alvor e do Hotel Golfinho em Lagos e muitas mais pessoas ainda.

É que a Adega da Torralta reune condições excepcionais para festas deste ou de outro tipo. E se ela pela originalidade da sua concepção e pelo feliz arranjo interior e decoração, consegue surpreender, no mais alto grau todos os visitantes estrangeiros que já a admiraram também surpreende e satisfaz pelos mesmos motivos e ainda pela sua verdadeira monumentalidade os portugueses que já por duas vezes tiveram oportunidade de ai participar em alegres festas.

A grandiosidade do cenário que tanto contribuiu para a animação inexcedivel que reinou até de manhã foi pretexto para elogios unanimes e para curiosas comparações feitas por pessoas que se recordavam da tradição de festas de «réveillon» em que participavam milhares de pessoas e que consideram que só esta realizada na Adega da Torralta pode sofrer confronto vantajoso com elas. A qualidade da ceia servida contribuiu também valiosamente para que a festa na Adega da Torralta fique inolvidável.

«O Século Ilustrado»

Celebrou o seu 34.º aniversário o nosso prezado colega «O Século Ilustrado» semanário de actualidades de larga expansão editado pelo nosso prezado colega «O Século»

Ao director o jornalista dr. Francisco Mata e aos seus colaboradores, as nossas saudações cordiais.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 5 HORAS DE HOJE — em Portugal continental o céu estava nublado com nuvens altas; vento era fraco de moderado de Leste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 5 HORAS DE HOJE — máxima, Monte Estoril, 10.º; mínima, entre os 5º de — 2.º.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto — 1.º; Pennas Douradas, —4.º; Coimbra — 1.º; Portalegre, 2.º; Lisboa, — 0.º; Faro, 4.º; e Funchal 5.º.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE: No atmostera, 2.º, na água do mar: 3.º,2

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Amanhã
Nascer ás 8 e 55
Ocaso as 18 e 26

Céu nublado com nuvens altas tornando-se muito nublado ou encoberto durante a madrugada com vento moderado de Sul. Períodos de chuva.

Dia 4 Dia 11 Dia 19 Dia 26

MARÉS.
PREIA-MAR Hoje — 1 e 5 (4,0 m); 20 e 25 (3,6 m). Dia 3 — 8 e 42 (3,8 m); 21 e 8 (3,5 m). Dia 4 — 9 e 39 (3,7 m); 22 e 3 (3,4 m).
BAIXA-MAR Hoje — 0 e 43 (1,2 m); 13 e 24 (1,0 m). Dia 3 — 1 e 39 (1,2 m); 14 e 24 (1,2 m). Dia 4 — 2 e 35 (1,4 m); 15 e 20 (1,4 m).

TEMPERATURA NEGATIVA EM LISBOA

O frio voltou a aumentar para atingir os maiores valores (absolutos ou do Inverno) ao cabo de dois dias em que a temperatura subiu um pouco.

Esta manhã, em muitos pontos de Lisboa, havia carros cobertos de gelo. O termometro registou um grau negativo.

Em Bragança, ás oito horas da manhã de hoje os termometros assinalavam a temperatura de 12 graus negativos, o que parece constituir o «record» do frio nesta cidade.

Também no Porto este foi o dia mais frio deste Inverno. Com efeito, no passado dia 24, tinha-se registado no Observatório da Serra do Pilar, a temperatura de 2 graus negativos, mas hoje, o mesmo Observatorio, registou —2,1. Ás a temperatura verificou-se ás 5 e 10, mas, ás 11 horas, era ainda negativa (—0,7 graus).

Para o interior, as temperaturas foram ainda mais baixas, como, por exemplo, em Vidago, onde se registou 4 graus negativos, Braga 1 e Guimarães 3.

Entretanto, a previsão do Serviço Meteorológico Nacional para a quinzena, assinala uma subida de temperatura a partir de amanhã.

Por motivo da neve, que cobre o estádio «José dos Santos Pinto», não se realiza amanhã o encontro de futebol entre o Sporting da Covilhã e o Norte-Soure

NOVO CASINO ESTORIL

AMANHÃ
«MATINÉE»
— As 17 H. —
No Salão Restaurante
ELAINE DELMAR
● KARL KARSONY
● HELENA TAVARES
● LES BALLETS DE GEORGES REICH
MÚSICA PARA DANÇAR
FILARMÓNICA FRAUDE
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE
E SUA ORQUESTRA
— Maiores de 17 anos —
PREÇOS
Chá completo — 40$00
(taxas e impostos não incluidos)

NO CINEMA
Hoje, às 16 e 30
«MATINÉE» INFANTIL
e às 18 e 45 e 21 e 45
«SARILHOS CONJUGAIS»
(M. 17 anos)
Amanhã, às 17 e 21 e 30
«O MEU TIO BENJAMIM»
(M. 17 anos)
— Ambiente climatizado —

AO ENCERRAR MAIS UM ANO AO SERVIÇO DO PÚBLICO E DA LOTARIA NACIONAL, A

CASA DA SORTE

informa que distribuiu anteontem em bilhetes com o seu CARIMBO

MAIS 2500 CONTOS

LOTARIA DO FIM DO ANO
(S. SILVESTRE)
28 799 — 2.º PRÉMIO — 2000 CONTOS
15 007 — 3.º PRÉMIO — 500 CONTOS

Terminam assim

MAIS DOIS «CAMPEONATOS»

— o da venda de prémios grande, e o do montante distribuido — vencidos ambos, com larga vantagem sobre todos os competidores, pela

CASA DA SORTE

que deseja aos seus estimados Clientes um Novo Ano muito feliz, com a Sorte da

CASA DA SORTE

AVISO IMPORTANTE

A partir já da próxima Lotaria — a dos Reis com uma Sorte Grande de 9 mil contos — as extracções voltam a efectuar-se, como antigamente, ao meio-dia (12 horas).

CASA DA SORTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO MUNDO NO COMÉRCIO DE LOTARIAS E TOTOBOLA

A PARTIR DE SEGUNDA-FEIRA:

CADA MAÇO DE CIGARROS VAI CUSTAR MAIS 5 TOSTÕES

Como consequência do decreto que introduz diversas alterações ao sistema tributário e agrava o imposto de consumo de certos produtos, o preço do tabaco vai sofrer um aumento. Cada maço de cigarros passa a custar mais 50 centavos, o mesmo sucedendo ás onças. Cigarrilhas e charutos — que não são fabricados em Portugal — sofrerão agravamento de preço correspondente.

Portanto, a partir de segunda-feira, o tabaco é mais caro, com excepção das remessas ainda existentes no mercado. Todas as novas remessas, porém, já virão com os novos preços.

O preço da cerveja também aumenta

As alterações introduzidas no Imposto de Trancacções afectará, também, o preço da cerveja, sobre a qual passará a incidir uma taxa especifica de 2$80 por litro.

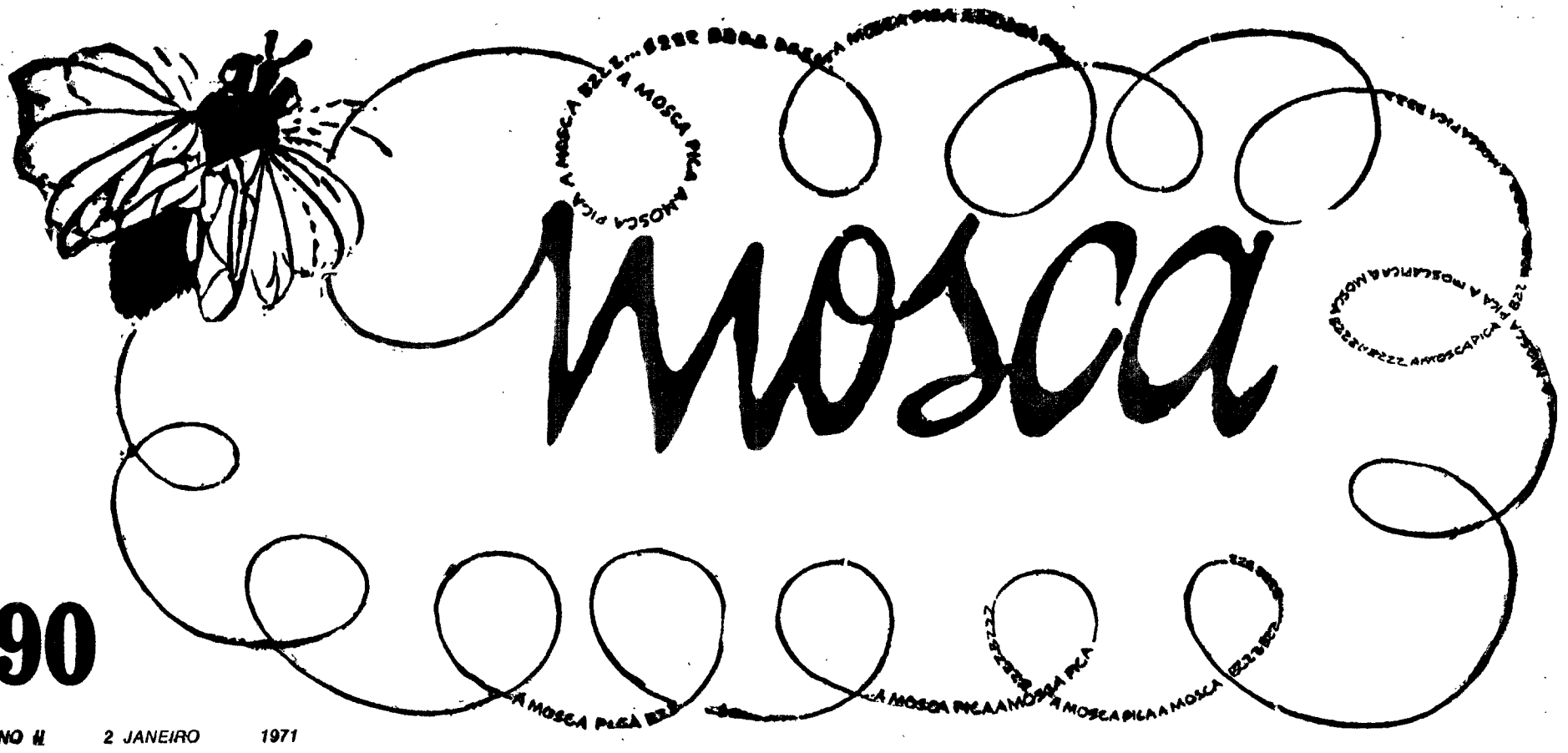
Pensa-se que a partir da próxima semana o preço do copo aumentará 20 centavos e o preço da garrafa 30 centavos.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

ARMANDO JORGE SUBSTITUI GILPIN NO «QUEBRA-NOZES»

Acometido de doença súbita, foi forçado a regressar a Londres o bailarino John Gilpin, que será substituído por Armando Jorge nos espectáculos de hoje e amanhã do bailado «Quebra-Nozes», no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian.

VESPISTAS precisam-se
para condução de Vespas de cabina fechada na zona de Lisboa
PAGA-SE BEM
INFORMAÇÕES:
SR. JAIME SANTOS
RUA CASTILHO, 185-1.º — LISBOA



90

ANO II 2 JANEIRO 1971

NA MELHOR TAÇA CAI A MOSCA

NOTA DE ABERTURA

Como é do conhecimento geral, o «Diário de Lisboa» levou a cabo um concurso de quadras que lhe encheu salas e salas de poesia mais ou menos rimada. Algumas das quadras recebidas mereceram a atenção deste suplemento pelo sentido de humor (voluntário ou involuntário) que revelam. Aqui vão algumas que os nossos leitores podem decorar para recitar à noite, em família.

Se o Natal, quando vem
Nunca mais se fosse embora
Talvez muita gente «bem»
Não fosse «bem» só agora.

É Natal, não me admiro
Por ser «bom samaritano»
Dou um pouco do que tiro
A quem roubo todo o ano.

Por pura vingança minha
A primeira vai assim
Pois não é só a Guidinha
Que anda em busca de «pilim»

Uma quadra para o Natal?
E ainda há quem a faça...
Etc. Etc. Etc. e tal
E venha de lá a massa.

Nessa noite de Natal
A esperança estava contigo...
Fizeram-te tanto mal
Depois disso, meu amigo...
O Natal que vem chegando
Não virá com liberdade
Mas isto não está rimando...
Não rima, mas é verdade!

Oh! Natal que engrandeces
A minha poesia tosca
Ganharei por minhas preces
Com uma cunha da «Mosca».

Pai Natal vou avisar-te
Para que tenhas cuidado
Não venhas em avião
Pois podes ser desviado.

No Natal não vim à luz
Por correcção e decência
Esse dia é de Jesus
Não quis fazer concorrência.

É pronto — veia lírica não nos falta. Somos, como dizem, um povo de poetas.

Passemos a coisas sérias: recebemos de Santarém uma reclamação válida. Trata-se dum postal em que se afirma que «um dos principais erros cometidos pela mente humana é o da generalização». O postal é-nos enviado por «Os finalistas do Liceu de Santarém». Trata-se duma reclamação contra uma nota que publicamos acerca duns outros estudantes deste liceu e como lhe parece justa, «A Mosca» dá a coisa à palmatória: é evidente que a maioria dos estudantes do liceu de Santarém não assina nem assinaria o postal que deu origem á nossa nota.

Sabemos que o ultimo numero de «A Mosca» foi muito bem recebido pelo público — pelo menos o número de cartas que recebemos a este respeito, parece indicá-lo — o que nos permite concluir estarmos, senão no bom caminho, pelo menos num caminho que pode levar a qualquer coisa. Como tínhamos, porém, prometido novidades, podemos agora assegurar que podem contar com elas já a partir do próximo número.

Mudemos, novamente, de assunto: publicamos, hoje, o primeiro de dois artigos sobre a caricatura. Trata-se de um artigo que muitos considerarão errado para um suplemento de grande divulgação como este. Julgamos, porém, que a «A Mosca» tem abnegações e que uma delas consiste em não transigir perante certas formas de humor que dificilmente têm cabimento num jornal como o «Diário de Lisboa». Julgamos, ainda, que nos cumpre elucidar os nossos leitores acerca do papel desempenhado pelo humor no evoluir social e estes artigos não têm outra função.

Para além deste palavriado desejamos a todos os nossos leitores muito boas-festas e, como é tradicional, um ano novo muito feliz.

A MOSCA

A CARICATURA ATRAVÉS DO TEMPO

1.ª Parte

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Representar uma pessoa, uma situação, ou um evento, deformando-os deliberadamente para evidenciar, pelo ridículo, está ou aquela das suas características é uma arte que vem de longe — a arte da caricatura.

A pintura egípcia já contém elementos francamente caricaturais e Aristóteles refere, mesmo, um pintor grego, Ponson, que teria cultivado o género e que é, portanto, o mais antigo dos caricaturistas cujo nome conhecemos.

Certos graffiti de Roma e de Herculano apresentam, também, características classificáveis de caricaturais mas se é fácil reconhecer estas características, não é fácil definir a própria caricatura que assenta, como nota Werener Hoffman (1) na evolução dos costumes, do gosto e das convenções, tal como o juizo que dela fazemos depende dum conjunto de valores circunstanciais em permanente evolução.

É precisamente porque a caricatura penetra em tantos campos e reflecte tanto do que o homem pensa acerca do que o rodeia que ela tem de ser estudada do ponto de vista da evolução morfológica das artes plásticas e do ponto de vista do próprio evoluir ideológico.

O que é o cómico? O que é o grotesco?

Os elementos cómicos e grotescos duma dada deformação dependem, em grande parte, da contradição que se verifica entre essa deformação e os conceitos académicos do belo e do harmonioso tradição que se verifica entre essa deformação e feita O grotesco, por outras palavras, depende do «não grotesco» e trava com ele um diálogo per...

Do ponto de vista histórico, o cómico e o grotesco são, muitas vezes, como que resíduos de símbolos antigos ou, melhor, surgem-nos relacionados com símbolos já não utilizáveis como tal — o que ainda mete medo às crianças, dá vontade de rir aos adultos e a dança mágica que uma comunidade toma a sério é considerada cómica por outra que despreza esses símbolos ou que tem símbolos diferentes.

Dentro da mesma comunidade, o cómico e o grotesco da caricatura provêm de factores muito semelhantes aos indicados. Os «valores», os «hábitos» e as «tradições» duma classe social são altamente cómicos e grotescos aos olhos de outras classes como o são os seus símbolos e sempre que uma comunidade defende, oficialmente, valores já abandonados pelos seus componentes, os símbolos representativos desses valores tornam-se lentamente cómicos e grotescos.

A caricatura está, assim, em permanente diálogo com tudo o que se passa e assume, sempre, o papel de quem pergunta, incita e põe em dúvida.

O seu carácter, porém, é duplo na medida em que, «deformação» que é, depende simultâneamente do modelo e da regra que impõe esse modelo ou como belo ou como aceitável.

Sem um modelo deformável e uma regra estética contestável, não há caricatura. Hoffman,

O célebre monsieur Prand'homme de MEUMIER

reconhecendo este facto, afirma que o caricaturista vive, como todo o revolucionário, do sistema que pretende destruir...

Se não é fácil, atendendo às circunstâncias apontadas, definir a caricatura com precisão ou fechá-la dentro de fronteiras precisas, mais difícil ainda é definir o ridículo que a caricatura tem por objectivo tornar evidente.

Tão difícil nos parece chegar a uma definição aceitável do ridículo que não vamos, sequer, tentá-la. Se o fizéssemos acabaríamos por perder a linha de rumo que nos propomos e acabaríamos por cair num mundo de especulações abstractas de onde não encontraríamos saída: Hobbes enten-

(Continua na 4.ª página)

(Continuação da pág. anterior)

deu que a apreciação do cómico revela a convicção de que se é um ser superior; Flogel afirmou, ao contrário, que a procura do ridículo é um processo maravilhoso de cada um se libertar do seu orgulho pessoal e Schleirmacher chegou à conclusão de que o cómico é um jogo com a nulidade do indivíduo, para apenas citarmos algumas opiniões...

OS INICIADORES DA CARICATURA MODERNA

Se entendermos que a caricatura é, essencialmente, um «resumo gráfico», temos de considerar os irmãos Carraci como iniciadores da caricatura moderna, isto sem que fiquem anuladas as considerações que fizemos acerca da antiguidade da intenção ridicularizadora.

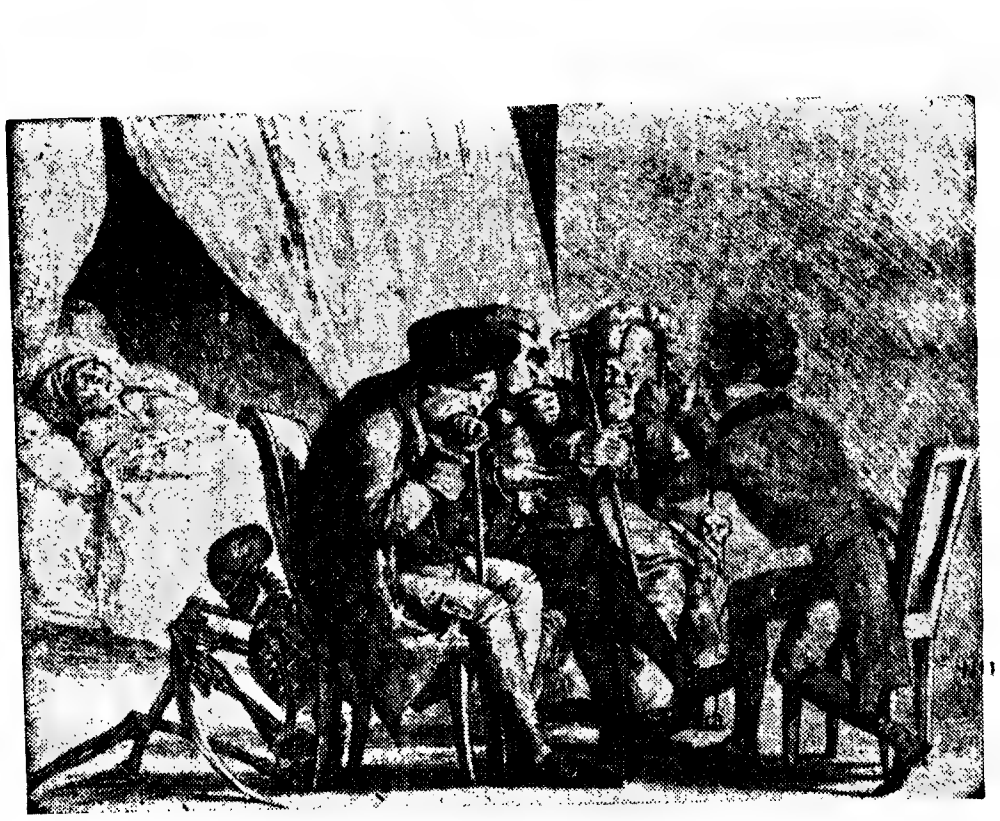
Só se poderá compreender o papel exercido pelos irmãos Carraci neste campo, porém, desde que se não julgue que a caricatura surgiu por acaso ou que é fruto dum capricho individual: a observação objectiva e a transposição subjectiva em que ela assenta resultam duma longa evolução. Talvez não seja errado afirmar que até ao século XII os artistas pretendiam criar tipos abstractos com o desejo de interpretarem a realidade em termos de expressão rítmica, isto é, sem atenderem às particularidades da expressão humana e às múltiplas divergências da natureza. Uma arte afastada do mundo sensual tinha necessàriamente de permanecer insensível perante as diversidades da vida, e se é certo que a arte gótica passou do típico ao individual redescobrindo a expressão humana, é igualmente certo que não produziu uma única caricatura verdadeira.

Max Dvorak explicou este facto qualificando de «individualmente receptiva» a sede de realismo do naturalismo gótico, naturalismo esse que ainda não sabia classificar objectivamente as variações do real: «para lá do mundo sensível, existe o plano da revelação, o plano religioso que impunha uma existência regulada por leis não sujeitas às da natureza e, portanto, não entendíveis racionalmente».

A arte gótica não separava com precisão o «belo» do «feio» e só quando o «belo» é definível é que pode surgir a caricatura deliberada. O conceito das proporções que se adivinha nas obras da arte gótica não assentava no exame da estrutura do corpo humano e esse exame só veio a efectuar-se quando Leonardo e Durer pretenderam examinar racionalmente a realidade para a idealizarem. É a partir dessa idealização que surge o

(Continua na 8.ª página)

Thomas Rowlanoson — Os espectadores no teatro



Eugéne Delacraise — «A consulta», 1820

A lenda do 100 Pipers

Uma lenda escocesa diz que "quem bebe um whisky genuino ouve a música de 100 gaiteiros." São muitos gaiteiros, na verdade! Mas também o 100 Pipers é muito es

Whisky escocês 100 Pipers. Da Seagram, Escócia.
Whisky escocês 100 Pipers. Engarrafado na Escócia.
Criado com a arte que fez da Seagram a maior destilaria do mundo.

PORTO KOPKE

HÁ MAIS DE 300 ANOS

Distribuidores no Sul
OLIVEIRA & TORROAES, L.da
R. do Salitre 123-Lisboa

Recauchutagem LUSA
A melhor

PASSAPORTES?
paneuropa
Rua Braamcamp, 11-C-D
T. 561871-2-3-4 — LISBOA

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Cruzamento, Praça da [illegible] 20 horas.

POP LARUCHO

VIVÓ FESTIVAL

— Como toda a gente sabe, ou deveria saber, vem aí o Grande Prémio TV da Canção, para salvar a música portuguesa, incentivar o aparecimento de novos autores e intérpretes, incrementar a produção. E outras boas intenções manifestadas ou pressentidas. Como também toda a gente sabe, este é mesmo o melhor processo de conseguir tudo isso, e a prova está não só em anteriores edições do certame, como em todos os demais festivais competitivos qe se realizam por esse mundo fora. Como é ainda do conhecimento geral, é a música que ganha com realizações deste quilate; a música, e em última análise o público e a sociedade que a música reflecte e a quem se destina. Como toda a gente calcula, vamos todos beneficiar, cultural e socialmente, com mais este festival, tanto mais que este ano ele serve de novo para seleccionar a canção representante (e como se espera nada representativa) de Portugal no Eurovision Song Contest.

Um dos factores que mais decisivamente tem contribuido para a concretização dos bons propósitos de festivais deste género, é o smoking. Parente rico da gravata e de outras manifestações de bom comportamento e perfeita integração na ordem social, inimigo público da camisola, do blusão, das mangas de camisa, das barbas e dos cabelos compridos, o smoking tem uma capital importância no incremento da música popular. Daí que o Guarda Roupa Paiva tenha, na história da ligeiríssima música portuguesa, um lugar tão importante, pelo menos, como o do Centro de Preparação de Artistas da Rádio. Estamos mesmo em crer que, se a música portuguesa vai mal é porque não se dão suficientes oportunidades aos seus cultores de envergarem tão luzido uniforme.

Pouco mais que uma vez por ano, os nossos autores e intérpretes tiram da naftalina smokings, partituras e ideias. O resultado vê-se!

Vamos mesmo mais longe: os baladistas não cantam mal. Cantam sem «smoking». E mais: tiremos o «smoking» a Gabriel Cardoso ou a Artur Garcia. Que fica? Nada!

Achamos pois ser tempo de, a bem da música, se tomar a inteligente medida de obrigar toda a gente a cantar de smoking ou, no mínimo, de gravata.

Se o exemplo dos ligeiríssimos festivais não bastar para apoiar a nossa engravatada tese, temos o de S. Carlos. Numa época em que se tende a suprimir os rótulos de clássica, séria, erudita, popular, folclórica, são a gravata e o smoking que conferem à música que aí se cultiva os seus títulos de nobreza. E convenhamos que muito têm feito (os ditos adereços) pela divulgação e popularização da arte dos sons.

Voltando pròpriamente ao Festival que se aproxima, insistimos no ponto por nós defendido que muito ganha a música com competições quejandas, que se caracterizam fundamentalmente por uma total ausência de espírito comercial. Se durante todo o ano os editores se preocupam com a valorização da música e a promoção sociocultural do ouvinte de discos, por alturas do Festival essas preocupações redobram, num abnegado esforço de valorização que muito nos comove, e que não é com os sessenta mil reis que damos por um disco que pagamos. É também com o nosso público reconhecimento às vítimas da cultura popular que são, de uma maneira geral, os produtores de discos, homens que desinteressadamente, de uma maneira geral, tanto do seu esforço mental e do seu capital empatam na formação estético-ideológica do público que, por intermédio das vozes activas de críticos despeitados, complexados, ignorantes, mal-formados, tendenciosos, vendidos a inconfessáveis interesses e ideologias, tão mal lhes agradece.

Pròpriamente sobre o Festival: Há uma tradição curiosa a defender. Uma tradição que começou com a Oração de Calvário, e que se continuou por Madalena «Ele e Ela», Iglésias, Sérgio «Gavião» Borges, etc. Que outras razões não existissem para aplaudir o Festival, havia uma tradição à qual há que dar continuidade. Todos nós temos provas palpáveis das vantagens dessa continuidade.

Neste caso concreto há ainda a considerar que essa tradição de prestígio e qualidade não se confina ao espaço geográfico deste país, transcende-o para se projectar internacionalmente como um facho que ilumina os pobres e tristes caminhos da música bárbara. Que importa que nunca tenha sido feita justiça à Canção Portuguesa na Eurovisão? Que importa não termos prémios, se temos razão?

Por tudo isto e resumindo: Viva o smoking, vivam os produtores, viva a Tradição, viva o Festival, viva tudo e mais alguma coisa.

A TERCEIRA LEI DA CLEPTOLOGIA

Como vimos, a segunda lei define a situação do processo cleptótico na época clássica.

Mas o progresso tem outras ambições e deixando galhardamente para trás as líricas aves do campo, lança-se de cabeça na conquista do espaço tecnológico e industrial.

Aperfeiçoam-se ao requinte as relações entre as «boas» e «más» famílias.

O próprio processo cleptótico legal sofre mudanças subtis mas radicais.

Acabou se o tempo heróico do:

— «Postos estão frente a frente os dois valorosos campos».

Agora rouba melhor quem melhor se mascara. Proteccionista piedoso (mas pago a juros) e defensor da moral e do direito (as cruzadas no séc. XX saem caras!) têm um êxito assegurado. Convém além disso ter a pesar no seu prato da balança um peso de grande calibre, tal uma bomba agásinha, uns mísseis extratantos, pum pum que chegue e ouro de bom quilate, p'ra regatear com maior segurança.

Também o pacato cidadão do «dia sim dia não, lá se gaste um tostão» se vê súbitamente despojado da sua ancestral tranquilidade. Porquê? Porque hoje em dia se rouba por meio do mais engenhoso processo psicológico, cuja subtileza atinge as raias da subversão: a publicidade. Foi definitivamente ultrapassada a época da «bolsa ou a vida»; agora só interessa a bolsa e bem recheada. Como se faz então?

Cada transacção crie a necessidade de mil novas aquisições e o inocente cidadão, convencido que ganha definitivamente o mundo perde mas é os cobres e a paz de espírito. Por ex.: o sr. Y. Flores no princípio da sua carreira depois de comprar um bifê, sente a necessidade imperiosa de comprar palitos. Anos mais tarde o sr. dr. J. Flores compra uma casa o que implica a aquisição de 10001 objectos caseiros desde a estimada esposa à torradeira. Coroando a experiência o sr. Flores arranja televisor e logo o possui a obcessão de ter o «mais veloz» o seu carro imoderado, um sorriso radioso bem dentrificado, todos os acessórios possíveis e impossíveis e ainda um J. Pimenta para rendimento ilimitado que por seu turno.

É neste contexto que a reconciliação do velho larápio, cansado dos truques ilegais, com a digna instituição se torna possível. Se não vejamos:

— Quando o sr. X da Ajuda tiver adquirido pràticamente tudo e atravessar uma fase estática de consumo, surge o bom larápio, profissional de carreira, que, conhecedor dos pontos críticos da indústria e do comércio, faz uma subtracção às posses do sr. X, tirando-o, por assim dizer, da inércia não consumidora.

Veremos então o larápio, bom funcionário, consultar a lista classificada e organizar o seu programa semanal.

Segunda-feira — De A a D — frigoríficos (extracção sem dor).

Terça-feira — De D a H — televisores (evitar os garotos).

Quarta - feira — De H a M — fogões a gascidla (conquistar as criadas)

e assim por diante.

Veremos anúncios na televisão do género «Contrate a Sociedade Larapilar S. A R. L. Rouba mais e melhor».

E progredirão!!!

Só assim não haverá pontos mortos nem na produção nem no consumo.

De outra forma a economia nacional está antecipadamente perdida.

Pode-se pois enunciar a 3.ª lei fundamental da cleptologia, que pelo seu carácter de prognóstico é de todas a mais hipotética:

— Num terceiro estádio da evolução social, dá-se a reconciliação, por assim dizer a simbiose entre os dois processos cleptóticos que anteriormente se excluiam, passando a partir de agora a colaborar harmoniosamente para o mesmo fim, isto é, roubar mais e melhor.

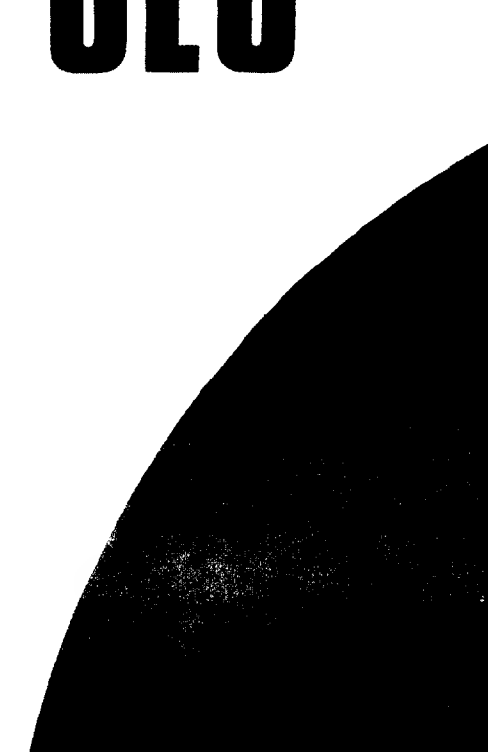
SERAFIM INOCÊNCIO DA CUNHA

O MELHOR BRINDE DO SEU

CT

*****

a mais alta distinção



A 5 MINUTOS DO M. DE POMBAL

ANDARES DESDE 780 A 1.670 CONTOS EM

miraflores :: lux

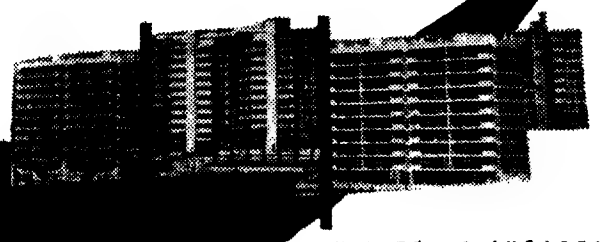
OFERECE :

SOFICOSA, SOCIEDADE DE FINANCIAMENTOS IMOBILIÁRIOS E DE CONSTRUÇÕES LDA.

departamento de vendas: av. principal, lotes 4 e 5 -miraflores-norte

5 assoalhadas em 173 M2.
6/7 → 216 "
7/8 → 240 "
8/9 → 264 "

EDIFÍCIOS "MONSANTO"



VISITE OS ANDARES MODELO DECORADOS E MOBILADOS POR "ALTAMIR"

ambiente · saúde · beleza · convívio

NOVO ANO

A CARICATURA ATRAVÉS DOS TEMPOS

(Continuação da 4.ª página)

caricatura porque o conhecimento da regra tem, sempre, de anteceder a sua violação. As cabeças de Durer que publicamos podem considerar-se representativas do empirismo do início do Renascimento, época em que a procura e a interpretação da realidade caminhavam lado a lado.

Com o evoluir do tempo as regras que no princípio do Renascimento impunham a representação objectiva — embora interpretativa — da realidade, foram sendo minimizadas por uma consciência cada vez mais forte da liberdade do artista. Esta liberdade foi, inicialmente, defendida pelos teóricos do maneirismo, como Lomazzo e Zuccari, podendo considerar-se a obra de Arcimbalo representativa deste estágio da história da arte a que estão ligados, entre outros, os nomes de Jannitzer e de Callot.

Olivre arbítrio do artista, por outras palavras, começou a impor-se e o artista começou a faltar ao respeito às regras, rindo-se dos teoremas que lhe impunham a representação dum mundo racionalmente interpretável.

Neste sentido começaram a surgir as circunstâncias que permitiram o aparecimento da caricatura moderna, que contesta as noções clássicas e reivindica para si a liberdade de opor o feio ao belo e o grotesco ao nobre e ao sublime. Ainda assente nesta liberdade, a caricatura moderna recusa-se a aceitar um mundo compartimentado e exprime-se pela denúncia ou dos costumes ou dos sistemas políticos ou, mais simplesmente, dos indivíduos — e, porque denuncia, a caricatura não se limita a ridicularizar: contém uma condenação ética que se não pode minimizar. Goya, Daumier e Hogarth denunciaram o mundo do seu tempo com uma violência que ninguém, certamente, ousará classificar meramente de cómica.

A CARICATURA INGLESA NO SÉCULO XVIII

Inventada, como já se disse, em Itália, a caricatura passou por várias fases até alcançar a popularidade de que gozou no século XIX, nomeadamente em Inglaterra, França e Itália, países onde encontrou melhor terreno para frutificar.

Na primeira fase da evolução a que nos referimos, foi como que uma «arte privada» na medida em que nascia em «ateliers» de artistas para vir a repousar em álbuns de coleccionadores sem nunca atingir o grande público. Hogarth foi um dos principais caricaturistas deste período e um dos primeiros, senão o primeiro, a escolher o quotidiano para tema das suas caricaturas.

Para quem procure uma iconografia do homem moderno, o mundo de Hogarth torna-se insubstituível como elemento de trabalho. Hogarth, na sua procura permanente do «homem que se julga só» e cujo comportamento contrasta com o

LEONARDO DA VINCI
«CABEÇAS GROTESCAS»

William Hogarth — «A rua da cerveja», 1751

Honoré Daumier — «Ménelas nainques» — (1842)

que adopta quando se sabe observado, concretizou a decisão que Montaigne tomara de observar a vida minuto a minuto.

Rowlandson, Gillray, Bunbury e Cruikshank seguiram-lhe na peugada aliando a caricatura à sátira política e criando uma caricatura de raiz popular caracterizada pela sua agressividade e rudeza.

A CARICATURA FRANCESA NO SÉCULO XIX

Se no campo da caricatura o século XVIII foi inglês, o século XIX foi, incontestàvelmente francês. Isto, por ter tido lugar nesse país o facto que deu origem ao início da segunda fase do evoluir da caricatura — a sua passagem de «arte privada» a «arte popular».

Medo dos críticos?! Que ideia muito gostava eu de ver um crítico Criticar-me

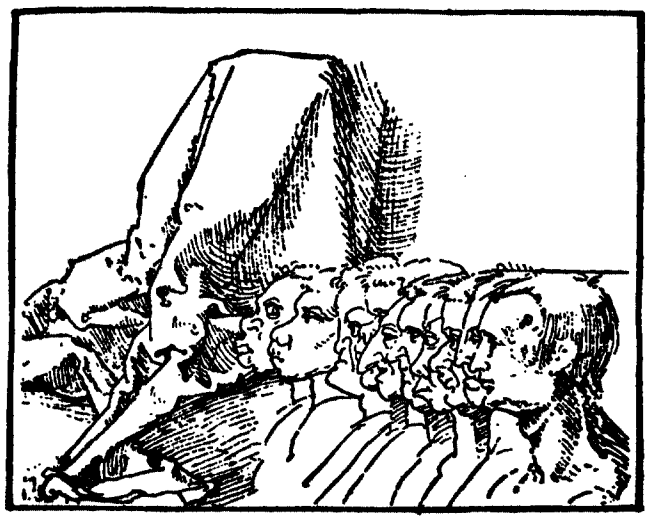
Extraído do livro «Crocodile»

Esta transformação permitiu que artistas como Daumier, Callot, Doré, Monnier, Traviés e Grandville se tornassem conhecidos do grande público e popularizassem uma arte até então reservada a privilegiados.

Vale a pena, antes de referir esse facto, esclarecer que apesar da caricatura de Daumier ter raízes inglesas, existia uma tradição gráfica francesa francamente satírica.

Esta tradição, de características populares, não ultrapassou, porém, os limites dum primitivismo evidente em quase todas as gravuras da época, primitivismo esse que levou certos estudiosos a considerar que a única caricatura francesa de qualidade feita durante a revolução foi

(Continua na página seguinte)



Albrecht Dürer — Estudo de cabeças, 1513

(Continuação da pág. anterior)

um célebre desenho de David representando Maria Antonieta a caminho do cadafalso.

Deve-se a Charles Philipon, filho dum industrial de Marselha e caricaturista de mérito, o evento que tornou a caricatura acessível ao grande público.

Referimo-nos à fundação, a 4 de Novembro de 1830, da primeira publicação humorística ilustrada — a célebre «La Caricature» proibida depois de cinco anos de perseguições motivadas, em grande parte, pelos ataques dirigidos por Philipon a Luís Filipe. Esta perseguição foi, posteriormente levantada mas o seu director fundara, entretanto, uma outra que viria a deliciar gerações de franceses — a célebre «Charivari» (1832).

Para além da sua actividade jornalística, Philipon desenvolveu uma intensa acção em prol da caricatura, nomeadamente como fundador e director da Maison Aubert onde Doré se estreou aos quinze anos de idade, como desenhador da capa do segundo número de «Le Journal pour Rire», a terceira publicação humorística que fundou.

A divulgação da caricatura pelo jornal tornou-a não apenas acessível ao grande público, mas também extremamente popular e deu origem, como dissemos, à segunda fase da evolução da caricatura, a sua fase mais violenta e agressiva.

O nome de Daumier está, como dissemos, intimamente ligado a este estágio.

Balzac, que foi redactor da «Caricature», de Philipon, comparou-o a Miguel Angelo e Baudelaire afirmou que ele era um dos três grandes desenhadores do século, em tudo comparável a Delacroix e a Ingrés.

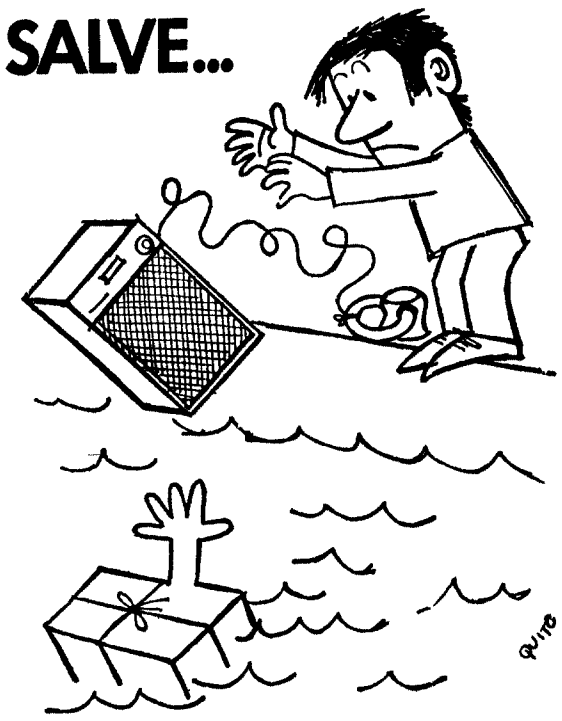
Uma coisa é certa: Daumeir foi um dos grandes cronistas do seu tempo e a sua obra é, nesse sentido, comparável à de Balzac. O seu Robert Macaire, por exemplo ,tem a importância fotográfica do Prudhomme de Monnier — ambos, aliás, parte duma família criada na época que permitiu ao pequeno burguês reconhecer-se. (Piepmeyer, Biedermeier, Bertrand, etc.).

A crítica de costumes atingiu, com Daumier, uma violência até então desconhecida mas o que mais apaixona nas caricaturas deste artista é, certamente, a descoberta da poesia trágica do anonimato ,esse «heroísmo moderno» cujos heróis, segundo Baudelaire, fazem empalidecer os da Ilíada. (Crítica do Salon de 1846).

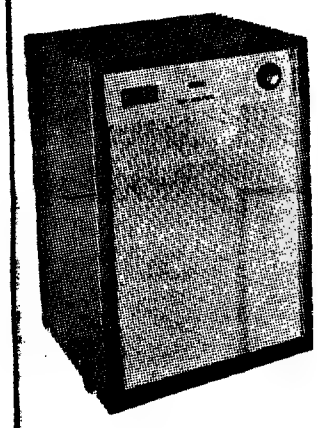
Enquanto muitos artistas se limitavam a entreter os leitores dos seus jornais, Daumier adivinhava a tragédia da multidão anónima e a crise da cidade. Dir-se-ia que Daumier foi o primeiro artista a aperceber-se das crises existenciais que viriam a preocupar o homem anos mais tarde mas que já se faziam sentir no homem do seu tempo.

Quando Daumier morreu, em 1879, a caricatura gozava duma imensa popularidade. Publicavam-se dezenas de revistas e de almanaques humorísticos e o folhetim ilustrado que antecedeu a moderna banda desenhada tornava-se dia a dia mais popular.

SALVE...



O SEU PRODUTO DA HUMIDADE COM O DESUMIDIFICADOR *Kelvinator*



Com o desumidificador Kelvinator acabam os seus problemas de armazenagem — os seus produtos ficarão para sempre protegidos da ferrugem, do bolor (papéis, tecidos, cabedais) ou de qualquer corrosão provocada pela humidade. Com pouco dinheiro e pouco dispêndio de electricidade ficará sempre seguro de poder garantir aos seus clientes um perfeito estado de conservação da sua mercadoria.

Distribuidores Exclusivos

sequel

Trav. do Moinho de Vento, 28 C
Tel. 67 32 94 / Lisboa 3

TOSSE-BRONQUITE

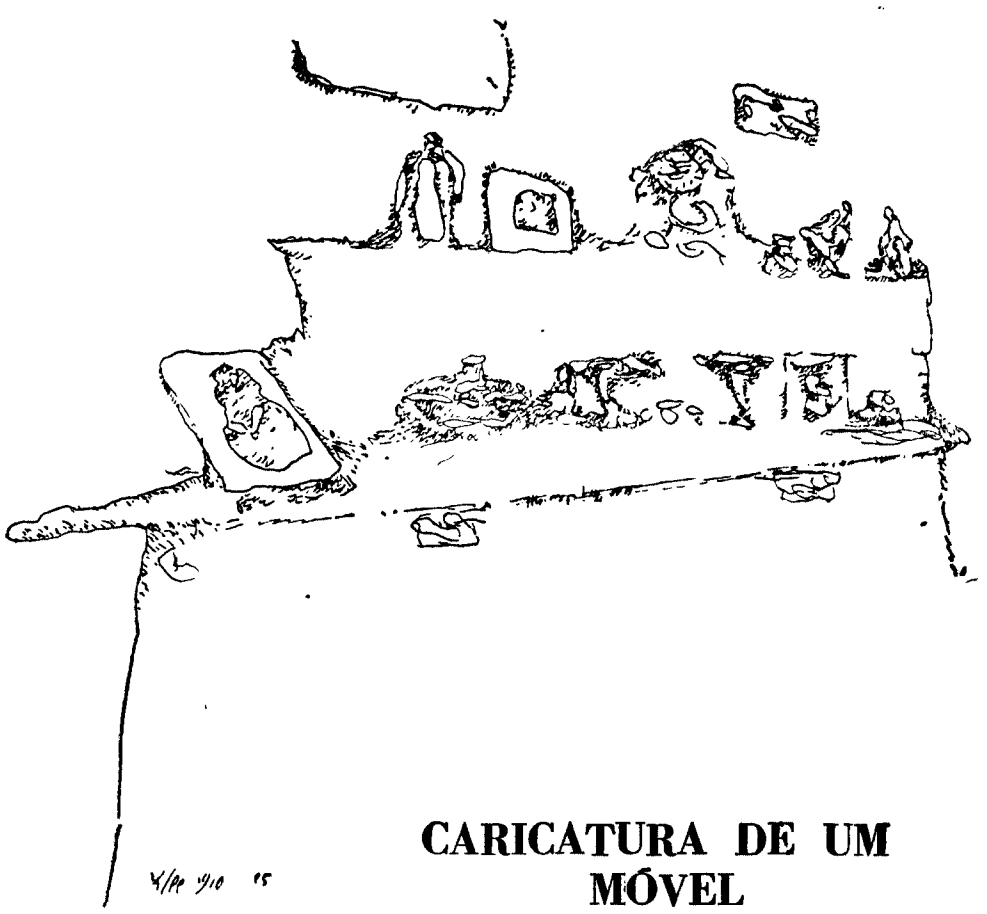
Se surge uma constipação, a bronquite agrava-se e a tosse apoquenta, com as dores de garganta e a rouquidão.

Alivie esse mal-estar, chupando
PASTILHAS BALSÂMICAS PUY (5 a 6 por dia)

A VENDA NAS FARMACIAS

CARICATURA
ATRAVÉS DO TEMPO

PAUL KLEE



CARICATURA DE UM
MÓVEL
(1910)

SENSACIONAL

Va a Madrid, na Pascoa, OFERTA JOVICA, 30 Viagens (15 premios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pluma de luxo, Hotel de 1.ª, visita à cidade e Vale dos Caidos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71, autorizado pelo Ex.mo Sr. Governador Civil de Lisboa. E na altura da compra recebo logo o P.F. JOVICA [illegible] os clientes

TELEVISORES
Desde 100$00 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS
Desde 100$00 Mensais

ESQUENTADORES
Desde 100$00 Mensais

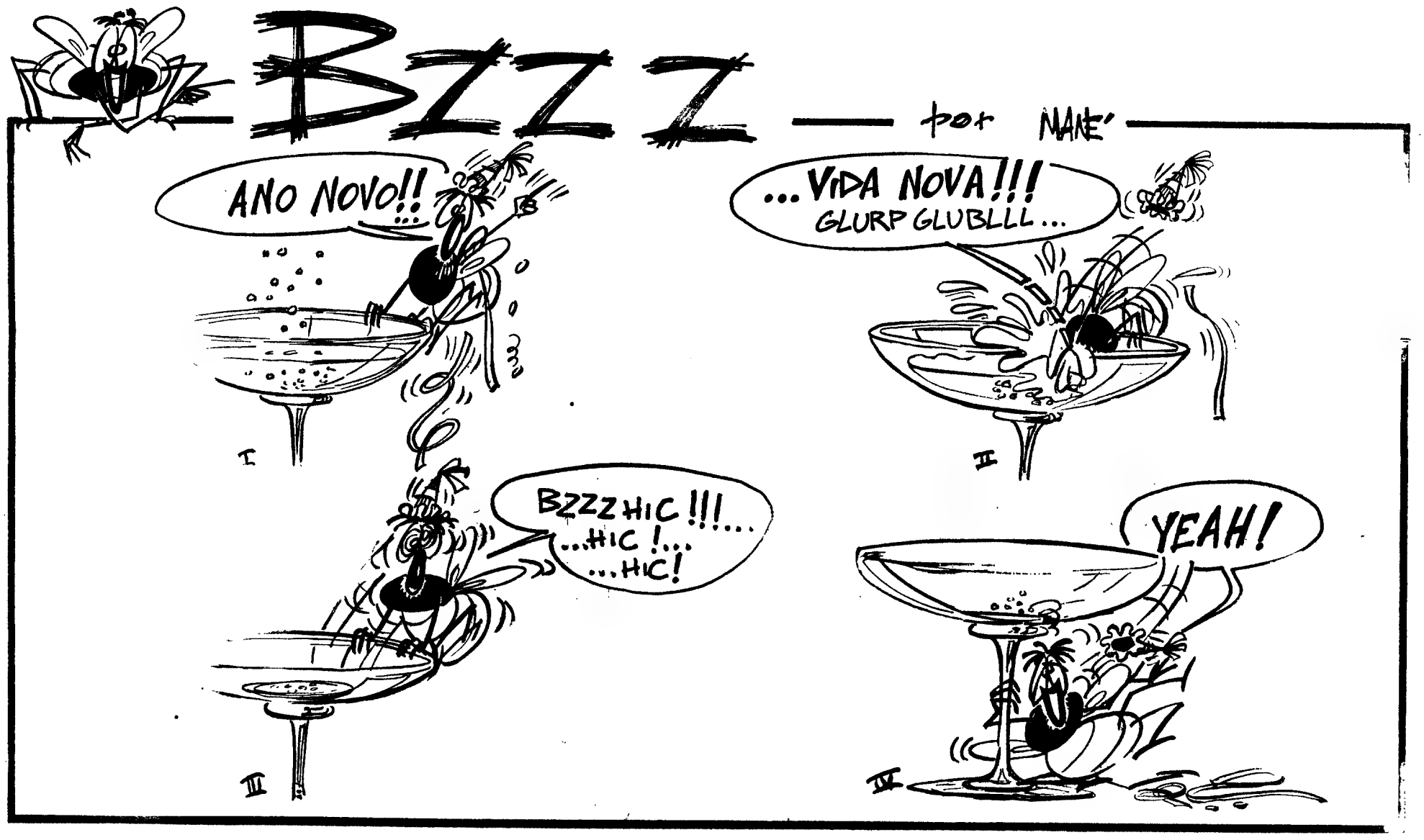
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
Desde 150$00 Mensais

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA
Desde 150$00 Mensais

SEM | ENTRADA FIADOR

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânica, 12-D
Telef. 53 45 36
Avenida 5 de Outubro, 53-C
Telef. 4 77 69
FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS
VENDA NOVA



PICASSO:

Caricatura de Apollinaire

COCTEAU:

O pintor impressionista

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

EMPRESA PÚBLICA

AO SERVIÇO DA NAÇÃO

Cumprimenta os seus Assinantes e apresenta os melhores votos de um Feliz Ano Novo

Ano morto - Ano posto - Poema épico em 4 CANTOS

Por URBANO CIDADE

CANTO I

Ano morto e decomposto
Uma história em 5 passos
2 bicas
3 bagaços
Notícias
E ameaços
Chuvas
Ventos
Barcos
Bolas
Turistas
Sóis
Futebóis
Campeonatos
Festivais
Cantigas ao desafio
De vez em quando é calor
De vez em quando faz frio
Há dias que correm bem
Outras vezes nem por isso
Um copo de 3 bem servido
E uma sandes de chóriço

CANTO II

Totobola
Grande sorte
Grande sorte maior morte
Grande nau
Grande tormenta
A Este
Oeste
Sul
Norte
Ou se é forte
Ou se arrebenta
Já dizia a Mariquinhas
Já dizia o Maricaço
Debaixo daquela arcada
É que mora
O tal ricaço
Mora o ricaço em Lisboa
E o pobretanas no Minho
Pão mais barato
Ou mais caro
Bacalhau cozido
E vinho
Vinho verde
Vinho tinto
Em vez do peru
Veio pinto
Veio um pinto
E um leitão
Pinhões
Nozes
Chocolates
Um lindo cordão de prata
de 42 quilates

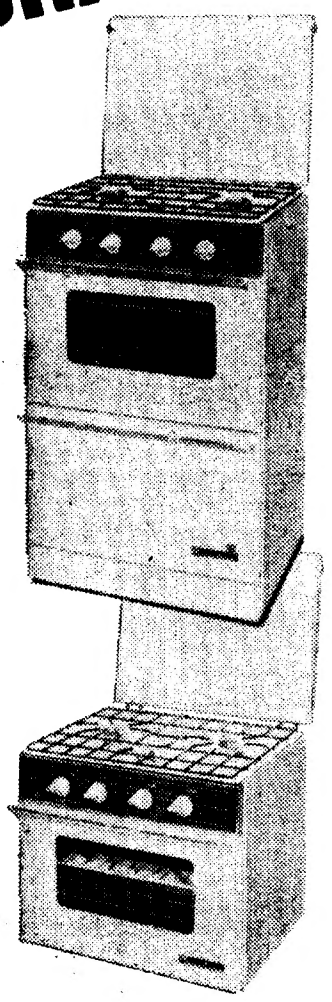
CANTO III

Bica preta amargurada
Procura poeta em moda
P'ra se desoprimir da vida
P'ra descansar desta roda
Roda viva
Roda morta
Velha
Gasta
Estrangalhada
Vira a roda
E toca o mesmo
E toca o nada
Toca toca
Altissonante
Discurso
Boné
Turbante
Farda amarela
Importante
Facada
Faca
Faqueiro
Faqueiro de prata linda
Sorriso de «com certeza»
E a alegria construída
Começada
Mas já finda
Mas já finda
Mas já finda

CANTO IV

Ano morto
Ano posto
Ano vai
Ano que vem
Mas sempre
Com o mesmo rosto
Ano posto
Decomposto
Reposto no mesmo sítio
Repasto do mesmo engano
Ano morto
Ano posto
Ano velho
Já não presta
E se a gente
Fizesse uma festa
De cada dia do ano?

nova linha moderna com
VISOR PANORÂMICO



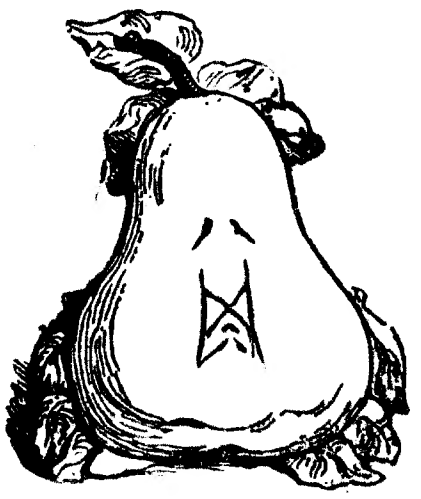
- Porta do forno com visor panorâmico, permitindo uma visão completa do interior
- Linhas modernas e funcionais
- Sólida construção com esmaltagem da melhor qualidade
- Grelha plana em aço esmaltado
- Puxadores em aço inoxidáveis e isolados
- Forno equipado com gambiarras móveis
- Chama regulável, com calculada amplitude de mínimo e máximo
- Botões de comando resistentes, elegantes e funcionais
- Forno de cor calculada para uma melhor visão do interior
- Garantidos por dois anos

Rili

FOGÕES DE LUXO E QUALIDADE
A PREÇO VANTAJOSO

A CARICATURA ATRAVÉS DOS TEMPOS

CHARLE PHILIPON



Charle Philipon — gravura em madeira de Luis Filipe desenhada em 1832 e publicada no Charivari em 1843.

Julgado por esta caricatura, Philipon alegou: «A primeira parece-se com Luis Filipe e a última apesar disso é uma pêra! Onde acabareis vós, se seguissels o princípio que nos querem impor? Condenareis a primeira? Nesse caso tereis de proibir a última porque se assemelha à primeira e, portanto, ao rei... e tereis de proibir todos os desenhos que fossem lagos em baixo e estrelas em cima...

VIATURAS USADAS

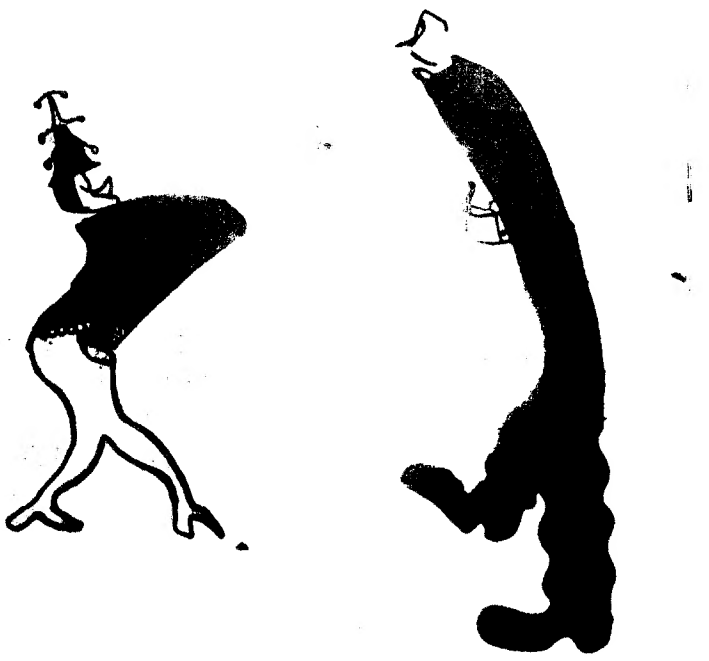
GARANTIDAS ATÉ 20.000 KM

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

ENTREPOSTO ENTREPOSTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS, SARL

RUA D. ESTEFÂNIA N.º 118-A (AO ARCO DO CEGO) TEL. 53 32 71 – 55 33 10
PRAÇA DE MOSCAVIDE (AOS OLIVAIS) TEL. 31 40 60-1-2-3-4-5-6-7-8-9

FRANZ KAFKA: «Pedinte e benfeitor»



MOBILIÁRIO MODERNO

tipo nórdico

Para quartos, salas de jantar e de estar. Grande variedade de maples e sofás, estofados em tecidos exclusivos

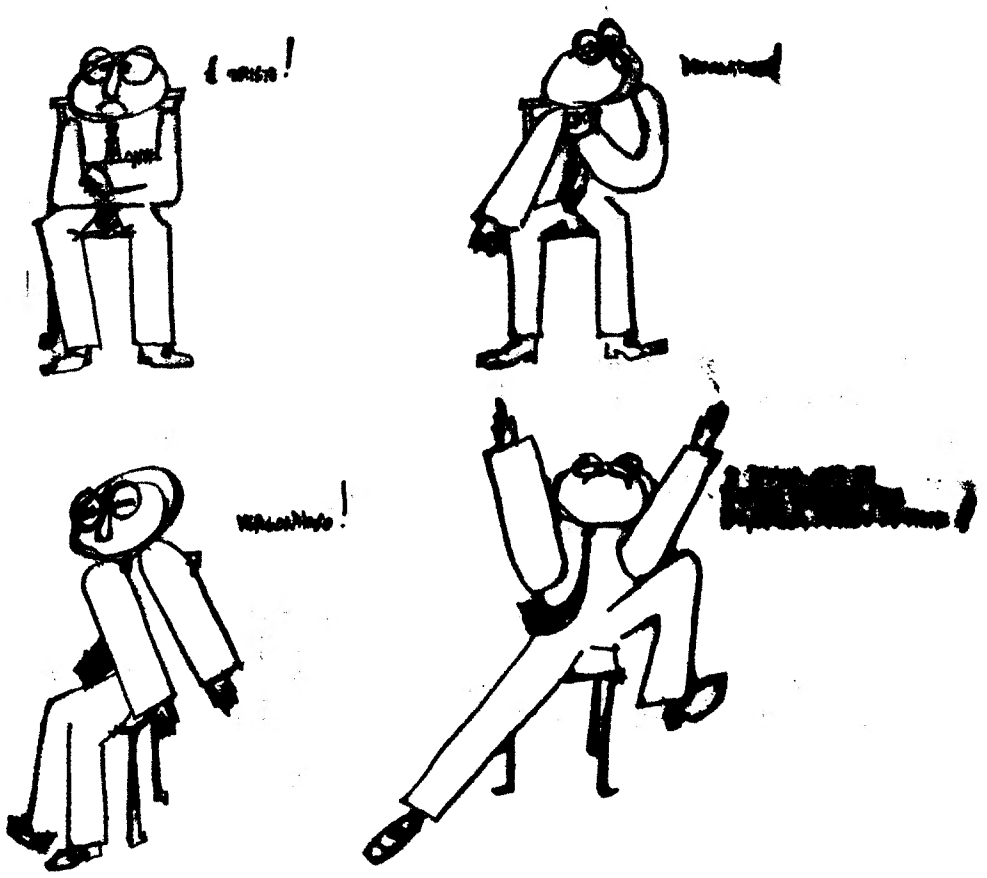
a melhor qualidade
aos melhores preços

Exposição e vendas na:
Avenida Almirante Reis, n.º 30-C
Lisboa
telefone 831150

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Aeias, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, na gare do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

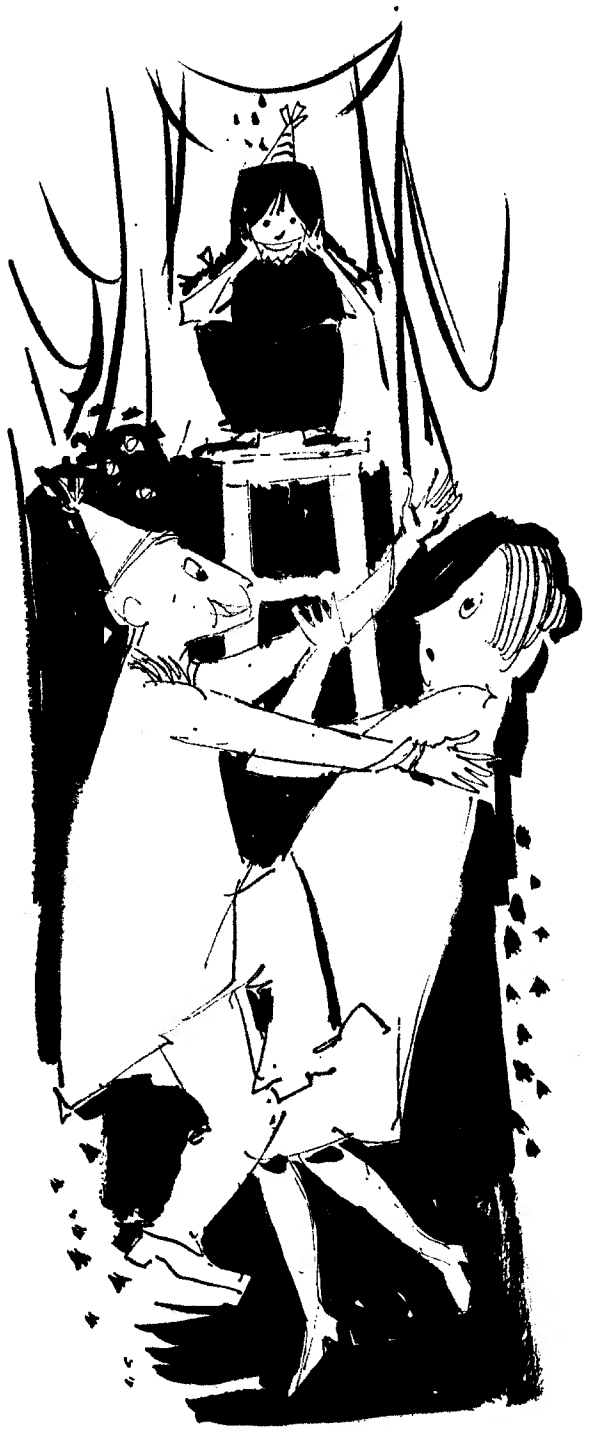


VAMOS DEPRESSA QUE A HISTÓRIA É DIVERTIDA

CRÓNICA

ANO NOVO VIDA NOVA

Vem aí mais um ano novo eu na minha já tive uma data de anos novos e por isso sei oomo é a gente vai para a sala ver televisão e põe em cima da mesa uma garrafa de espumante de vinte e cinco escudos e as três taças que a minha tia Amélia deixou em testamento ao meu tio Malaquias e que ele deu de sobras ao meu pai quando foi das trocas das terras por conta duma vaca que nunca chegou a vir e quando chega a meia-noite o meu pai enche as taças de espumante dá uma a cada um e diz «Viva o ano novo !» a gente bebe o espumante e diz «Viva !» «depois o meu pai «Hip Hip Hurrah !» e eu digo «Hurrah !» a minha Mãe não diz nada porque acha que é estúpido falar francês numa festa portuguesa e quando eu acabo de dizer «Hurrah» o meu pai pega outra vez na garrafa do espumante e enche as taças mas desta vez só enche a dele e a da minha mãe o que é uma grandecíssima injustiça porque o ano novo é para todos não é só para os pais e eles bebem o espumante e o meu pai leva a garrafa à boca e bebe o resto pelo gargalo o que é outra grandecíssima injustiça porque as mulheres também são gente e lá por serem mulheres não deixam de gostar de beber pelo gargalo especialmente champanhe de 25$00 que é um bem bom que põe bolhas no nariz da gente e dá vontade de assoar nessa altura o meu pai põe o sobretudo e vai até à sociedade falar com os amigos e a gente vai para a cama e pronto o ano novo é isto mas o que acontece é que lá para as tantas a gente acorda com um estoiro bestial uma pessoa com menos experiência de anos novos do que eu até podia pensar que o prédio tinha desabado ou que havia um tremor de terra mas a minha mãe e eu que já temos uma experiência danada nisto de anos novos sabemos muito bem que é o meu pai a escorregar na escada à vinda da sociedade onde esteve a falar com os amigos de maneira que abrimos a porta e vamos ajudá-lo contra a vontade dele sim porque por vontade dele nada disso era preciso e ele subia a escada sòzinho mas que há-de a gente fazer senão ajudá-lo quando sempre que ele dá um passo sòzinho escorrega e vai outra vez malhar com os ossos no empedrado do fundo da escada? mas ele vem sempre a reclamar contra isto e contra aquilo quase sempre contra o Sporting porque como ele é do Benfica não grama o Sporting e está sempre a queixar-se dos lagartos a meio da escada é que é o bom e o bonito porque ele desata sempre a cantar a Portuguesa lá porquê não sei desde que começaram os anos novos cá em só me lembro dele cantar outra uma vez há dois anos quando ele chegou ao patamar do primeiro andar e começou a cantar uma cantiga espanhola que era «besamemucho» e não sei que mais e agarrou-se á minha mãe a chamar-lhe Lola e amorsito e «guapa» que é uma palavra espanhola e a dançar com ela como nas fitas de cinema uma verdadeira indecência e a minha mãe a querer fugir e a dizer «larga-me homem» e «olha para o que te havia de dar» e «olha que acordas a vizinhança» e ele a rodopiar agarrado a ela e a dizer «besamemucho» como se tivesse a boca cheia de açúcar e vai no meio daquilo a vizinha D. Alzira abriu o postigo da porta e a gente ouvia-a lá dentro a lutar com o marido porque ambos queriam espreitar e o meu pai a falar para o postigo a dizer-lhe «Salta aqui pó estrado salerosa» que é outra palavra espanhola e vai a D. Alzira teve um fúria abriu a porta e apareceu no patamar com uma data de papelinhos na cabeça a chamar desbravado o meu pai eu não sei o que isso quere dizer mas calculo que seja um palavrão em espanhol e «homem sem vergonha» e «malandrim» e «porcalhão» e ele a toureá-la com o sobretudo e a dizer «Olé !» e a chamar-lhe «paloma» que é outra espanholada uma vergonha uma autêntica vergonha foi preciso vir o guarda nocturno ajudar-nos a metê-lo na cama e mesmo depois dele já deitado deu um salto e começou a correr no corredor a gritar que não estava para perder a vida porque só tinha uma e não sei que mais tudo uma vergonha uma verdadeira vergonha o que vale é que nos outros anos novos só canta a Portuguesa porque se fosse sempre a mesma coisa a gente não aguentava este ano espero que não haja vergonhas e que a gente beba o nosso espumante oiça a Portuguesa lá para as tantas e durma sossegados.



GUIDINHA